Diário de Lisboa

ANO 64 N.º 21 496
Julho 1984
Segunda-feira

2

30$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Proposta de Lei sobre Segurança Interna

Contestação no Partido Socialista na véspera do debate parlamentar

Pag. 20

"Disparo" decisivo no campo de tiro de Rio Torto

CNARPE vai apoiar candidato próprio nas presidenciais 85

● *Novo partido irá inserir-se na área do socialismo democrático e da social-democracia*

Mais de 120 activistas da CNARPE, representando todos os distritos do País, reuniram-se no sabádo no campo de Tiro de Rio Torto perto de Abrantes, para «analisar a situação nacional em vários domínios, designadamente o institucional e o político» e debateram «as suas possíveis formas de intervenção, em ordem a contribuir, como a sua consciência lhes impõe e pensam que os interesses de Portugal exigem, para encontrar uma alternativa democrática» para aquela situação.

Ao fim de dez horas de debates e intervenções saiu a decisão de activar as estruturas distritais e concelhias e criar uma Comissão Nacional Provisória, com sede em Santarém, com vista à formação de um nova força política.

No domínio político, de concreto, decidiram já que apoiarão em 1985 um candidato presidencial próprio.

Pág. 6

Herminio Martinho e José Carlos de Vasconcelos numa troca de impressões sobre a proposta que reactivaria as estruturas distritais e concelhias da CNARPE.

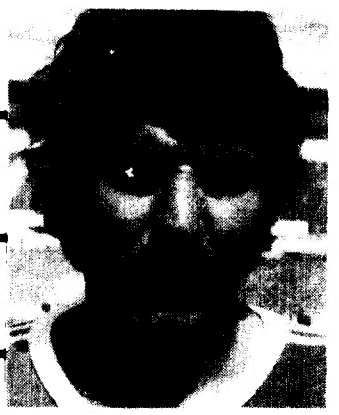
Os «tabuleiros» são uma longa tradição que se repetiu, mais uma vez, em Tomar

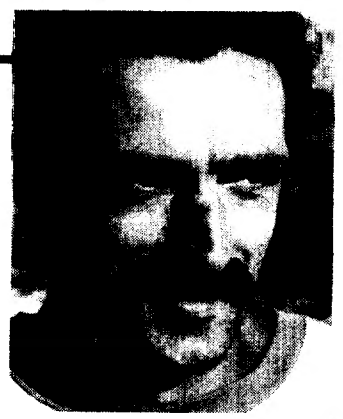
"Tabuleiros": adeus, até ao meu regresso

Pág. 9

Novo seleccionador de futebol

Toni ou Torres: escolha para hoje





Hoje mesmo, o quadrunvirato de técnicos que esteve em França com a selecção nacional de futebol recebe cartas de agradecimento **«pelos serviços prestados»,** caducando automaticamente os compromissos com Toni e António Morais e ficando apenas vigentes (até 31 do corrente) os contratos com Fernando Cabrita e José Augusto, que igualmente não serão renovados. Enquanto isso a Federação vai esta tarde revalidar o convite já endereçado a um treinador português: José Torres ou Toni são os dois nomes da primeira fila do interesse federativo que deseja rapidamente arrumar a casa com vista ao campeonato mundial que já terá jogos qualificativos no mês de Setembro. Na pág. 13, o nosso enviado especial ao europeu (em França) abre um «dossier» precisamente sobre o comportamento do quatrunvirado técnico nessa jornada inédita do nosso futebol.

Pág. 13

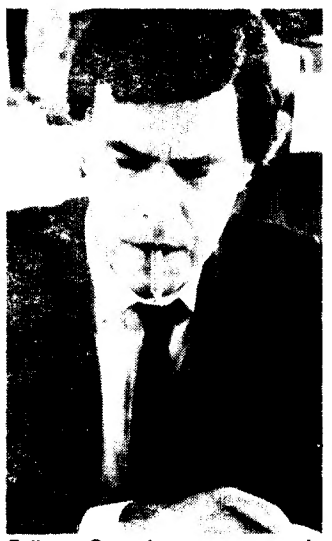
Hoje oito páginas do suplemento "Sete Ponto Sete"

Balanço da reunião sobre "O Desafio Democrático na América Latina"

Uma coisa são as intenções outra são os resultados

Se a última sessão plenária da reunião intitulada «O Desafio Democrático na América Latina», tivesse sido um espectáculo, e não o fecho de um encontro internacional, haveria sobejas razões para que o empresário perdesse a cabeça. Tudo correu mal. A vedeta do encontro não apareceu. O outro orador-chave da sessão tornou-se, de repente, fulcro das atenções, não devido à reunião, mas porque no seu país – a Bolívia – mais uma vez a democracia era posta em causa, não pelas razões da Comissão Kissinger, mas pelo ciclo infernal que as oligarquias locais, ligadas aos monopólios estrangeiros (sobretudo norte-americanos) não parecem estar dispostas a encerrar, ao contrário daquilo que o dr. Mário Soares previa na véspera.

Mário Soares: resultados diferentes das intenções?



Felipe Gonzalez: ameaça de bomba tornou-o no grande ausente

Felipe Gonzalez, chefe do governo espanhol, vice-presidente da Internacional Socialista, homem conhecido pelas suas posições críticas em relação aos EUA no tocante à América Central, não veio. Razões oficiais: uma ameaça de bomba no aeroporto de Barajas atrasou o voo, e, quando o incidente foi sanado, era tarde de mais para ele vir. Os jornalistas espanhóis presentes na reunião souberam que Felipe Gonzalez não chegou a ir a Barajas, embora alguém tenha dito que ele telefonou mesmo de Barajas avisando que não podia chegar a horas. Juan António Yañez, assessor do chefe do governo espanhol, declarou-nos que as razões oficiais da ausência de Felipe Gonzalez eram as únicas verdadeiras e que as especulações feitas em torno dessa ausência não tinham fundamento. No entanto, uma coisa é certa: a impressão generalizada foi a de que Felipe Gonzalez se terá recusado a vir caucionar os objectivos desta reunião. Para não os caucionar teria de ser muito duro, e a ANOP no dia anterior previra um discurso crítico de Felipe Gonzalez. Em nome dele, falou – mas apenas apresentando tópicos de uma mensagem e não lendo o discurso – Yañez, que não se esqueceu de sublinhar a solidariedade e a amizade Gonzalez-Soares e que deixou bem claro o apoio de Madrid ao processo eleitoral sandinista e a fidelidade aos princípios que a Internacional Socialista vem propugnando para a América Central.

Acalmada a tensão causada pela falta de Gonzalez, a reunião começou. Para os jornalistas, era uma certa frustração que se adivinhava. Mas o encontro acabou por ser uma coisa inesperada, espantosa por diversas razões. Mal tinha começado, vieram as notícias perturbadoras da Bolívia e novamente reinou a agitação. Jaime Paz, que é, em si mesmo, um símbolo vivo dessa América Latina que tanto preocupa certos europeus, deu a todos uma lição de serenidade, pediu-nos que não entrassemos em pânico, ficou sentado, e o único sinal de nervosismo que transmitia eram os cigarros que acendia com frequência demasiada.

Fizemos todos por esquecer, e a reunião prosseguiu. Ora, voltando à imagem inicial, se aquilo fosse um espectáculo, havia mais uma razão para que o empresário perdesse a cabeça.

Aquele não foi o espectáculo anunciado. Foi outro completamente diferente, e, às tantas, não sabíamos muito bem onde nos encontrávamos. Estaríamos na mesma sala onde o dirigente sindical dos EUA, Lane Kirkland, no dia anterior traçara o programa Kissinger para a América Central e colocara a Nicarágua no banco dos réus? Ou algum passe de mágica teria ocorrido e estávamos noutra reunião, noutro encontro, com outra gente?

Objectivos

Nas breves palavras com que Mário Soares encerrou a conferência, fugiu-lhe uma revelação: embora o encontro se denominasse «O Desafio Democrático na América Latina», o objectivo principal em vista era a situação na América Central. O seu discurso do dia anterior tinha deixado essa suspeita no ar. A ausência dos sandinistas, a presença de um representante do arcebispo de Managua e o convite feito a um «contra» eram sinais de que esta reunião de Lisboa visaria isolar a Nicarágua, considerar que existe um desafio «totalitário» na América Central. É certo — que nos seja permitido este parêntesis — que o dr. Mário Soares disse que tinha mandado um convite a um comandante sandinista (qual?), convite reiterado a Bayardo Arce, quando este se deslocou na semana passada a Lisboa, e que o embaixador nicaraguense em Lisboa tinha sido visto, pelo menos, num dos actos sociais de conferência, um banquete, segundo nos parece. Gerou-se acerca disso uma certa confusão. E houve alguém do gabinete de Imprensa da reunião que nos disse que Mário Soares tinha visto o embaixador nicaraguense de Madrid no tal «acto social» e não propriamente o embaixador nicaraguense em Lisboa. Mas isto são coisas da pequena história...

Aquilo que este encontro pretendia ser está perfeitamente descrito, com meridiana clareza no discurso do dirigente da AFL-CIO, Lane Kirkland, e está bem simbolizado pela delegação norte-americana que se deslocou a Lisboa. Havia um assistente especial do presidente dos EUA, Walter Raymond Jr., havia o sr. Irving Brown, «pai» do chamado «sindicalismo democrático» e toda uma série de representantes sindicais e de centros de estudos e associações para a «liberdade sindical no mundo».

Se nos reportamos ao discurso de Lane Kirkland, temos que se pretendia retirar desta reunião um consenso opinativo sobre a necessidade de aplicar as conclusões da Comissão Kissinger à problemática centro-americana. É necessário que os EUA assistam aos movimentos sindicais latino-americanos para evitar a subversão tanto de direita como de esquerda. «O governo da Nicarágua está hoje empenhado através da intimidação e da coerção, em retirar aos trabalhadores o seu direito a sindicalizar-se e a controlarem os seus próprios sindicatos, procurando obrigá-los a criar uma federação sindical controlada pelo governo sandinista». A fim de solucionar a miséria e as outras injustiças na América Latina, há que criar o organismo recomendado pela Comissão Kissinger — o CADO, Organização para o Desenvolvimento da América Central, com representantes sindicais, governamentais e dos meios de negócios, com vista ao reforço do movimento sindical democrático através de toda a região.

Como se conclui do discurso de Kirkland, há que proceder na América Central a um programa de reformas sociais, aceites por sindicatos de conciliação, e realizadas em consonância com os EUA. O «modelo» sugerido expressamente foi a da reforma agrária de El Salvador, embora esse modelo, dadas as circunstâncias posteriores, não deva, não possa ser invocado por ninguém que se pretenda minimamente realista.

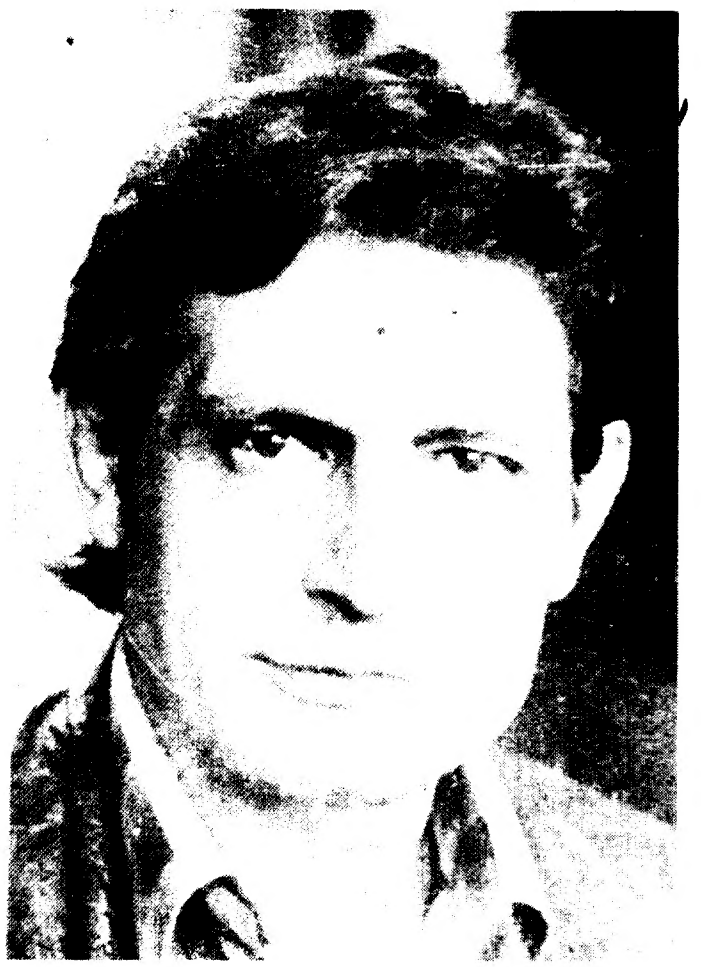
Para Lane Kirkland, o «desafio» que a democracia enfrenta na América Latina e na região centro-americana é a «ameaça militar levantada pela subversão soviética e cubana».

A sintonia existente entre este discurso e as palavras (moderadas, mas claras) de Mário Soares no início da conferência leva-nos a entender que a verdadeira designação do encontro devia ter sido outra: «como combater os fenómenos revolucionários na América Central».

Os oradores

Na sessão final houve duas espécies de oradores: uns, que fingiram não ter percebido em que espécie de encontro estavam a participar, e que tudo destruíram pelo rigor das suas análises, consideradas decerto bastante eloquentes para não precisarem de mais especificações.

Outros, porém — foi sobretudo o caso de um alemão e de um sueco — decidiram «partir louça». Embora com certas **nuances,** louça partida foi também o discurso do salvadorenho, Guillermo Ungo, que começou por lamentar ali a ausência da Frente Sandinista de Libertação Nacional, mas cujas palavras, duras embora, ficaram aquém do esperado. Na tribuna sucederam-se uma série de oradores. Houve momentos muito comoventes. Rígido, quase como uma estátua, o argentino Hipolito Solari, assessor do presidente Alfonsin, disse em termos inequívocos que a política da Argentina deixaria de ser feita em Washington para passar a ser decidida em Buenos Aires. Com humor (caso do brasileiro Fernando Henrique Cardoso), com solenidade, com um fulgor e uma vibração excepcionais (Jaime Paz) todos quantos falaram demonstraram que o grande desafio à democracia na América Latina vem dos EUA. Vem dos EUA, por razões políticas. E vem dos EUA por razões económicas. A dívida externa, os jogos infames da banca norte-americana, a pilhagem de recursos da América Latina pelos EUA foi tudo ali exposto, sem que mais ninguém falasse em subversão comunista nem na URSS nem em Cuba.



Jaime Paz Zamora: o «estreiato» por força de uma intentona

É verdade que a dado momento apareceu na tribuna um sacerdote, de negro vestido, com traços índios indismentíveis e aquele colarinho branco e rijo, já **démodé,** que falou de qualquer coisa. Pareceu que falava daquilo que a sua Igreja, a igreja do arcebispo de Managua entende por socialismo, e pareceu também que essa cartilha socialista da Igreja oficial da Nicarágua se define por contraposição ao que está a ser feito pelos sandinistas. Viemos a saber depois que se tratava de Monsenhor Bismarck Carballo, mas aquilo de que ele falou decerto foi diferente da nossa interpretação, porque ele disse também que os padres e os bispos não têm que fazer política. Concluímos, portanto, que aquilo foi uma homilia, deslocada num forum onde se tratava de assuntos muito sérios, com uma soma impressionante de dados, cifras sobre a pilhagem da América Latina e a impossibilidade do seu desenvolvimento enquanto as presentes circunstâncias se mantiverem.

O alemão Uwe Holtz, presidente da Comissão de Cooperação Económica do Parlamento Federal e vice-presidente da Comissão de Relações Internacionais do Comité Executivo Nacional do SPD, e o sueco Pierre Schorri, secretário de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros, não terão feito os discursos mais brilhantes. Mas deram as grandes «pedradas no charco».

Ambos se assumiram como inimigos ideológicos do comunismo, ambos se assumiram como contrários às «interferências» e «agressões» da URSS contra outros povos, ambos se assumiram como defensores dos «dissidentes» dos países socialistas. Mas ambos recusaram em termos claros, expressos, a paz americana na região da América Central. O primeiro condenou a invasão de Granada em termos explícitos, o outro fê-lo em termos implícitos. Os discursos de ambos foram uma resposta clara a Lane Kirkland. Os princípios por eles defendidos foram estes: não pode haver paz sem justiça, nem democracia com agressões estrangeiras, o respeito pela lei internacional é um elemento vital da democracia, o povo da Nicarágua tem o direito a construir o seu futuro sem agressões estrangeiras, a guerra secreta contra a Nicarágua é moralmente indefensável, os «contras» são recrutados na sua maioria entre gente de Somoza, na América Central há hoje mais refugiados, mais sofrimento humano, mais massacres, mais presença e acção militar estrangeiras que nunca. A solução para os problemas da América Central deve ser encontrada no documento intitulado **Acta de Contadora para la Paz y la Cooperación Centro Americana:** esta é a verdadeira paz centro-americana e não **pax cubana nem a pax americana.** Há que escolher entre o Grupo de Contadora os «contra», há que optar entre as soluções políticas e as militares. Em suma: Uwe Holz e Pierre Schorri quiseram deixar bem claro que os planos da Comissão Kissinger são a outra face da «pax americana» decididamente rejeitada por eles, e que, em vez desse esquema, há que respeitar aquilo que os próprios centro-americanos elaboraram, sem interferências de ninguém: a Acta do Grupo de Contadora.

Lamentamos não ter espaço para aludir às referências deveras importantes e às análises brilhantes feitas pela maioria dos oradores sobre a presente situação na América Latina. Jaime Paz, vice-presidente constitucional da Bolívia, fez um resumo histórico do «terrorismo» que se abateu sobre os povos latino-americanos e filiou-o na acção infame dos conquistadores contra o último inca. Sobre o encontro de Lisboa, Jaime Paz afirmou que antes de se deslocar ao nosso país vinha com certa preocupação, derivada do facto de uns terem sido convidados e outros não. Mas, depois do diálogo realizado, concluiu que esta reunião tinha de facto valido a pena.

O dr. Mário Soares prometeu que a Fundação das Relações Internacionais vai editar um livro onde serão publicadas todas as intervenções e todos os relatórios saídos desta conferência. Tratar-se-á sem dúvida de uma obra importante, indispensável aos estudiosos dos problemas latino-americanos.

Há um velho ditado português segundo o qual Deus escreve por linhas tortas. As linhas deste «desafio» foram, acabaram por ser, tortas, e todos os que são pela paz e pela justiça na América e no Mundo só podem estar satisfeitos com esta reunião. A intenção não terá sido das melhores. Mas os resultados foram bons e são os resultados que afinal contam.

Alice Nicolau

EDITORIAL INQUÉRITO
UMA EDITORA RENASCIDA
TRADIÇÃO, ACTUALIDADE E QUALIDADE
UM GRANDE ACONTECIMENTO EDITORIAL
General Copel
VENCER A GUERRA
OUTRA DEFESA, OUTRO EXERCITO
— UM «LIVRO DE CHOQUE» QUE «FAZ TREMER OS ESTADOS-MAIORES»
(*Le Point*)
— «UM LIVRO ICONOCLASTA, MAS SALUTAR»
(François de Rose em *L'Expresso*)
Um jovem e brilhante general francês tem a coragem:
— de criticar a estratégia de defesa ocidental, pondo frontalmente em causa, como ineficaz, irrealista e perigoso, o «dogma» da dissuasão nuclear;
— de apresentar soluções diferentes para salvaguardar a independência do Ocidente, evitando ao mesmo tempo o risco do apocalipse.
Um livro que suscitou e continua a suscitar grande controvérsia na opinião pública ocidental e nos meios militares da NATO e que é urgente conhecer e discutir também em Portugal.
Trav. da Queimada 23, 1.º Dt.º 1200 LISBOA Tel. 32 86 59
INQUERITO
EDITORIAL INQUERITO
Distribuição: Publicações Europa-América

política de A a Z

O «eanismo» toma forma

O Campo de Tiro de S. Miguel do Rio Torto, ao findar o mês de Junho, nasceu — no dizer dos 120 «cnarpistas» presentes — «uma nova e indispensável força política». Se o tiro, disparado a 30 de Junho, vai atingir, direito e directo, o «sistema», ou se irá ser atenuado por «reflexões», «meditações», «seminários», é a interrogação que muitos cidadãos deste país fazem.

O «país político» tem os seus complexos e os seus ritmos, o «país da realidade» (Herculano) as suas limitações e as suas exigências, o «país-povo», confrontado com a **crise**, *está cansado de promessas, de projectos, de retórica e de jogos estratégicos.*

Neste sétimo mês de 1984, agora que o Verão começa a aquecer, a **crise** *sobe a temperaturas altas e o desespero ferve e alastra, a criação, sem pressas mas com passos certos, de uma «força política» pode, eventualmente, vir a constituir um factor decisivo de alteração da correlação de forças no campo político-partidário. Muitos vinham sonhando com a criação desta «nova força política». Muitos depositam nessa alteração da correlação de forças a esperança de que seja um factor de regeneração do «sistema político». No Campo de Tiro de S. Miguel do Rio Torto, por virtude de um texto de 42 páginas e da vontade política emergente dos cento e vinte cidadãos participantes, o «eanismo» despia as roupagens de um messianismo de salvação, e apresentava-se ao País como um projecto nacional de regeneração da vida pública através da intervenção política de carácter partidário. Não interessa que a nova força política adopte, ou não, a designação de «partido», porque, como aliás um dos seus promotores, o engenheiro Hermínio Martinho já reconheceu, a nova força política actuará como partido, exercerá uma acção, terá uma função, que corresponde a esse estatuto.*

*Claro que o facto de surgir como uma força política organizada o «partido eanista», isso não significa que esse seja o «partido de Eanes», ou que Eanes, mantendo-se no exercício da Presidência da República, assuma a directa liderança de «***um** *partido». Mas a nova força política, constituída a partir da iniciativa e da capacidade de organização de apoiantes da* **segunda candidatura** *do general António Ramalho Eanes, reivindica-se afecta, no plano da ideologia, à social-democracia e ao socialismo democrático. Posições estas, em que o Presidente da República, como homem político, se situa.*

Temos, portanto, que na reunião dos cento e vinte «excnarpistas» no Campo de Tiro de S. Miguel do Rio Torto, se deliberou criar «uma nova e indispensável força política» que, paradoxalmente, no quadro partidário existente, se vem inserir nas áreas do Partido Socialista e do Partido Social-Democrata. Força «nova e indispensável» ou diligência suprema para deslocar as bases desses partidos, fomentar nessas organizações a rebeldia das cisões e o desvio dos eleitorados. Não se esqueça que as eleições presidenciais de 1985 estão aí à porta e que os que simulam estar delas distraídos na realidade vivem dominados, no aspecto positivo e no aspecto negativo, pela preocupação das candidaturas.

Daqui até finais de Outubro, concretizada em suas bases regionais a organização do movimento-partido, teremos possibilidade de avaliar até que ponto a criação da «nova e indispensável força política» será, ou não, orientada para a promoção de uma candidatura à Presidência da República. Será difícil, até onde se pode prever, que o movimento-partido se possa desenvolver e concorrer nas áreas do socialismo democrático e da social-democracia sem propor ao corpo eleitoral uma alternativa credível. Mas «a candidatura eanista» — não se confunda com uma candidatura de Eanes que a Constituição exclui — terá que ser viabilizada por um sistema de alianças.

Esta constatação coloca aos «eanistas» do movimento-partido um problema a que não podem fugir: o das alianças, o do posicionamento face às forças políticas existentes.

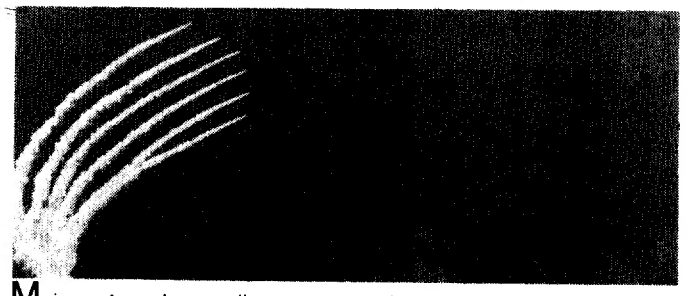
Até agora, tudo foi fácil. Definiram-se pela negativa; condenaram o «sistema»; censuraram a «classe política». O discurso crítico suscitou simpatia e uma expectativa favorável.

Chegou a hora das definições: da clareza táctica e da clareza estratégica. Uma estratégia de mudança política é — deverá ser — uma **estratégia orientada.** *O movimento-partido não pode situar-se no «neutralismo ideológico», nem no «sectarismo ideológico». Em Portugal à militância nas áreas do «socialismo democrático» e da «social-democracia», ao vazio ideológico, à disponibilidade política, corresponde um sectarismo, um espírito de facção, uma prática de clientelismo que tem compartimentado a vida pública, excluído cidadãos prestantes, reduzido a «área do Poder» a feudos e «subáreas» partidárias.*

Todavia, se a moralização da vida pública é imprescindível, se a despartidarização da vida autárquica é a garantia mesma da administração e do progresso locais, não se pense que um vago «eanismo», ideologia aberta só porque não elaborada, poderá dispensar, na aposta nacionalista e na reivindicação da participação democrática, o concurso daqueles que, nos partidos, desejam que o País mude e que a democracia se consolide. Que a Província se levante sem a Capital, e até contra a Capital, é a expressão de uma crítica cuja concretização organizacional poderá ser positiva.

Se... Se o movimento-partido vencer as ambiguidades de um discurso evasivo e, com a necessária frontalidade, pensar um futuro português à medida da esperança de Abril.

ponto a ponto



Meia centena de aparelhos representativos de todas as aeronaves da Força Aérea Portuguesa participaram ontem, no aeródromo de Vila Real, no **Festival** comemorativo do 32.º aniversário daquele ramo das Forças Armadas. O Festival, em que intervieram desde os caças supersónicos 1-7P aos helicópteros Alouette III, constituiu o momento alto das comemorações.

A União Democrática Internacional, conjunto de países de tendência conservadora, poderá reunir-se no próximo ano em Lisboa a fim de analisar a importância das relações Europa-África, anunciou o presidente da Comissão Política do CDS, **Lucas Pires**. Uma proposta nesse sentido apresentada pelo líder centrista em Oslo, durante a reunião da UDI, foi «calorosamente apoiada» pelo dirigente gaullista Jacques Chirac — disse ainda Lucas Pires.

O ministro da Cooperação de S. Tomé e Príncipe, Carlos Tiny, deverá manter hoje, em Lisboa, contactos com a Secretaria de Estado da Cooperação. Vindo de **Bruxelas**, onde teve contactos, designadamente, na **sede da CEE**, Tiny está na capital portuguesa desde sábado, regressando esta noite ao seu país, via Luanda.

Orlando Ribeiro e Macario Kastner receberam ontem os graus de doutores «honoris causa», pela Faculdade de Letras da **Universidade de Coimbra**. A presidente do Conselho Científico daquela Faculdade, Helena Rocha Pereira, apadrinhou Orlando Ribeiro e o reitor honorário da Universidade de Coimbra, Ferrer Correia, apadrinhou Macario Kastner.

Cerca de uma centena de autarcas socialistas reuniram-se sábado numa escola de Vila Nova de Gaia para debater aspectos da nova legislação autárquica. No encontro anual dos autarcas daquele município foram aprovadas três moções, nas quais se manifesta o desejo «de contribuir para uma ampliação integral da legislação do interesse autárquico como forma de contribuir para a consolidação do Estado democrático».

Dívida externa do III Mundo (conclusão)

A instabilidade do sistema internacional provém dos Estados Unidos

ALDO FERRER (*)

É indubitável que a dívida externa dos países latino-americanos não tem solução dentro do ajustamento tradicional dos pagamentos internacionais, mas não é impossível que possa pagar-se sem sacrificar o nosso futuro.

Mas, em definitivo, o problema reside na própria debilidade das forças nacionais para colocar os problemas nas suas bases reais e aproveitar o formidável potencial transformador da democracia.

A dívida externa da América Latina representa, actualmente, 40 por cento do Produto Bruto Interno (PIB), e 3,4 vezes o valor das exportações, proporções sem precedentes relativamente às variantes económicas reais.

Ao mesmo tempo, o volume físico das exportações latino-americanas aumentou 8 por cento entre 1981 e 1983, mas o seu valor declinou 10 por cento, com o qual os termos de troca se encontram no mais baixo nível desde a década de 1930.

Contrariamente ao que costuma supor-se, o ajustamento externo da Argentina foi mais rigoroso que noutros países da região.

Entre 1980 e 1983, as importações diminuíram em 57 por cento na Argentina, 50 por cento no México e 30 por cento no Brasil.

No triénio 1981-83, o pagamento de juros e benefícios representou 32 por cento das exportações argentinas, 17 por cento das brasileiras e 22 por cento das mexicanas.

Por outro lado, a Argentina entrou no processo de ajustamento depois de um prolongado período de estagnação: o produto por habitante em 1983 foi 15 por cento mais baixo que em 1970, enquanto no Brasil cresceu 60 por cento e no México 30 por cento, apesar da contracção dos últimos anos.

O produto «per capita» latino-americano caiu em 10 por cento entre 1980 e 1983, o desemprego cresceu em todas as partes e a inflação mais que duplicou.

Estes indicadores revelam as tensões impostas por um processo de ajustamento que, pese embora a sua intensidade, apenas chega para pagar parte dos juros.

A inflação transforma-se no instrumento para deprimir os níveis de rendimento real e provocar o superavit procurado no balanço.

Estes e muitos outros antecedentes explicam a inviabilidade do processo ortodoxo de ajustamento, ou seja, a impossibilidade de gerar, através das desvalorizações e da depressão continuada do nível de vida dos países devedores, o superavit necessário para pagar os serviços da dívida.

O cenário actual do endividamento latino-americano inclui, além do mais, um elemento inédito nas finanças internacionais: o ajustamento necessário não está determinado.

Dois terços da dívida consistem em empréstimos bancários com taxas ajustáveis em conformidade com os câmbios do custo internacional do dinheiro.

Um aumento de 1 por cento representa na Argentina um montante equivalente a dois milhões de toneladas de trigo e, se medido em termos de carne de bovino, 60 por cento das exportações actuais.

EUA factor de perturbação

A instabilidade do sistema internacional provém dos Estados Unidos, a economia mais rica do mundo e emissora, ao mesmo tempo, da moeda que é o principal activo de reserva internacional, porque se converteu num factor de perturbação da ordem mundial contemporânea.

O défice fiscal dos Estados Unidos ascende a 200 mil milhões de dólares e a isso acrescenta-se a estratégia de conter a inflação mediante a restrição da oferta monetária e o aumento da taxa de juros, será uma forte absorção de fundos ao resto do sistema financeiro internacional e generaliza o aumento da taxa de juros.

Para os países em desenvolvimento endividados, a política norte-americana é uma calamidade em toda a linha.

A dívida externa converteu-se num factor depressivo e caótico que subordina as políticas nacionais a factores exógenos incontroláveis.

O dilema com que se deparam os nossos países e, pois, se são ou não nações soberanas que decidem o seu próprio destino.

Devedores e países centrais têm responsabilidades pela crise, mas também a compartilham com os bancos credores que conceberam créditos sem qualquer condicionalismo relativamente ao destino dos fundos e facilitaram a execução de más políticas ou políticas francamente depredatórias nos países devedores.

A crise da dívida externa provocou modificações espectaculares nos pagamentos externos da América Latina, e, também, no caso argentino.

A entrada líquida de capitais na Argentina, no triénio 1981-83, fez face apenas a 40 por cento dos pagamentos de juros e benefícios.

A transferência de recursos para o exterior representou nos últimos três anos 33 por cento das exportações e 3 por cento do PBI.

A dimensão dessa transferência financiou-se com mais pobreza e o debilitamento da capacidade de crescimento a longo prazo.

Não basta, pois, definir a natureza das políticas de ajustamento e se estas são ou não recessivas.

O que temos que definir é quem decide o rumo económico e se os países latino-americanos conservam ou não o direito de decidir o seu próprio destino.

A definição da política de ajustamento deveria realizar-se entre os principais factores de cada país: os seus governos, os trabalhadores, empresários, partidos políticos. Ou seja, as forças vitais de cada sociedade nacional.

É realmente possível situar a dívida no quadro da política económica de cada país e dos seus objectivos nacionais?

A resposta requer que se tenham em conta dois factos principais: a disponibilidade de recursos e as relações de poder internacional.

Não há outro remédio que não seja assumir o cumprimento dos compromissos externos dentro do possível. Segundo as minhas estimativas, no caso argentino não se pode destinar mais de 15 por cento do valor das exportações ao pagamento da dívida, se se pretende relançar a economia e expandir o emprego, o rendimento real e as exportações.

Na Argentina, esse limite reduziria a transferência de recursos cerca de 1.500 milhões de dólares e, na América Latina, a redução seria de 30 mil milhões de dólares (registada em 1983) para metade desse montante (15 mil milhões).

Com tais reduções poderiam libertar-se recursos próprios para o investimento e o consumo internos, e se for dada prioridade à dívida comercial para o pagamento com recursos próprios, poderia manter-se a fluidez das correntes de comércio e o seu financiamento. A dívida de origem financeira pode ficar sujeita aos programas de reescalonamento dos serviços.

Não é credível a tese apocalíptica do isolamento internacional dos devedores que afirmem o seu direito à soberania e à autodeterminação e que mantenham o compromisso de ir pagando as suas obrigações.

Em situações limite, os credores revelam pouca vocação para adoptar atitudes irreconciliáveis com os países devedores.

Actualmente depara-se-nos um contexto externo fluido em que existe uma considerável capacidade de manobra para os devedores.

Além disso, e porque os principais devedores estão a viver dentro dos seus próprios meios, não é possível pressioná-los mediante a ameaça de cortar abastecimentos essenciais para o seu desenvolvimento e isto é particularmente evidente no caso argentino.

Um país com excedentes de alimentos, próximo do auto-abastecimento energético e com um substancial «superavit» comercial, vive, com efeito, com o que é seu e não se lhe podem cortar os víveres.

O que impede que os devedores internacionalizem o problema da dívida, determinem o montante do esforço máximo possível e reassumam o comando das suas economias nacionais?

As respostas ultrapassam o âmbito da análise económica, e

Continua na pág. 11

Para definir estratégia de entrada na CEE

CDS propõe criação de comissão tripartida

O Conselho Nacional do CDS, ontem reunido em Lisboa, propôs aos partidos do Governo a constituição de uma comissão tripartida («Governo, oposição democrática e parceiros sociais») que defina uma estratégia nacional para a entrada na CEE.

A mesma comissão deverá definir as potencialidades e vulnerabilidades portuguesas no espaço europeu, estabelecer as melhores formas de mediação nacional na relação entre a Europa e a África, situar a integração portuguesa no quadro atlântico e das relações luso-espanholas e inspirar a mobilização para as reformas e esforços necessários a uma integração vantajosa.

O Conselho reclamou do Governo «uma informação pública, exaustiva e objectiva sobre o estado do processo de adesão» à CEE, logo que isso não prejudique o normal decurso do processo negocial.

O mesmo órgão do partido do Centro Democrático Social exigiu do executivo português «uma política externa mais independente, mais condensada nos seus objectivos e mais voltada para a defesa dos interesses portugueses através do mundo».

Disse, por outro lado, que pode agora haver melhores condições para que os portugueses emigrados na Europa não tenham necessidade de regressar se o não desejarem: «compete ao Governo agir nesse sentido».

Depois de se ter debruçado sobre a garantia da entrada de Portugal no Mercado Comum em Janeiro de 1986, o Conselho Nacional do CDS debateu «a grande importância que assumirão as eleições locais em 1985» e sugeriu a escolha do dia 1 de Dezembro como «dia nacional dos municípios portugueses».

Noutro ponto dos seus trabalhos, constatou «ser ainda cedo para apresentar candidaturas presidenciais» e disse que o programa básico da candidatura do CDS deverá comportar o apoio à revisão económica e social da Constituição.

O Conselho afirmou apoiar uma candidatura que preveja a realização de eleições legislativas gerais, num prazo considerado satisfatório após as presidenciais, e que tenham «um programa claramente alternativo ao da candidatura do bloco socialista».

Por outro lado, decidiu que as celebrações do aniversário do partido, a realizar em Lisboa de 19 a 21 de Julho, se subordinem ao lema «Dez anos pelo futuro».

O Conselho Nacional do CDS aprovou na generalidade um documento síntese sobre as condições estruturais de regeneração económica e social do País, documento que será transmitido aos órgãos de Comunicação Social.

Por último, o comunicado sobre as deliberações do Conselho Nacional refere a criação de uma comissão mista entre o grupo parlamentar e a Juventude Centrista, encarregada de preparar as posições do CDS quanto ao tempo de duração do serviço militar.

No dia comemorativo da Madeira

João Jardim elogia papel de Eanes na instauração da autonomia

O presidente do Governo madeirense elogiou ontem o papel do Presidente da República que sempre «soube perfeitamente ajudar as instituições autonómicas, como órgãos de Estado que também são». Alberto João Jardim falava num jantar em honra do Chefe do Estado, e que culminava o primeiro dia da visita oficial que Ramalho Eanes está a fazer ao arquipélago.

O líder do Governo regional acentuaria ainda que para a participação das regiões no todo nacional será necessário que as boas relações, parte a parte, não sejam fruto «de uma estratégia de ocasião, mas um facto irreversível e nunca mais posto em questão». Por isso, Jardim sublinharia as 1insuficiências que, a seu ver, ainda existem no processo autonómico: por que razão, disse, a região não deverá gerir as suas poupanças, por que não organizar os seus sistemas de crédito e fiscal, por que não possuir tribunais em primeira instância, «tudo de acordo com a especificidade própria ao arquipélago, reconhecido pela Constituição e tudo subordinado aos grandes interesses da pátria comum».

Observações de teor idêntico foram feitas pelo presidente da Assembleia Regional madeirense, na sessão parlamentar comemorativa do dia da região, que ontem teve lugar no Funchal. Emanuel Rodrigues depois de sublinhar o papel fundamental de Eanes na implantação do regime democrático em Portugal, considerou que os oito anos de autonomia desembocam hoje «numa situação de paz social e política, uma autêntica estabilidade, que é um facto concreto para todos os que nos visitam».

No entanto, a oratória do presidente da Assembleia Regional foi prejudicada pelo **facto concreto** da ausência dos partidos da oposição – PS, CDS, UDP e PCP – na sessão parlamentar. A oposição protestou, assim, contra o facto de o PSD e a mesa parlamentar terem excluído as intervenções dos partidos da sessão, ao contrário do que vinha sucedendo nos últimos três anos.

Na sua intervenção, o Presidente da República fez um juízo que classificou de positivo sobre a experiência autonómica, embora tenha sublinhado não se deverem esquecer as suas fragilidades e vulnerabilidades. Para o Chefe de Estado, «os sucessivos fracassos dos projectos de regionalização em Portugal ensinam-nos que o enfraquecimento da vontade democrática e a sua substituição por concepções políticas autoritárias têm como um dos primeiros sinais concretos a concentração de poderes e a submissão das regiões à capital». «Em contrapartida» – ressalvou o general Eanes – «sempre que o poder democrático está seguro e tem confiança na sua eficácia, manifesta-se naturalmente no apoio à regionalização, visto que precisa dos contributos e das pressões regionais para orientar a colectividade nacional».

Congresso das Comunidades

Esta manhã terminou no Funchal o Congresso das Comunidades, uma iniciativa que, segundo Alberto João Jardim, demonstrou que é possível e que tem de ser uma solução, organizar todos os portugueses espalhados pelo Mundo. O presidente do Governo Regional defendeu a necessidade de institucionalização dessa organização ressuscitando a questão da representação parlamentar e da participação na vida política dos emigrantes: «limitar a quatro deputados a representação de quatro milhões de portugueses, num Parlamento de 280 e afastá-los da eleição do Presidente da República – são soluções constitucionais que nada têm a ver com o Portugal Comunidade».

No plano regional, considerou que se deram passos decisivos. A este propósito, uma proposta aprovada pelos Congressistas, defende a revisão das leis sobre habitação, como condição para o investimento. De entre as suas reivindicações, destaque ainda para a «possibilidade de manter vaga a sua casa na Madeira para poderem gozar as férias quando desejarem e a possibilidade de terem o direito a reapossar-se da sua única habitação sempre que queiram e desde que seja dado ao inquilino um prazo decente para sair».

Na sessão de encerramento discursou também o Presidente da República para quem, como sublinhou, os problemas da emigração nunca se separam dos problemas da sociedade portuguesa. Perante um auditório de 108 representantes de comunidades portuguesas, Ramalho Eanes considerou a emigração como a «resposta natural dos homens e mulheres que sentem as suas potencialidades diminuidas e aspiram a trabalhar em sociedades mais prósperas». Eanes abordou de seguida o problema do retorno dos emigrantes, considerando que a desordem e a insegurança da partida não podem ser agora repetidas no regresso. Por fim, o PR destacou ser necessário continuar todos os esforços diplomáticos para assegurar a protecção dos emigrantes, e menifestou-se pela implementação de contactos com outros povos.

No jantar com o presidente da Costa Rica

Eanes defendeu participação da Europa no desenvolvimento da América Latina

A Europa tem obrigação, necessidade e interesse histórico em assumir uma posição empenhada e solidária no apoio ao desenvolvimento e à livre afirmação soberana das nações latino-americanas, afirmou no sábado o Presidente da República, Ramalhos Eanes.

Discursando num banquete oferecido ao presidente da Costa Rica, Luís Alberto Monge, no Palácio da Ajuda, Ramalho Eanes referiu, a dado passo: «numa época de aceleradas mutações, de resistência, crises e novas necessidades históricas, os problemas graves que a América Latina enfrenta não podem deixar de ser problemas de toda a humanidade».

O Presidente começou por realçar o significado da visita de Monge, que representa, disse, «um passo mais no sentido de uma maior aproximação entre Portugal e a América Latina».

O Presidente português abordou também o problema do endividamento externo dos países em desenvolvimento, nomeadamente dos latino-americanos, considerando-o como um dos aspectos prioritários em que se traduz actualmente a profunda crise que atravessam as relações económicas mundiais. «É verdadeiramente preocupante», disse Eanes, «que um cada vez maior número de Estados, em que avultam os maiores e mais ricos países da América Latina, encontrem afectada ao serviço da dívida externa uma percentagem esmagadora dos seus meios de pagamento sobre o exterior, o que bloqueia o relançamento das suas economias e afecta a economia mundial».

Eanes saudou depois a estabilidade das instituições democráticas vigentes na Costa Rica, que tem vivido também afectada pela crise económica, «que acarreta sempre efeitos potenciais de desestabilização a nível social». «Estamos certos – continuou que a cultura democrática profundamente enraizada na nação corta-riquenha estará em condições de evitar a radicalização violenta desses efeitos de desestabilização, mas permanecem os graves custos sociais desta situação».

A alternativa é a democracia

A Costa Rica, tal como Portugal, considera que a única alternativa ante os totalitarismos é a democracia em constante evolução, afirmou o presidente Luís Alberto Monge, num discurso proferido no banquete oferecido por Ramalho Eanes.

O dirigente costa-riquenho começou a sua intervenção por referir ser esta a primeira visita de um presidente do seu país a ZPortugal, recordando que, desde há muitos anos, os democratas dos dois países compartilham ideias e preocupações. «Coincidimos plenamente no caminho que devem seguir as nossas nações na construção de uma sociedade mais justa. Coincidimos também na convicção de que esse ideal só pode resultar da paz, liberdade e democracia», acentuou.

Alberto Monge afirmou, a dado passo: «tanto Portugal como a Costa Rica, nos seus processos democráticos, lutaram para cimentar e fortalecer as bases de um justo desenvolvimento económico que proteja os sectores menos favorecidos da sua população e consolide ainda mais os seus sistemas de segurança social».

Portugal e Costa Rica, indicou o presidente «demonstraram, paralelamente, ter uma mesma concepção ante os problemas entre produção e pobreza, resolvendo-os num marco de absoluta democracia e liberdade». «Esta foi uma luta comum e constante para ambos os países», frisou.

comunicação social

Leiria: associação e estatuto para a imprensa regional

A criação de uma associação e de um estatuto para os seus colaboradores, foram duas das conclusões aprovadas no I Encontro de Imprensa Regional do Distrito e Diocese de Leiria.

No encontro, que teve a participação de 60 representantes de jornais da região, assistiram o secretário de Estado do Desenvolvimento Regional, Joaquim Fernando Nogueira, o governador civil, Rui Garcia da Fonseca e outras personalidades.

Durante o encontro foram debatidos vários problemas, como a aplicação do porte pago a todos os jornais, independentemente do período de publicação, a instalação rápida de telefones e «telex», isentando-os do pagamento da taxa de ligação.

Uma campanha de defesa da língua portuguesa a lançar nos vários jornais e o estatuto do colaborador foram outros dos temas debatidos em Leiria.

O jornalista Rui Ganhão Pereira, a anteceder a sessão, falou sobre o papel da Imprensa Regional no contexto nacional, apontando algumas linhas para a sua valorização, nomeadamente a do Estado promover a realização de cursos para colaboradores da Imprensa Regional.

Falando sobre a unidade do distrito e a presença dos jornalistas regionais, o governador civil sublinhou que a regionalização será para Leiria «o leito onde se deita o distrito para o mutilar», alertando para os riscos da sua amputação territorial devido à sua falta de unidade.

O secretário de Estado do Desenvolvimento Regional, depois de realçar a importância do encontro e da Imprensa Regional, disse que os problemas debatidos «não são indiferentes aos responsáveis pelos destinos do País e da região».

O secretário de Estado acentuou a «grande diversificação etária dos presentes», sublinhando que «a regionalização não poderá ser feita sem duas componentes: a atitude do Governo procurando investir em favor das populações e a participação destas aceitando tais investimentos como seus.»

«É neste espaço que a Imprensa Regional tem um papel importante, na sua forma de diálogo, como veículo de comunicação entre as duas componentes» – afirmou Joaquim Fernando Nogueira.

"Nobel" da Fotografia

O fotógrafo mexicano Manuel Alvarez Bravo foi o vencedor do «Prémio Hasselblad de Fotografia» do ano corrente.

O prémio é concedido pela Fundação Hasselblad e durante muito tempo foi considerado como o equivalente ao Nobel da Fotografia.

Alvarez Bravo, de 82 anos, recebeu o prémio devido à qualidade artística das suas fotografias e pelo trabalho a favor da cultura mexicana.

Henri Carticr-Bresson, Lennart Nilsson e Ansel Admas (falecido este ano) foram outros tantos fotógrafos vencedores do Prémio Hasselblad.

Denunciando "movimentações e pressões internas"...

PSD/Faro opõe-se a saneamento do governador civil

A Assembleia Distrital de Faro do Partido Social Democrata manifestou-se sábado contra «movimentações e pressões internas» de um grupo que pretende o saneamento do governador civil do distrito, Horácio de Carvalho (PSD).

Em moção aprovada por 70 votos e três abstenções, os sociais-democratas algarvios reiteiram o «total apoio» ao seu companheiro de militância partidária por considerarem que tem desempenhado as funções com competência, diligência e em colaboração com o Governo.

No documento, consideram ainda fortemente lesivos para a dignidade do Estado, do Governo e do PSD do Algarve, as «manobras de um reduzido número de militantes, à margem do PSD e contra o próprio PSD que em nada responsabilizam o partido», repudiando o seu comportamento.

Em caso de um eventual saneamento do governador civil de Faro, a Comissão Permanente Distrital, ficou mandatada pela Assembleia do PSD algarvio, de tomar as posições públicas e internas que forem consideradas convenientes e façam eco dos protestos dos militantes sociais-democratas da região.

A distrital de Faro, também se manifestou contra eventuais saneamentos com base na partilha de lugares «para servir a clientela partidária».

A ideia partilhada por unanimidde no decorrer da Assembleia Distrital do PSD, levou à aprovação de uma moção de protesto contra o saneamento do presidente regional de Saúde, Barros Madeira (PSD) substituído por outro técnico de Saúde, da área do PS.

Na moção, o PSD considera que foi atraiçoado «pelas costas» pelo PS, facto que – sublinha «vem acontecendo a nível regional e central». Tais comportamentos não são correctos e constituem «doença grave» que, no futuro, irá afectar as relações entre os dois partidos, alertam.

No preâmbulo do documento afirma-se que «o PSD do Algarve tem expressado e praticado uma política clara que aponta que nos lugares eminentemente públicos podem e devem colocar-se pessoas oriundas dos partidos do Governo e que nos lugares meramente técnicos devem evitar-se mudanças que tenham como objectivo a mera «satisfação de clientelas partidárias».

A qualidade de um serviço é produto de um esforço.

No dia 30 de Junho, os TLP levam a cabo uma série de inaugurações e ampliações de Centrais Telefónicas.

Norte (Andrade Corvo), Carnaxide, Estrela, Albarraque, Cruz de Pau, Póvoa de St.º Adrião e Jovim (Porto) são as Centrais abrangidas por estes melhoramentos.

Uma maior capacidade do serviço telefónico é uma realidade para as zonas servidas por estas Centrais.

Investimos para um serviço melhor. Para si.

Telefones de Lisboa e Porto

CIESA NCK

Em Abrantes não ficou tudo como dantes

CNARPE vai activar estruturas para uma nova força política

Embora haja quem duvide, desta vez, em Abrantes, não ficou tudo como dantes. Bem pelo contrário, foram dados passos importantes no sentido de uma alternativa política para o País, de que muitos falam mas ninguém até agora tinha posto em marcha. Os mais de 120 activistas da ex-CNARPE, representando todos os distritos do País, decidiram que se comecem a organizar desde já as estruturas distritais e concelhias provisórias, para começar a dar corpo a uma nova força política, «e simultaneamente dar corpo à esperança que pretende representar, seguindo o fundamental método de caminhar da base para o topo», conforme referem no comunicado que distribuíram aos órgãos de Comunicação Social, ao fim de cerca de dez horas de debate.

Na mesa que presidiu, o eng. Hermínio Martinho e o dr. Manuel Fernandes trocam impressões para resolver um pequeno impasse ao que supomos.

Não foi, como tínhamos previsto no final da semana passada, o nascimento de facto, do novo partido, mas foram passos concretos para a formação que, quer venha a tomar a designação de partido ou não – isto não está ainda decidido – tomará a forma organizativa e jurídica de partido, única forma de intervenção política actualmente possível.

O comunicado tem 16 pontos e começa por manifestar a «profunda preocupação pela progressiva degradação da imagem e credibilidade do regime democrático e das condições de vida dos portugueses», sublinhando que a crise da sociedade portuguesa, neste momento, «tem a ver fundamentalmente com o crescente agravamento dos valores éticos, com o desprestígio das instituições, incluindo alguns órgãos de soberania».

Reafirmar, no entanto, que os partidos «são elementos essenciais da democracia», mas «a sua prática política não tem correspondido aos anseios da maioria dos portugueses».

Na opinião dos activistas da CNARPE «só a criação de uma nova esperança, através de uma outra política e outra forma de fazer política, com capacidade de mobilizar os portugueses, pode permitir que tais dificuldades sejam ultrapassadas».

Pensam também que, face a esta realidade, que, reconhecem, poderá pôr em perigo o próprio regime, «se impõem outras alternativas inovadoras, capazes de desbloquear a situação, renovar a confiança, salvar a democracia», e que a alternativa indispensável passa pela constituição de uma força política nova, «que vise exclusivamente prosseguir o que entendem ser os interesses de Portugal e dos portugueses».

Um ponto claro, expresso no comunicado mas também largamente referido por diversos participantes na reunião, é que tal força política não será contra ninguém, e muito menos contra os partidos, antes se pretende afirmar pela positiva, pela dignidade, pela competência, pela coerência e honestidade».

Que espaço

Tem-se perguntado muitas vezes, qual será, afinal, o espaço político desta força. O comunicado da Ex-CNARPE avança alguns dados sobre isso ao afirmar que «este espaço é inequívocamente o da liberdade e da justiça social, quer dizer, não só da democracia política pluralista, mas também da democracia económica, social e cultural».

Vai um pouco mais longe quando sublinha que «se impõe refazer o tecido social, acabar com uma iníqua distribuição de sacrifícios, que tem atingido sobretudo os mais desprotegidos, relançar a economia, terminando nomeadamente com o falso dilema entre o sector privado (sector fundamental que importa de facto apoiar e dinamizar) e o sector público (que importa rentabilizar)».

Hermínio Martins, o principal dinamizador desta iniciativa, em declaração ontem prestadas aos jornalistas, referiu que esta nova força se incluirá na área do socialismo democrático e da social-democracia». Claro que não aludia a uma social-democracia e a um socialismo que tenham como referenciais a prática oferecida pelos dois partidos que em Portugal se identificam com esta área e a cuja prática se deve, afinal, a nascimento desta nova força.

Outro aspecto é a necessidade de, entre as reformas políticas indispensáveis, alterar a legislação eleitoral, «visando nomeadamente permitir que os eleitos possam sempre ser representantes do povo que os elege e não das direcções dos partidos a que pertencem, e visando que pelo menos às eleições para as Câmara se possam apresentar candidaturas independentes».

Defendem também a necessidade de reforço da vertente presidencial do regime, «posta em causa na última revisão constitucional, para atingir o Presidente da República, general Ramanho Eanes, que todos os presentes reafirmam a honra de terem ajudado a eleger, e ao qual manifestam o seu apoio e a quem prestam a sua homenagem».

O major Salgueiro Maia, um militar licenciado... com um curso superior e observador atento

Em consequência com este ponto referiram que sendo as próximas eleições presidenciais essenciais para o futuro da democracia, deverão apoiar um candidato próprio em 1985.

Nada indica porém que tal candidato seja ou não a eng. Maria de Lurdes Pintassilgo. O que apuramos para já é que o perfil do candidato já existe e tem como referencial a garantia de uma actuação similar à do general Ramalho Eanes, mas não há ainda uma figura proposta.

Um documento base com 42 páginas e que pode considerar-se como uma formulação genérica dos objectivos programáticos desta nova força política, foi distribuido aos participantes, mas não foi discutido nem isso estava de facto previsto. Destina-se a ser levado a todo o País, para discussão ao nível dos concelhos e de outras bases.

Entretanto este movimento terá a sede da sua Comissão Nacional Provisória em Santarém. Até ao dia 30 de Setembro próximo realizar-se-á uma reunião nacional, em local a designar. Aí serão reunidos já as sugestões recolhidas da discussão ampla do documento base, cujo conteúdo é reflectido e sumarizado no comunicado que tem vindo a aceitar.

O nome da CNARPE será entretanto utilizado porque «tem prestígio do Minho ao Algarve».

Convergência

Como já foi amplamente referido, o critério utilizado para esta reunião foi o de nela participarem apenas representantes distritais de todo o País e não figuras nacionais. Lisboa participou, portanto, com uma representação idêntica à de qualquer outro distrito. Sá Borges e José Carlos de Vasconcelos foram as únicas figuras mais conhecidas presentes mas, como referimos, sem prejuízo do critério estabelecido.

Na reunião participaram desde engenheiros a economistas, médicos operários e sindicalistas. A convergência foi muito vasta porque, neste momento do que se trata, conforme nos afirmaram muitos deles, é de encontrar uma saída. «Todos querem construir um país novo».

O número de adesões tem sido muito grande e mesmo no decorrer da reunião elas se verificaram através de mensagens, cartas e telegramas enviados. No entanto, outro critério estabelecido foi o de não contactar com personalidades que tenham vínculos partidários. Os que vierem, será pelo seu pé.

Os «operacionais» da campanha de Eanes estiveram em evidência e são eles que constituem o núcleo dinamizador. Em muitos casos, diríamos mesmo que na maioria, os «operacionais» não são obviamente os ex-mandatários, embora com eles estejam articulados.

O PS tinha marcado para sábado reuniões de militantes por todo o País, o que foi interpretado como uma forma de impedir os seus membros de participarem nas reuniões. Mas a verdade é que mesmo assim vieram muitos. Destaque-se a presença do presidente da Câmara de Almeirim, como um dos mais empenhados neste projecto.

José dos Santos Bioucas, presidente da Câmara de Abrantes esteve também na reunião. Manifestou o seu apoio aos participantes e depois... foi para a reunião do PS.

Entre os convidados encontravam-se alguns militares. Um deles era o major Salgueiro Maia. Esse facto já motivou algumas insinuações. Não é anormal que um militar de Abril que é um paradigma de isenção se interesse por estar informado do que se passa no seu País. Nem o Regulamento de Disciplina Militar o impede desde que se verifiquem três condições: não estejam fardados, não façam parte da mesa, não usem da palavra.

Não deixa de ser curiosa no entanto a preocupação da GNR. Dois guardas desta corporação apareceram em S. Miguel de Rio Torto a perguntar ao dono do restaurante quem eram as «personalidades» presentes e se estavam militares. Era só para «informar o sargento».

Outra presença militar foi a do tenente-coronel Bernardo, da Presidência da República mas, ao contrário do que também foi noticiado, não pertencia à organização. Era igualmente um observador.

Depois de Abrantes, esta nova força ganhou uma dinâmica própria e o que até agora têm sido as posições defendidas de forma isolada, ainda que convergentes, de vários apoiantes de Eanes, aparecem agora global e nacionalmente expressas.

Esta dinâmica marca também a diferença que existe entre as simples reflexões e declarações de intelectuais e políticos e os «operacionais» que põem as coisas a funcionar, que põem as ideias em movimento.

Augusto Vilela

Cunhal em Setúbal:

Soares quis liquidar a extrema esquerda e Otelo

Álvaro Cunhal afirma que «Mário Soares, com a sua operação contra o terrorismo, visava liquidar a extrema-esquerda e Otelo Saraiva de Carvalho e atirar aleivosias sobre o PCP, mas a provocação falhou-lhe».

Cunhal, que falava na sessão de encerramento da primeira Assembleia da Organização Regional de Setúbal (ORS) do PCP, criticou a política do Governo, que considerou «criminosa pelos gastos sumptuários e pela política de descapitalização do património das empresas nacionalizadas».

Referindo-se à Reforma Agrária, o secretário-geral do PCP disse que «apesar de atingida e ferida, continua de pé», tendo ainda defendido o direito à contratação colectiva dos trabalhadores.

Declarou que se «impõe uma política de alternativa ao Governo Soares / Mota Pinto, que por falta de base de apoio social e político acabará por ser conduzido à derrota e à demissão».

Na Assembleia da Organização Regional de Setúbal do PCP, cujos trabalhos decorreram no último fim-de-semana no Pavilhão Polivalente do Estádio do Bonfim, foi aprovado por unanimidade o relatório daquele órgão.

Foram ainda eleitos a direcção da ORS, constituída por 56 membros e o Secretariado, formado por sete elementos.

À sessão de encerramento assistiram, nomeadamente, José Manuel Maia, secretário da Assembleia da República e representantes do MDP/CDE e da UEDS.

UDP quer greve geral

O Conselho Nacional da UDP aprovou, no fim-de-semana, um programa reivindicativo de que ressalta «a preparação de uma greve geral contra a fome e o desemprego» e a luta pela queda do Governo.

Num extenso comunicado final de oito pontos, a UDP protesta contra a prisão de Otelo Saraiva de Carvalho e contra o «amontoado de arbitrariedades, prisões e torturas, encenação pidesca montada pelo Governo para atemorizar o povo».

A respeito das prisões do caso FUP, a UDP critica a actuação do juiz do Quarto Juízo Criminal e comenta: «Como nos tempos da PIDE, prende-se para através de espancamentos e torturas se forjarem provas que não há».

O CN da UDP critica especialmente os novos acordos com o Fundo Monetário Internacional, comentando que «os próprios amigos» de Mário Soares, nomeadamente os que estiveram na Conferência da América Latina, «são os primeiros a afirmar com conhecimento de causa que o FMI é o «totalitarismo económico» e só provoca «mais miséria e injustiça social».

Critica também a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia «onde já existem 14 milhões de desempregados, de onde os emigrantes são obrigados a regressar, onde fecham empresas sobre empresas e onde recrudesce a repressão sobre os trabalhadores».

Os resultados de um ano de Governo Soares-Mota Pinto, segundo a UDP, são: de um lado, mentiras, demagogia, obediência servil ao FMI, corrupção generalizada, ostentação e luxo, e, do outro, miséria, desemprego, degradação generalizada das condições de vida e revolta.

Prioridade é o relançamento da comunidade

Irlanda assumiu presidência da CEE

A República da Irlanda substituiu a França a partir da meia-noite de sábado na presidência da Comunidade Económica Europeia, onde permanecerá nos próximos seis meses.

Será a terceira vez que a Irlanda vai exercer a presidência da CEE desde que aderiu à comunidade em 1973.

Os funcionários irlandeses têm preparado intensivamente as suas novas tarefas, conscientes de que a CEE atravessa agora um período mais crítico do que em 1975 ou 1979, anos em que a Irlanda esteve à frente do Mercado Comum.

A França, que agora abandona a presidência, resolveu a questão que mais preocupava os funcionários irlandeses directamente relacionados com os assuntos comunitários: o problema das contribuições britânicas para a CEE.

Num discurso proferido sexta-feira no parlamento irlandês o primeiro-ministro Garrett Fitzgerald disse que os inúmeros problemas que a comunidade continua a enfrentar significam que a prioridade da presidência irlandesa será o relançamento da CEE.

Um dos principais asuntos da agenda comunitária para os próximos seis meses é a conclusão dos processos de adesão de Portugal e Espanha.

Fitzgerald disse que o prazo de 30 de Setembro para a conclusão dos dossiers é apertado, tendo em conta os inúmeros problemas ainda a resolver, mas as férias de Agosto dos funcionários irlandeses foram encurtados para assegurar que tudo se á cumprido dentro dos prazos previstos.

O que o Mercado Comum trouxe à Irlanda

Garrett Fitzgerald alertou ainda para a necessidade de preparar a CEE para uma possivel quebra da taxa de crescimento da economia norte-americana que poderá ter graves consequências na Europa.

Sublinhou a necessidade de criar mais postos de trabalho possivelmente através da utilização dos fundos sociais comunitários.

Ainda no campo económico caberá à presidência irlandesa conseguir um acordo sobre a solução a adoptar até Janeiro de 1986, altura em que serão ratificadas as médias para um aumento dos recursos próprios da comunidade.

A primeira década da Irlanda no Mercado Comum resultou num grande decréscimo da popularidade da CEE entre o eleitorado do país.

Em 1972 mais de 80 por cento dos irlandeses pronunciaram-se favoravelmente à adesão à Comunidade, mas tal como aconteceu na Dinamarca e na Grã-Bretanha a adesão, coincindindo com a mais grande recessão económica desde a II Guerra Mundial, não trouxe nada do que se esperava.

Em dez anos, o desemprego mais do que duplicou, os postos de trabalho na indústria são agora em menor número do que antes da entrada e as receitas agrícolas são, em termos reais, mais baixas

O lado mais positivo da adesão é dado pela balança comercial: as exportações aumentaram a um ritmo de 8 por cento ao ano, mas as importações so subiram a uma média de 7 por cento.

O comércio externo irlandês diversificou-se: as exportações para a Grã-Bretanha caíram em 21 por cento, enquanto que triplicavam as vendas a outros países da Comunidade.

A abolição das tarifas alfandegárias provou ser benéfica para a economia irlandesa.

No entanto, as novas oportunidades foram aproveitadas principalmente por empresas de capitais norte-americanos que se instalaram na Irlanda com o objectivo de penetrar no Mercado Comum.

Thorn em Lisboa

O presidente da Comissão da CEE chega hoje a Lisboa, onde se desloca a convite do Governo português, para debater o processo de adesão de Portugal, na perspectiva dos acordos estabelecidos entre os «dez» na recente cimeira de Fontainebleau. Além dos diversos encontros que tem programados com Mário Soares e outros membros do executivo, Gaston Thorn encontrar-se-á também com o general Eanes.

Antes do seu regresso a Bruxelas, o presidente da Comissao dará uma conferência de Imprensa na sede da representação da CEE em Lisboa.

Despachante da Philips contesta Alípio Dias

O despachante oficial João Mendonça Correia, responsável pelo processamento dos despachos de mercadorias importadas pela Philips Portuguesa em condições consideradas irregulares pela Secretaria de Estado do Orçamento, considerou «ilegal» a medida de «suspensão preventiva» que o Governo lhe pretende aplicar. Num comunicado tornado público no fim-de-semana, aquele despachante refere-se à nota divulgada pelo Ministério das Finanças na sexta-feira, dizendo que, «ao arrepio de toda a legalidade», ela determina que se efectue um inquérito «para querer justificar uma pena que, de antemão, parece ser desejo de sua excelência o secretário de Estado do Orçamento aplicar-lhe a todo o custo».

Segundo Mendonça Correia essa afirmação «não cabe num Estado de Direito que é o nosso, e o signatário espera com serenidade que seja ouvido em inquérito mas para se apurar a verdade e não para justificar uma pena que previamente lhe está reservada».

Com efeito, o comunicado do Ministério das Finanças afirma que Alípio Dias determinou a «audição imediata» do despachante «para efeito de aplicação da medida cautelar de prevenção suspensiva».

Mendonça Correia sublinha, por outro lado, que tal medida preventiva é de «aplicação restrita aos funcionários públicos, aos quais é garantido o salário durante a suspensão». No caso em apreço, acrescenta, a suspensão preventiva, «além de ilegal, significa o desemprego imediato de todos os trabalhadores dependentes do signatário que de momento são 51 chefes de família».

Convenção de Lomé renovada no Outono

As conversações entre a Comunidade Económica Europeia e 64 países em desenvolvimento sobre a renovação da Convenção de Lomé, registaram progressos consideráveis, soube-se em Bruxelas. Tais progressos abrem caminho à assinatura de um acordo final no Outono, afirmaram fontes comunitárias.

«Alcançámos a recta final» disse o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Claude Cheysson numa conferência de Imprensa reaslizada no sábado, após três dias de conversações, que decorreram no Luxemburgo.

As negociações sobre a nova convenção – que abrangerá 66 países, com a adesão de Angola e Moçambique – iniciaram-se em Outubro. A actual convenção de cinco anos – chamada Lomé II por ser a segunda do género e ter sido assinada na capital do Togo – expira no fim de Fevereiro de 1985.

O ministro jamaicano dos Negócios Estrangeiros, Hugh Shearer que co-presidiu ao encontro juntamente com Cheysson e falava em nome dos 64 países da África, Caraíbas e Pacífico (ACP), signatários do anterior acordo, disse que os principais assuntos em debate incluiram questões comerciais, de cooperação industrial, investimentos e fundos especiais para estabilizar os rendimentos dos ACP provenientes de exportações agrícolas e para desenvolver os seus recursos mineiros e energéticos.

As conversações serão prosseguidas a nível de embaixadores e será marcada mais tarde uma sessão ministerial com um número limitbado de participantes para finalizar o acordo, acrescentou. Cheysson disse que esta sessão terá lugar antes do fim do ano.

O montante dos fundos a canalizar para o auxílio aos países em desenvolvimento, será fixado pela Comunidade nessa sessão final.

Itália auxilia Moçambique

A itália concedeu a Moçambique 600 mil dólares (cerca de 87 mil contos) para a reparação da via férrea Maputo-Suazilândia – anunciou em Genebra um departamento das Nações Unidas.

A ligação ferroviária entre a capital moçambicana e o país vizinho foi afectada pelas inundações provocadas pelo ciclone «Domoina» em Março.

Crédito Predial Português abre balcão no Campo Pequeno

GRAFIDEC

120 Anos de Eficiência e Modernidade com a confiança do público

CAMPO PEQUENO, 81 | 1000 LISBOA

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

Eficiência 120 Anos Modernidade

de ontem para hoje

Proprietário de «flippers» espancado em Rio de Mouro

JOSÉ Henriques Beira Alta, de 53 anos, deu entrada no Hospital de S. José, na madrugada de sábado, após ter sido espancado em circunstâncias ainda não apuradas na sua residência, no Bairro da Serra da Mina, Rio de Mouro, no concelho de Sintra. O agredido, que é proprietário de casa de jogos americanos, foi encontrado inanimado pela mulher que ocupa um quarto de dormir separado. Transportado pelos Bombeiros Voluntários de Algueirão-Mem Martins para o Hospital de Cascais acabou por ser transferido devido à gravidade do seu estado, para o Hospital de S. José, onde ficou internado em coma no Serviço de Traumatizados Crânio-Encefálico. Em declaração à PSP, a mulher de José Henriques disse que nem a porta nem as janelas do rés-do-chão do andar onde vivem apresentam sinais de arrombamento, afirmando, ainda, não ter visto nenhum estranho dentro de casa, nem ter ouvido gritos ou ruídos de luta.

Apoio aos condenados do RALIS

A Comissão de Apoio aos Réus do «Caso Ralis» emitiu um comunicado, distribuído sobretudo ao nível das escolas universitárias e dos quartéis, no qual protesta contra a nova condenação, pelo Tribunal Militar de Santa Clara, dos soldados Manuel dos Santos, Firmino e Paulino, acusados de terem morto, em 12 de Março de 1974, à porta da unidade então comandada por Leal de Almeida, o provocador António Ramalho. A Comissão refere o facto de os juízes do 1.º TMT terem esquecido, uma vez mais, a existência da Lei da Amnistia apesar de o próprio promotor de Justiça, coronel Nuno Cepeda, ter defendido que o caso em julgado deveria ser por ela abrangido.

Manuel dos Santos foi condenado em dois anos de prisão e Firmino e Paulino em seis anos.

Baterista não chegou ao «Guiness»

Após ter batido o recorde nacional (26 horas) a tocar bateria, o operário fabril Américo Escudeiro, de Vilar dos Prazeres, Vila Nova de Ourém, abandonou a sua tentativa para entrar no «Guiness Book». Américo Escudeiro, de 22 anos, que faz parte da Filarmónica Primeiro de Dezembro, da sua terra natal, iniciara a prova às 22 horas de sexta-feira e, segundo os seus apoiantes, ao bater o recorde nacional, «estava com uma pedalada que só visto». Só que, poucas horas depois, desistia confessando-se «dorido, mas bem».

Os 486 anos da Misericórdia de Lisboa

A Santa Casa da Misericórdia comemora hoje o 486.º aniversário da sua fundação. A efeméride será assinalada com uma missa na Igreja de S. Roque, com a inauguração, pelas 17 e 30, da Residência Faria Mantero, na Praça de Diu, 3, ao Restelo, destinada a «pessoas idosas, cultas, de mérito e necessitadas» e com um concerto de música sacra, pelas 21 e 30, também na Igreja de S. Roque, pelo Grupo Coral Polyphonia. Amanhã, nas instalações do Inatel, na Costa da Caparica, haverá um convívio dos funcionários da instituição com a actuação de Herman José.

Trucidado numa passagem sem guarda

Um funcionário da Junta de Freguesia local, Francisco Pereira, foi trucidado na manhã de sábado na passagem de nível da Ribeira de Santarém, dois meses depois de a CP ter retirado dali o respectivo guarda. Francisco Pereira foi colhido por um comboio que seguia de Lisboa para o Porto. A Junta de Freguesia da Ribeira de Santarém protestara em Abril contra a decisão do Conselho de Gerência da CP, salientando o facto da passagem de nível ser diariamente atravessada por dezenas de crianças de um lar para a primeira infância situado nas imediações.

«Cisne Branco» aportou a Lisboa

O veleiro «Cisne Branco», da Armada do Brasil, chegou no sábado a Lisboa e encontra-se ancorado na Doca da Marinha. O navio vem a Portugal na sua quarta viagem de instrução e é comandado pelo capitão de corveta Eurico Welligton Ramos Libertatti. Depois de Lisboa, o «Cisne Branco aportará Cadiz, Palma de Maiorca, Barcelona, Porto Cervo, Génova, Monte Carlo, Puerto Banus, Funchal (de 26 a 29 de Setembro), devendo regressar ao Rio de Janeiro, de onde saiu em 22 de Março, a 14 de Novembro. A guarnição do veleiro é composta por três oficiais, catorze guardas-marinhas, um segundo sargento e dois cabos.

«Gasolineiro» ferido em Rio Tinto

Três homens embuçados assaltaram à mão armada, na tarde de sábado, um posto abastecedor de gasolina, em Rio Tinto Porto, ferindo um dos dois funcionários que lhes tentou resistir. António Augusto Monteiro, de 52 anos, deu entrada no Hospital de São João com dois tiros no abdómen. Quanto ao seu companheiro, Carlos Pinto Soares, de 48 anos, sofreu apenas ligeiras escoriações. Os assaltantes, de aspecto jovem, levaram consigo dinheiro de valor ainda não divulgado. Testemunhos oculares afirmam que as armas utilizadas no «golpe» eram espingardas metralhadoras G-3.

Num programa de grande audiência da televisão francesa

Justiça portuguesa considerada como "arcaica" e "corrupta"

A Justiça portuguesa foi fortemente posta em causa pela Televisão francesa na últimaemissão do prestigioso programa político «7/7» do primeiro canal. No programa – em que o Primeiro-Ministro Mário Soares participou em Maio – a Justiça portuguesa foi considerada «arcaica e corrupta» e os advogados portugueses qualificados de «incompetentes e ladrões na sua maior parte». O programa apresentou uma reportagem sobre a detenção de um casal de franceses condenados a 16 e 12 anos devido à existência de armas na residência que ocupavam em Portugal. A casa fora-lhes emprestada por um amigo português, que, na mesma emissão televisiva, reconheceu ser o proprietário das armas. Foi ainda referida a situação de um francês que alugou um carro com documentos falsos e que teria sido condenado a uma grande pena de prisão, num delito que em França seria caso para pena suspensa. As condições de detenção dos presos foram também postas em causa e a reportagem referiu nomeadamente a cadeia de Coimbra, acusando os guardas de xenófobos e de atribuirem as celas da cave aos presos estrangeiros.

Um dos advogados de defesa de presos no estrangeiro acusou os advogados portugueses de se fazerem pagar para que os processos sejam menos morosos. A existência de corrupção na Justiça portuguesa foi considerada inaceitável no momento em que Portugal se prepara para aderir ao Mercado Comum. Segundo a mesma emissão, há neste momento dez prisioneiros franceses em Portugal e 360 portugueses em França, devendo em breve os governos dos dois países assinaram uma convenção do Conselho da Europa sobre a transferência dos presos. Jean Marie Le Pen, presidente da Frente Nacional, partido de extrema-direita, o convidado da semana, mostrou-se surpreendido e afirmou que pensava que a «Revolução dos Cravos» tinha introduzido a democracia em Portugal. Le Pen tem-se destacado, ao defender a redução dos emigrantes em França, dada a crise de emprego naquele país.

A reacção de Rui Machete

Comentando as acusações feitas no referido programa Rui Machete considerou-as de «sensacionalistas e de grande irresponsabilidade», pelo que, em sua opinião,deverá haver uma reacção da Embaixada Portuguesa em Paris. «Acusar a Justiça portuguesa de corrupção é inacreditável», comentou o ministro, segundo o qual o Conselho Superior de Magistratura deverá ter uma palavra a dizer sobre a polémica emissão. Para Rui Machete, as declarações irresponsáveis ali feitas surgem-lhe como «uma resposta política dos sectores franceses mais reaccionários à próxima entrada de Portugal para a CEE», sendo, de algum modo, disse também «um ataque ao governo do Presidente Mitterrand e aos sectores, maioritários da população francesas, que desejam a nossa adesão à Comunidade Económica Europeia».

Por sua vez, o director do Estabelecimento Prisional de Coimbra (antiga Cadeia Penitenciária), negou que os presos estrangeiros nela sejam discriminados em relação aos presos portugueses. Couto de Brito afirmou que naquela cadeia, «e atrevo-me a dizer o mesmo relativamente às outras cadeias do País, os reclusos estrangeiros beneficiam das mesmas condições, direitos e garantias que os detidos de nacionalidade portuguesa».

No Estabelecimento Prisional de Coimbra encontram-se, demomento, duas dezenas de estrangeiros: três franceses, um alemão, dois italianos, um uruguaio, dez cabo-verdianos, um brasileiro e um espanhol. «A maior parte trabalha, à semelhança do que acontece com os portugueses, e comem à mesma mesa os mesmos pratos» – disse Couto e Brito que confirmou-se a presença recente no estabelecimento que dirige de uma equipa do Canal Um da Televisão francesa, a pretexto «de filmar uma parte das instalações e, também, um casal de cidadãos franceses» ali recluso.

Se os guardas forem para a greve...

Caça poderá não abrir no dia 15 de Agosto

Os guardas florestais dos Serviços de Caça exigem que o Governo responda até 15 de Agosto próximo à exigência de negociação do seu caderno reivindicativo, feita há quase um ano. Se até lá o Ministério da Agricultura e Alimentação o não fizer, os guardas de caça de todo o País entrarão em greve.

Será a primeira vez que tal acontecerá em Portugal. Não há memória de que algum dia os guardas florestais dos Serviços de Caça tenham paralisado, e muito menos no próprio dia da abertura da caça, salvo se à última hora houver qualquer decisão – como por vezes acontece – a adiar o primeiro dia de caça (autorizada) de 1984.

A caça poderá este ano chegar um pouco mais tarde, por causa de um facto inédito: uma greve...

Os guardas florestais dos Serviços de Caça estiveram este fim-de-semana reunidos em Lisboa para, no fundamental, reafirmarem decisões aprovadas há um ano, mas às quais o secretário de Estado das Florestas não respondeu. Uma delas, a que poderá estar na origem da primeira greve da classe, respeita ao seu caderno reivindicativo, porque «os problemas laborais, ao longo do tempo, têm vindo a agravar-se, com a consequente degradação das condições de vida e de trabalho», dizem os guardas de caça num manifesto distribuído.

No último fim-de-semana, os guardas de caça reuniram o seu II Encontro Nacional, nove meses depois do primeiro, o que se efectuou em Santarem, justamente em 30 de Setembro. Então, mais de meia centena de delegados representando todas as zonas do País tomaram várias decisões, entre elas a de promover encontros com todos os grupos parlamentares e a Comissão Parlamentar para os Assuntos da Agricultura e informá-los dos seus problemas.

Problemas e competências

Quais são, pois, os seus problemas e as razões por que encaram entrar em greve no próximo dia 15 de Agosto?

São questões que, segundo o mesmo manifesto, estão contidas no regime de pessoal do MAFA e cuja concretização importa – dizem os guardas de caça – garantir: horário de trabalho, pagamento de trabalho extraordinário, regime de folgas, ajudas de custo, segurança no trabalho, subsídio de risco, aposentação e seguro de acidente em serviço.

Estes são os pontos que faltam negociar e constam do caderno reivindicativo dos guardas de caça que, entretanto, nesta luta com o Ministério da Agricultura, viram abrir-se-lhes as portas para a possibilidade legal da sua integração no quadro do MAFA e da alteração das actuais letras das categorias que compõem a carreira.

Os guardas de caça, contudo, como ficou patente neste II Encontro Nacional que este fim-de-semana decorreu em Lisboa, não estão dispostos a permitirem mais adiamentos ao Governo quanto à satisfaçao das suas principais reivindicações e querem ainda saber a razão por que o director-geral das Florestas não cumpriu quatro despachos emanados do secretário de Estado com datas de 3 de Agosto de 1983, 18 de Novembro do mesmo ano, 15 de Dezembro ainda de 1983 e um outro de 12 de Janeiro já de 1984.

«Significativo e clarificador das competências que cabem aos diversos responsáveis ministeriais é, sem dúvida, o ofício de 11 de Junho deste ano, proveniente do secretário de Estado das Florestas, em que este remete toda a responsabilidade de resolução dos nossos problemas para a Direcção-Geral de Organização e Recursos Humanos do MAFA», foi afirmado no II Encontro Nacional dos Guardas de Caça.

Médicos
O Ar Condicionado é indispensavel a sua vida profissional e ao seu conforto pessoal
Instalamos ar condicionado no seu escritorio ou em sua casa com qualidade e rapidez
Fornecemos orçamentos sem encargos
Pagamento apos instalação e com desconto de 10%
para pagamentos a pronto
Somos Tepclima
R. Arco do Carvalhão, 235-C — 1300 LISBOA
Consulte-nos pelos telefones: 655502 • 654105 • 656728 • 658385 • 658401

ESPECIAL FÉRIAS/84
NO
HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
Apesar de tudo não deixe de fazer férias este ano. Você precisa de umas férias tranquilas.
7 dias: 9 100$00 p.p. em quarto duplo nos meses de Julho a Setembro e a possibilidade que o Hotel do Parque lhe oferece no sossegado ambiente das suas 4 estrelas, 2 piscinas climatizadas no verde natural do Alto Minho, além de agradáveis surpresas.
(Suplemento para o mês de Agosto 2 800$00) Peça-nos programa detalhado «Especial Férias/84» por escrito C.P. 4900 — através do telefone 24151/5 telex 32511 ou no seu agente de viagens.
Aguardamos a sua rápida consulta que desde já agradecemos.

"Balão de ensaio" para novos encerramentos

Reguengos perde o comboio com apoio da autarquia

O encerramento do ramal ferroviário de Reguengos de Monsaraz, ontem mesmo confirmado por Rosado Correia em visita àquela vila, foi considerado pela Comissão de Trabalhadores da CP como «um balão de ensaio para novos encerramentos».

O próprio ministro do Equipamento Social, intervindo em Reguengos, se referiu ao encerramento de vários ramais ferroviários, um dos quais seria o que até agora serviu aquela região. E explicou que tal se torna inevitável, porque «em Portugal, como em toda a Europa, a rede ferroviária está em crise».

A Comissão de Trabalhadores da CP perfilha, entretanto, um outro ponto de vista, vendo os acordos firmados com «algumas autarquias mais permeáveis», como «um rebuçado envenenado que em pouco ou nada contribui para o desenvolvimento das respectivas regiões».

O Governo PS/PSD e o CG (da CP) puseram «totalmente de parte o interesse no desenvolvimento económico e social das populações» – acusa concretamente a CT da CP em comunicado.

A denúncia desta estrutura da empresa especifica que os objectivos imediatos prevêem o «encerramento de 814 quilómetros de linha e a modificação dos sistemas de exploração de cerca de 200 estações».

Dentro deste princípio, o número de trabalhadores daquela empresa pública deverá reduzir-se a 19 800 trablhadores, até 1988. No semestre que ontem se iniciou deverão concretizar-se os encerramentos dos ramais de Mora, Reguengos e Montemor, dos troços Guimarães-Fafe e Estremoz-Vila Viçosa; e das linhas do Sabor e funicular de Santa Luzia.

O ministro Rosado Correia explicou ontem, em Reguengos, que os ramais a encerrar dão um prejuízo anual de cerca de um milhão e 800 mil contos.

Visita resultou de acordo firmado

O ministro Rosado Correia deslocou-se, ontem, a Reguengos de Monsaraz já no âmbito de um conjunto de iniciativas do seu Ministério que resultam do acordo para encerramento do ramal ferroviário.

Assim, o membro do Governo visitaria empreendimentos orçados em quase 300 mil contos, entre os quais uma escola secundária, um pavilhão gimnodesportivo, o centro coordenador de transportes e um novo quartel de bombeiros.

O ministro afirmar-se-ia, na ocasião, a favor da via do diálogo e não da imposição para se conseguirem determinados objectivos. Os empreendimentos visitados são já exemplo dessa via, que foi seguida até à concretização de um protocolo assinado com a Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.

A Comissão de Trabalhadores da CP tem um entendimento diferente das razões que levaram a esse acordo. Trata-se de uma autarquia socialista, desde logo, assinale-se, à semelhança, de resto do que acontecera por exemplo em Fafe, onde também foi conseguido um acordo CP-/Autarquia.

«O ramal de Reguengos serve as autarquias de Reguengos em cerca de quatro quilómetros e de Redondo e Évora em cerca de 37 quilómetros» – assinala a CT no comunicado.

«No entanto» – acrescenta – «o acordo para o ramal foi firmado com a Câmara de Reguengos, que usufrui de forma minoritária a utilização do referido ramal».

«É evidente que este acordo não teve em conta nem o interesse das populações e o desenvolvimento da região, nem dos trabalhadores do referido ramal» – acrescenta aquela estrutura da CP. Mais: «Este acordo é firmado por razões políticas claramente evidentes e serve para transformar o ramal de Reguengos no balão de ensaio de novos encerramentos».

O problema, de resto, apresenta-se para já de forma pouco pacífica, tanto mais que os trabalhadores e a população directamente ligados ao ramal de Reguengos já manifestaram o seu desacordo quanto ao encerramento.

Um outro elmento a ter em conta é o da passagem dos trabalhadores da CP para os quadros autárquicos. Tal apresenta-se muito problemático depois das disposições contidas no recente «pacote autárquico» que condiciona fortemente a admissão de trabalhadores por parte das Câmaras Municipais.

Avaria no túnel do Rossio

População da linha de Sintra hora e meia (esta manhã) sem comboios

Um comboio da Linha de Sintra avariou pouco antes das nove horas no túnel do Rossio e esteve na origem de hora e meia de confusão nas ligações entre esta estação e as de Cacém, Amadora e, obviamente, a de Sintra.

Uma avaria num comboio que deveria ter chegado à estação do Rossio às 8h32, mas que só doze minutos depois entraria no túnel, para daí não sair enquanto não foi rebocado, impediu que todos os outros que circulavam na sua retaguarda tivessem acesso ao Rossio, despejando os seus utentes em Campolide.

O facto da avaria daquele comboio o ter retido no túnel até cerca das 9h50, obstruindo a chegada dos que o seguiam, na retaguarda, originou esta situação caricata, mas normal, na Linha de Sintra: por falta de composições disponíveis no Rossio, durante hora e meia não partiu qualquer comboio desta estação para as da Amadora, Cacém e Sintra.

Foi hora e meia de confusão, protestos e angústia para a população da linha «apanhada» pela avaria do comboio que deveria ter entrado no Rossio às 8h32 (e muitas pessoas a chegarem atrasadas aos seus locais de trabalho) e para inúmeras pessoas que, por falta de comboios naquela estação, tiveram que aguardar a normalização da circulação.

Pouco depois das 10 horas as ligações entre Sintra e o Rossio, e vice-versa, voltaram à normalidade — disse ao «DL» uma fonte da CP.

Automóvel cai de quinze metros

Dois mortos e três feridos próximo de Valongo

Devido a excesso de velocidade, e ao fazer a chamada «curva da morte» no lugar de Barrocão, na estrada entre Paredes e Valongo, um automóvel de matrícula francesa, propriedade de um emigrante português, despistou-se ontem à noite, caindo da altura de 15 metros ao rio Ferreira. Do acidente resultaram dois mortos e três feridos graves.

Os mortos são José Lino da Silva Vinhas, de 21 anos, solteiro, marceneiro, e Rui Abílio Pereira Ferreira, de 23, que residiam em Valongo. Quanto à identidade dos feridos, neste momento internados no Hospital de S. João, no Porto, é a seguinte: José Fernando Ferreira da Silva, de 21 anos, trolha, Fernando Moreira Torres, de 22, entalhador de móveis, de 27 e José Joaquim Santos Fernandes, de 25, operário, que ficou com um braço amputado.

O condutor do veículo, António Martinho, de 23 anos, teve alta após ter sido tratado a ferimentos ligeiros.

Tomar recebeu ontem milhares de pessoas

Festa dos Tabuleiros: adeus a todos, até 1985

Vários milhares de pessoas esgotaram a lotação do Estádio Municipal de Tomar, não para vitoriarem o União local, mas para aplaudir a passagem do tracidional e grande cortejo dos tabuleiros. Fizeram-no segundo as suas freguesias, porque na Festa dos Tabuleiros que ano sim ano não decorre em Tomar, há entre as meninas que transportam os tabuleiros (formados por trtinta pães sobrepostos), vestidas de branco, a rivalidade que uma vez opõe, de dois em dois anos, as várias freguesias do concelho.

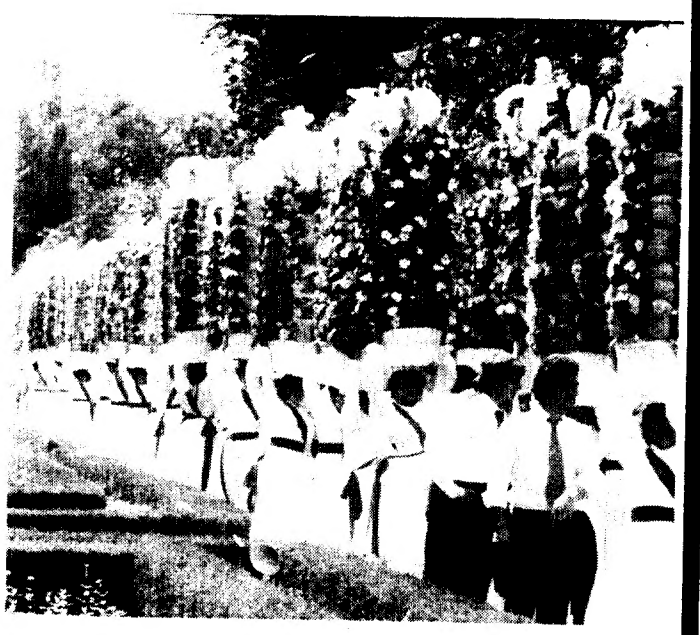
A passagem do grande cortejo pelo Estádio Municipal foi uma das várias novidades desta segunda Festa dos Tabuleiros esta década. O cortejo, saído da Mata Nacional dos Sete Montes, para a praça fronteira à Igreja Matriz, passou pelas ruas da cidade, por vezes estreitas (na parte velha), alargando-se à entrada do estádio. Antes, no «Municipal» haviam actuado os ranchos da Pedreira e do Minjoelho, do concelho. Mais tarde, um outro grupo folclórico do concelho, S. Miguel da Carregueira, actuou num festival em que também participaram os ranchos de Fajã de Baixo (Açores) e de Campinos da Azinhaga (Santarém).

Foi dia de grande cortejo e de música, esta para todos os gostos, ontem, em Tomar, onde afluíram muitos milhares de forasteiros como é tradicional durante a Festa dos Tabuleiros, sobretudo por ocasião do cortejo principal.

Desde muito cedo se ouviu música, com a arruada das duas principais bandas da cidade, a Nabantina e a Gualdim Pais, de manhã. À tarde decorreram manifestações folclóricas. À noite, além de um variado reportório de melodias de sempre, no cenário natural da Mata Nacional dos Sete Montes (ponto de partida do «grande cortejo» dos tabuleiros), Lopes Graça apresentou no Claustro de D. João III, com a Academia de Amadores de Música de Lisboa, o seu inédito «Avisamento», a sua última obra, inspirada na «Carta de Ceuta», de Luís de Camões.

À mesma hora, Artur Garcia, Alda Pinto, Mara Abrantes, Maria de Lurdes Resende e Alice Amaro, entre outros, com apresentação de Maria Leonor, cantavam na Mata Nacional dos Sete Montes, a poucas horas do termo de uma festa de cinco dias que ontem teve o seu ponto mais alto e majestoso.

A Orquestra Típica de Vila Nova de Ourém e o Rancho Folclórico da Asseiceira encerrarão esta noite a Festa dos Tabuleiros, na Mata Nacional dos Sete Montes.



Mais de meio milhar destes tabuleiros ornamentaram o grande cortejo da festa de Tomar

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

OUTRORA chamaram-lhes **Os Magriços**. *Desta vez, em honra dos emigrantes, foram os «Patrícios». Expressão calma, a puxar ao sentimento. Com um dente de alho, azeite e uma boa guitarrada, fica perfeito.*
O acontecimento teve grande expansão. Jornais, rádio, televisão entraram freneticamente na dança. Na TV tudo se alterou por causa do futebol. Uma espécie de subversão — credo!
A História julgará. Certamente um Camões de nova cepa há-de nascer para cantar os feitos gloriosos «dos que em terras de França pelejando, foram o couro fatal pontapeando».
Aguardemos.

Para o esclarecimento de certas situações, a televisão organizou um debate. Mais tarde, os historiadores que se quiserem debruçar sobre o problema, hão-de recorrer aos arquivos da RTP. Estão a ver como Fernão Lopes teria facilitada a sua tarefa se, na gesta heróica de 1383, já houvesse televisão — a menos que, como é o mais certo, a RTP levantasse voz por D. Leonor... Assim, eis-nos perante o dr. Silva Resende a reconhecer, confrontado com situações muito concretas definidas por Neves de Sousa, nosso camarada de Redacção, que não acha saudável a presença de jornalistas nos mesmos hotéis onde os jogadores se encontram hospedados. E porquê?

Porque *— explica o presidente da Federação —* **os jornalistas têm a tendência para ouvir os jogadores em confissão**. *E vai daí, surgem os problemas.*
Pois é. Eu também acho. Os jornalistas são uns chatos.

Informam-se das coisas, auscultam as fontes, escrevem, publicam nos jornais — o demónio. Se não fossem eles, nada se sabia. As coisas aconteciam na mesma, mas isso é já outra ordem de ideias...
Esta concepção de actividade jornalística deve ser alargada a outras áreas. Os jornalistas não devem fazer a cobertura dos congressos partidários. Devem ser banidos dos corredores dos ministérios. Creio mesmo que estão a mais na Assembleia da República. A Polícia faz bem quando os persegue, os impede de assistir, lhes quebra as máquinas fotográficas. É que os jornalistas, imaginem o desaforo, depois vão contar tudo!

Felizmente que, quando alguns desvendam certos descaminhos de dívidas bancárias, lá está um qualquer tribunal para lhes aplicar a pastilha.

Para que fique de emenda. Os jornalistas não devem sair das redacções. Os técnicos, os ministros, os presidentes das federações mandam-lhes lá as notícias, eles escusam até de se incomodarem.

O dr. Silva Resende tem razão. É preciso manter os jornalistas a distância. Afastá-los da grande área. Porquê? Porque não é saudável.

A menos que os jornalistas passem a andar munidos do Boletim de Sanidade.

BÁLTICO/7 Capitais

BULGÁRIA
- 2 semanas, pensão completa, visitas
- Visitando **Sofia,** Plovidv, Stara Zagora, Velingrad e 6 dias no **Mar Negro** (Varna)
- Partidas: 2, 9 e 27 de **Agosto**
- 74 000$00 a 82 000$00
- Uma noite em **Zurique** sem aumento de preço
- **Desconto Familiar** (cônjuges e filhos)
- Peça programas detalhados. Outros destinos.

AGITURISMO
Agiturismo
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef. 373110/1
Alv. Op. 414

MOBÍLIAS — LIQUIDAM-SE POR MOTIVO DE OBRAS

ESTILOS: INGLÊS, LUIZ XV E XVI, D. JOSÉ, D. JOÃO V, LOUCEIROS, ESTANTES, PAPELEIRAS, CÓMODAS, ROUPEIROS, JOGOS DE MAPLES, PEÇAS DECORATIVAS, ETC.

AV. DA REPÚBLICA, 12 r/c (METRO DO SALDANHA)

ENFERMEIRA REABILITAÇÃO
OFERECE-SE
PARA TRABALHAR SÓ TARDES.
RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 28 603

NÃO tome banho sem ter feito a digestão

Afastamento de oficiais na Síria

— revela "The Observer"

O presidente sírio, Hafez El Assad, iniciou uma série de afastamentos para restabelecer a sua autoridade enviando um grupo de oficiais superiores do Exército para o exílio temporário ou permanente no estrangeiro, anunciou o semanário britânico «Observer».

O grupo integra o seu próprio irmão, Rifaat, comandante das Brigadas de Defesa – criadas para enfrentar qualquer tentativa de rebelião – assim como os rivais de Rifaat, generais Ali Haydar, comandante das Forças Especiais, e Shafiq Fayyadh, comandante da Terceira Divisão Blindada, refere o semanário.

O «Observer» adianta que as unidades referidas estiveram à beira de provocar uma guerra civil no país no início do ano, quando os seus comandantes se encontravam em confronto e Assad se viu obrigado a intervir directamente.

O jornal afirma que os rivais, juntamente com outros 60 oficiais e funcionários, foram colocados num avião para Moscovo, no dia 28 de Maio, aparentemente para conversações com os dirigentes soviéticos.

«É agora claro que a viagem foi a cobertura para uma acção disciplinar contra os perturbadores... Funcionários como o ministro dos Negócios Estrangeiros, Faruq Al-Sharaa, regressaram ao país quando as conversações terminaram, mas os principais comandantes não», refere o «Observer».

«Rifaat e os seus apoiantes encontram-se em Genebra, enquanto os generais Haydar e Fayyadh arrefecem os seus ânimos em Sofia, Bulgária», adianta.

Terrorismo israelita

Nove passageiros de um «ferry-boat» desviado pela Marinha israelita continuam em Israel, e soldados do Estado judaico estão a patrulhar pomares nos arredores da cidade de Sidon, no Líbano, à procura de guerrilheiros escondidos.

O Ministério israelita dos Negócios Estrangeiros anunciou que os nove passageiros do «ferry-boat» «Alisur Blanco», que canhoneiras israelitas interceptaram e escoltaram para Haifa, na sexta-feira, quando se dirigia de Larnaca, Chipre, para Beirute, continuam a ser interrogados.

Notícias divulgadas sábado em Beirute davam conta de que o proprietário da embarcação anunciara que os passageiros tinham sido libertados no Sul do Líbano, mas um porta-voz da empresa, Nour Eddin Rifai, disse que a informação recebida acerca da libertação era falsa.

O gabinete do porta-voz do Exército istaelita recusou-se a comentar o incidente, afirmando que o caso estava a ser tratado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Entretanto, a Rádio Voz do Líbano, dos cirstãos falangistas, noticiou que tropas israelitas lançaram ao princípio da manhã de ontem uma operação nos pomares próximos de Sidon, 38 quilómetros a Sul de Beirute.

«Estão a vasculhar os pomares com metralhadoras apontadas, à procura de alegados atacantes», anunciou a Rádio. As tropas israelitas que se encontram nesta região têm sido alvos frequentes de ataques.

Combates

Onze civis morreram e 34 ficaram feridos em confrontos registados domingo em Beirute entre o Exército libanês e milícias chiitas Amal.

O Aeroporto de Beirute continua fechado, pelo centésimo quadragésimo quinto dia consecutivo, e os bairros dos arredores da cidade foram atingidos domingo pelos bombardeiros de artilharia e rockets.

Para as eleições de Novembro

Reagan grande favorito segundo as sondagens

O presidente Ronald Reagan mantém hoje vantagem sobre Walter Mondale e tem actualmente a maior preferência do eleitorado, registada por um ocupante da Casa Branca em 20 anos. Segundo uma sondagem da Gallup, se houvesse agora eleições nos Estados Unidos, Reagan venceria o candidato presidencial democrata por uma margem de 19 pontos. Esta vantagem recorda somente a tida por Lyndon Johnson em 1964, quando derrotou por esmagadora maioria o candidato republicano Barry Goldwater. Segundo a sondagem, 56 por cento do eleitorado votária em Reagan, 37 em Mondale e 7 por cento está indeciso, se Gary Hart fosse o candidato democrata, Reagan venceria por somente 12 pontos (53 contra 41 por cento e 6 por cento de indecisos). Estes valoers preocuparam seriamente os democratas, já que em Maio passado a diferença a favor de Reagan contra Mondale era de entre 4 e 9 por cento, mas nunca superior a 10 por cento.

As esperanças estão presentemente depositadas na convenção deste mês do Partido Democrata, mas, segundo observadores, muito dificilmente Mondale poderá alterar a tendência do eleitoraldo.

Reagan tem a seu favor a recuperação económica e poderá tirar dela todo o partido antes que comecem os problemas derivados do enorme défice orçamental, a partir de 1985. No primeiro trimestre do ano, a economia subiu em 9,7 por cento, a inflação permeneceu nos 4,6 por cento e a taxa de desemprego baixou para 7,4 por cento.

Com a redução dos impostos pessoais, o norte-americano médio tem mais dinheiro para gastar, e a confiança dos consumidores no estado actual da economia é a maior desde os anos 60.

O único problema previsível é o défice e a subida das taxas de juro, que irá reduzir o dinheiro em circulação. Haverá por isso que impor mais impostos e reduzir os benefícios sociais, o que será logicamente feito só depois das eleições de Novembro próximo.

Jesse Jackson

A Administração Reagan não devia «ignorar os sinais positivos» de Fidel Castro para com os Estados Unidos – disse o líder negro e aspirante à candidatura democrática, Jesse Jackson.

Jackson, que obteve do líder cubano a libertação de 48 presos, negou que Fidel Castro o tenha «usado» para fins propagandísticos e para interferir na politica norte-americana, como sustenta a Casa Branca.

Dos sinais positivos de Fidel, Jackson destacou a disponibilidade para negociar o regresso a ilha dos cubanos indesejáveis que partiram para os Estados Unidos em 1980 e se encontram detidos em vários Estados da União.

Segundo uma revelação de Jackson a ABC, a Secretaria norte-americana de Estado propôs a Cuba o inicio de conversações para a devolução de cerca de mil delinquentes nos dias 12 e 13 deste mês.

A Casa Branca disse sexta-feira não ter ainda uma resposta de Havana à proposta.

Os outros sinais positivos de Cuba, segundo Jackson, são a libertação de presos, apoio à unificação de famílias, ao processo de Contadora e a disposição para a troca de embaixadores entre os dois países.

Um dos colaboradores de Jesse Jackson revelou entretanto que a viagem a Havana e Managua foi paga pelos governos cubano e nicaraguense.

Acrescentou que isso significa que o dirigente negro não violou as leis dos Estados Unidos.

Um alto funcionário da Secretaria de Estado havia insinuado que Jackson poderia ter transgredido a ordem presidencial, ratificada quinta-feira pelo Supremo Tribunal dos Estados Unidos, que proíbe viagens de cidadãos norte-americanos a Cuba.

Esta proibição, de que estão excluidos os jornalistas, funcionários e pessoas com famílias em Cuba, visa impedir que o regime castrista receba dólares dos turistas norte-ameri-

Armas espaciais

Contraproposta dos EUA rejeitada por Moscovo

A União Soviética rejeitou hoje liminarmente a oferta norte-americana no sentido de adicionar a questão da redução das armas nucleares à agenda das negociações propostas pelo Kremlin acerca de uma possível eliminação das armas espaciais.

Numa declaração oficial, a agência noticiosa soviética TASS considerou que a proposta no sentido de ligar as conversações sobre armas espaciais com as questões de armamentos nucleares em geral tem por objectivo destruir a proposta soviética, ao colocar «condições preliminares» para as conversações.

«Por outras palavras, eles procuram ficar com a liberdade de acção para implementar programas destinados a transformar o espaço exterior num palco de agressão», afirmou a TASS.

A agência soviética adiantou estar «autorizada a afirmar que a resposta da Administração americana à declaração do Governo soviético (acerca das armas espaciais) é totalmente insatisfatória».

Esta expressão indica que a declaração foi oriunda dos mais altos círculos do Kremlin.

Na sexta-feira, a União Soviétida ofereceu-se para iniciar conversações em Viena, no mês de Setembro, acerca de um tratado que interditaria o desenvolvimento e instalação de sistemas anti-satélites e outras armas espaciais.

A Administração Reagan aceitou a oferta, mas disse pretender juntaj as questões de controlo de armamentos nucleares à agenda das conversações.

Funcionários em Washington disseram que essa atitude era considerada uma forma de retumar as Conversações de Genebra sobre as armas de médvo alcance e estratégicas, suspensas com o abandono sivético, no final do ano passado, após a NATO ter instalado novos misseis nucleares norte-americanos na Europa Ocidental.

A URSS tem recusado reiniciar quaisquer diversações sobre armamentos nucleares a menos que os Estados Unidos e os seus aliados interrompam a instalação de um total previsto de 572 mísseis Pershing 2 e de Cruzeiro e retirarem os já colocados.

Refere, nomeadamente, que a resposta dos EUA à oferta de conversações era «uma tentativa de evitar considerar a essência do problema, substituindo o tema das conversações omr outros assuntos».

Eleições na Guatemala

Os guatemaltecos foram domingo às urnas em massa para eleger uma Assembleia Nacional Constituinte que redigirá a nova Carta Magna da nação.

As assembleias de voto fecharam às 19h00 (2h00 de hoje em Lisboa) após 12 horas de actividade e o Tribunal Supremo Eleitoral afirmou que a votação foi um êxito, com números preliminares sobre depósito de milhão e meio dos 2,5 milhões de votos possíveis.

O presidente do Tribunal disse domingo à noite que 75 por cento do eleitorado foi às urnas.

A votação decorreu normalmente se bem que, segundo algumas fontes, 30 pessoas terão desmaiado nas bichas para as assembleias de voto. A guerrilha de esquerda manteve-se inactiva.

As eleições foram ensombradas pelas deficiências de transportes públicos e nas listas de votantes, o que impediu alguns guatemaltecos de votar.

Foram as primeiras eleições na Guatemala desde os dos golpes de Estado que se seguiram às eleições de 7 de Março de 1982 e que serviram à escolha de 88 deputados que elaboraram a Constituição em vigor, depois da revogação da anterior pelo prmeiro dos movimentos golpistas.

Segundo os primeiros resultados provisórios, a União do Centro Nacional (U.C.N) vai à frente.

ÀS EMPRESAS DO GRUPO A

IMPRESSOS DE LETRA PRIVATIVOS, OBRIGATÓRIO A PARTIR DE JULHO/84 CONFORME DEC. LEI Nº154/84. CONTACTE-NOS

MONTINHO

Publicidade e Artes Gráficas Lda.

Tv. Fábrica dos Pentes. 3-B 1200 LISBOA

Tel: 65 86 63

Povo boliviano sai à rua em defesa da democracia

Os bolivianos fazem hoje em todo o país marchas de apoio ao processo democrático e de repúdio pela tentativa de derrube do presidente Hernan Siles Suazo.

A poderosa Central Operária Boliviana (COB) convocou os trabalhadores para dizerem um rotundo não aos golpistas e apelou para que o governo desmantele o aparelho golpista de elementos que serviram as ditaduras militares dos últimos anos, entre eles os ex-agentes dos organismos de repressão política do governo do general Luís Garzia Meza, de 1980 a 1981.

Segundo o ministério boliviano do Interior, na tentativa de golpe de sábado estarão envolvidos conhecidos elementos da ditadura de Garcia Meza, entre eles o polémico ex-ministro do Interior Luis Arce Gomez.

Segundo o sub-secretário do Interior, Gustavo Sanchez, o sequestro do presidente Siles Suazo faz parte de uma escalada golpista para desencadear uma onde de repressão contra os sectores democráticos.

O ministro da Defesa, Manuel Cardenas Mallo, sublinhou, por seu lado, que as Forças Armadas no seu conjunto estão identificadas com o processo democrático e repudiou notícias de que existam preparativos subversivos militares contra o estado de direito.

Alguns sectores do governo consideram inubitável que a tentativa de sabádo partiu de um grupo de militares vinculados ao tráfico de cocaína. Entre os suspeitos, conta-se o ex-coronel Norberto Salomon, que, por seu lado, desmentiu qualquer envolvimento no sequestro de Siles Suazo.

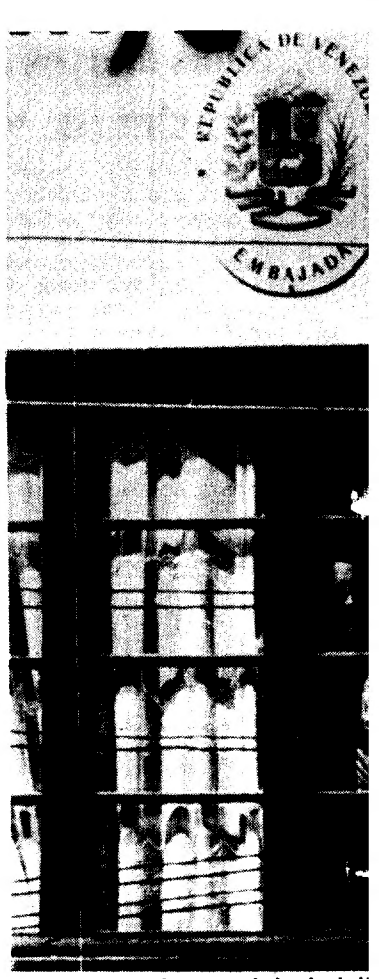
Onze das pessoas envolvidas no sequestro, abrigadas nas embaixadas da Venezuela e Argentina em La Paz, não saíram entretanto do país, segundo se soube hoje.

Na embaixada da Venezuela, estão quatro oficiais de policia e um tenente do exército bolivianos, e na embaixada da Argentina seis civis, que disseram que foram contratados para participar no golpe.

O presidente Siles Suazo prometeu que os refugiados na embaixada argentina terão um salvo-conduto para sair da Bolívia, porque são uns pobres homens induzidos por outras pessoas.

Os refugiados na embaixada venezuelana não obtiveram a aquiescência oficial quanto aos salvo-condutos para deixarem o país.

Durante o sequestro, segundo se soube, os civis pediram ao presidente Siles Suazo que lhes permitisse sair para o Paraguai e não para a Argentina, por receio de possíveis represálias pelas autoridades de Beunos Aires. Segundo se soube, o ministério boliviana dos Negócios Estrangeiros está a negociar já com Beunos Aires a saída dos seis civis para um terceiro país.



Um dos refugiados na embaixada da V atrás dos vidros de uma janela do edi

canos para financiar as suas actividades subversivas no hemisfério, segundo o veredicto do máximo órgão judicial dos Estados Unidos.

O governo Reagan considera que Jackson se deixou manobrar por Fidel Castro com a libertação de 48 presos cubanos e norte-americanos e está descontente com as denúncias que fez em Manágua da política centro-americana da Casa Branca.

Os colaboradores de Jackson sublinharam também que a viagem não se enquadrou na campanha do reverendo as eleições, presidenciais de Novembro, pelo que não foram utilizados fundos da campanha para a financiar.

O reverendo recebeu quase dois milhões de dólares, em fundos federais para a sua campanha eleitoral.

Disseram que apoiantes de Jackson criaram um fundo humanitário para custear as despesas da digressão, que se cifraram entre 250 e 300 mil dólares.

Numa entrevista, Jesse Jackson declarou que Fidel Castro deseja retirar as tropas cubanas de Angola.

«Ele tornou bastante claro que desejaria retirar as suas tropas ali estacionadas», frisou Jackson numa entrevista à cadeia de televisão ABC.

O defensor negro dos direitos cívicos, que na semana passada visitou Cuba, El Salvador, Nicarágua e Panamá, criticou o governo norte-americano pelo seu apoio económico à África do Sul.

Jackson anunciou ainda que vai tentar deslocar-se à URSS para conseguir a libertação do físico Andrei Sakharov.

Ministro britânico visita a URSS

O ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, Geoffrey Howe, chegou a Moscovo em visita oficial, durante a qual terá conversações com o líder soviético, Konstantin Tchernienko.

Howe terá também uma entrevista com o seu homólogo soviético, Andrei Gromiko.

Fontes diplomáticas disseram que a visita terá características idênticas às dos estadistas ocidentais que nos últimnos dois meses visitaram a União Soviética. Howe é o primeiro ministro britânico dos Estrangeiros a visitar a URSS desde 1977.

As fontes acrescentaram que o Kremlin reiterará as actuais posições sobre o desarmamento e a sua concepção da situação internacional.

Moscovo acentuará, segundo as fontes, a particular «responsailidade» dos países da Europa Ocidental que montaram no seu território os mísseis norte-americanos de médio alcance.

Geoffrey Home, ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, é recebido pelo seu homólogo, Gromyko, à chegada ao aeroporto de Moscovo. (Telefoto UPI/NP/«DL»)

Mais barcos atacados pelo Iraque

O Iraque anunciou ontem ter destruído uma coluna de sete barcos no Golfo e abatido um aviao de intercepção, tendo o Irão, sem comentar a reivindicação iraquiana, lançado nova advertência.

O presidente iraniano, Sayed Ali Khamenei, reiterou que o Irão atacará se «outros» o fizeram também no Golfo, referiu agência noticiosa iraniana, IRNA.

Afirmando que os adversários do Irão são «mais vulneráveis» do que os iranianos, Khomenei declarou: «Estamos melhor preparados se o jogo do fogo continuar na região fronteiriça (...) na Terra e no mar», noticiou a IRNA.

Até ao momento não houve confirmação dos ataques iraquianos.

Um porta-voz militar anunciou em Bagdad que os ataques contra a coluna de navios foram lançados de madrugada, junto ao Canal de Khora Moussa, na entrada do porto de Bandar Khomenei, 105 quilómetros a Sudeste da fronteira iraquiana.

Segundo o mesmo porta-voz, cinco barcos foram atingidos com êxito e dois outros entraram num campo de minas, tendo colidido com elas e sido destruídos.

O porta-voz descreveu os barcos como «alvos navais», indicando tal que o Iraque não sabia, ou não pretendeu divulgar, que tipo de embarcações foram atingidas, nem as suas nacionalidades.

Dívida externa do Terceiro Mundo

Continuação da pag 1

as variantes económicas explicam apenas uma parte do comportamento dos países devedores.

Com ou sem dívida externa, com ou sem Fundo Monetário Internacional, as sociedadess latino-americanas enfrentam dificuldades profundas e a necessidade de mudanças na sua organização económica e social, nos seus modelos de acumulação e crescimento, nas vias da sua inserção internacional.

Vivemos um mundo paradoxal. Um mundo em que o quadro externo influi profundamente no comportamento de cada sociedade nacional.

E, no entanto, são os problemas internos, as normas culturais de cada povo, os seus sistemas políticos, as aspirações e conflituosidades internas, que actuam como factores dominantes do comportamento de cada país.

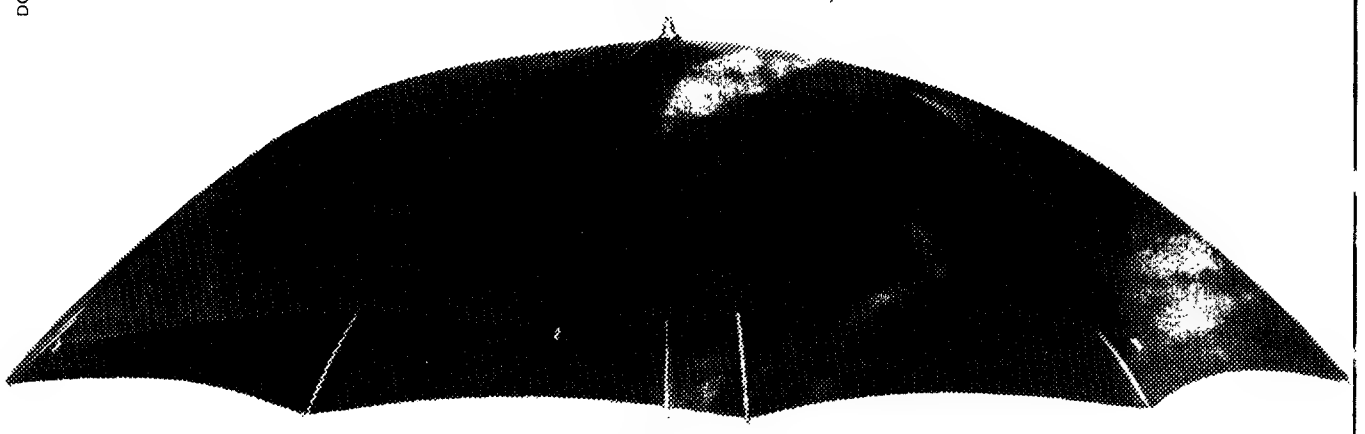
A única resposta realista consiste em aperfeiçoar os mecanismos de acção da Democracia e, neste contexto, incorporar a dívida como um problema central, mas só um dos desafios que enfrentam os nossos países.

Não será possível recuperar o direito à liberdade e à autodeterminação sem proceder às mudanças internas indispensáveis.

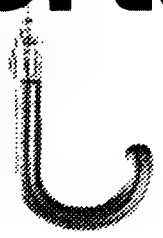
***Presidente do banco da província de Buenos Aires e ex-ministro argentino da Economia**

da Venezuela em La Paz, fotografado edifício (Telefoto UPI/NP/DL).

DC 3 PUBLICIDADE



O seguro é a sua cobertura



não a perca

Pague os seus Seguros dentro dos prazos que a sua Seguradora lhe indicar, conforme determina o Decreto-Lei 162/84

Aveiro

Desemprego e salários em atraso crescem dia a dia no distrito

— *concluiu o Congresso da USA*

Armando Teixeira da Silva, coordenador nacional da CGTP-IN afirmou em Aveiro que «o projecto governamental da Lei de Segurança Interna é uma tentativa de cobertura a uma nova pide».

Discursando na sessão de encerramento do I Congresso da União dos Sindicatos do distrito de Aveiro, salientou que «a unidade dos democratas e patriotas é uma exigência imperiosa para impedir a passagem do projecto de Lei de Segurança Interna».

Teixeira da Silva realçou a propósito que «se torna igualmente imperiosa a união de esforços dos democratas identificados com o 25 de Abril para se viabilizar uma alternativa à actual política e a este Governo».

Referindo-se em jeito de balanço às cem medidas da campanha eleitoral do PS subinhou que «os resultados estão à vista, nomeadamente, a existência de quatrocentos e cinquenta mil desempregados, 30 por cento da taxa de inflação, o aumento da dívida externa, das falências e da fome».

Colocou como prioridade na luta da CGTP a anulação dos recentes aumentos de preços e a criação de um cabaz de compras, a não aprovação da Lei das Rendas de Casa, a luta pelo pagamento atempado e actualização dos salários e a retirada da Assembleia da República dos projectos de Lei sobre Segurança Interna e Serviços de Informação.

20 mil desempregados em Aveiro

O Congresso da União dos Sindicatos de Aveiro, realizado este fim-de-semana, concluiu que o desemprego, os salários em atraso e as dívidas à Previdência são os principais responsáveis pela deterioração social e económica do distrito.

Segundo revelaram os congressistas, existem actualmente no distrito de Aveiro cerca de 20 mil desempregados, 400 mil contos de salários estão em atraso e há 2,5 milhões de contos de dívidas à Previdência.

Salientaram que se avoluma dia a dia o número de trabalhadores com salários em atraso, de contratados a prazo e de despedimentos, situações, em alguns casos, associadas ao encerramento e falência de várias empresas.

Sublinharam que «segundo os próprios números do Ministério do Trabalho, o montante de dívidas aos trabalhadores relativas a salários em atraso, eleva-se a 400 mil contos, com particular incidência no sector metalúrgico».

«Todavia – acrescentam – um levantamento incompleto feito pela União dos Sindicatos de Aveiro, em apenas dez sectores de actividade do distrito, aponta para o número de trabalhadores sem salários quase três vezes superior ao referido pelo Ministério do Trabalho».

Os representantes das estruturas sindicais de Aveiro filiadas na CGTP-IN concluíram ainda que a dívida do patronato à Previdência se situa na ordem dos 2,5 milhões de contos e avoluma-se a uma média de 70 mil contos por mês, sem contar os respectivos juros.

Por fim, os congressistas assinalaram que, no distrito de Aveiro, 42,2 por cento da população não sabe ler nem escrever e verifica-se uma média de um médico para 1160 habitantes.

Plenário da F.P. repudiou "política repressiva do Governo"

O Plenário da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, realizado em Coimbra, condenou a «política repressiva do Governo».

Em comunicado, os cinco sindicatos da federação pedem a retirada da Lei dos «Serviços de Informação» e do projecto de lei de «segurança Interna», exigindo que a «acção policial seja enquadrada no respeito pelos princípios constitucionais» de modo a garantir «a efectiva segurança das populações e respeitar os direitos dos cidadãos».

«Com a proposta de lei sobre segurança interna pretende-se fazer de cada trabalhador da Função Pública um «bufo» já que se prevê que estes devem prestar ao serviço de segurança a colaboração que o interesse público permita razoavelmente exigir» – sublinha.

Os sindicatos daquela federação considram ainda que «nunca, depois do 25 de Abril, se foi tão longe nas tentativas de atropelo dos direitos e liberdades e na reconstituição do aparelho do Estado totalitário e repressivo».

A federação é constituída pelos Sindicatos da Função Pública do Norte, Centro, Sul, Açores e Madeira e dos Trabalhadores Consulares e das Missões Diplomáticas na Europa.

No plenário, que visava analisar a «situação político-sindical e social e definir «prioridades da luta reivindicativa», foi decidido marcar para 19 e 20 de Abril de 1985 o Congresso da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública.

Os sindicatos decidiram também «manifestar a mais firme condenação pela política social do Governo, exigindo a anulação dos aumentos de preços de bens essenciais, a criação de um «cabaz de compras» e a retirada do «projecto de lei das rendas de casa».

Repudiar a «política de restrição orçamental praticada pelo Governo, a mando do FMI», e «exigir a reposição da legalidade e a salvaguarda dos direitos e interesses dos trabalhadores da Função Pública, pondo fim aos contratos a prazo, desbloqueando os quadros e os concursos de promoção», foram outras das conclusões anunciadas pela federação.

Na reunião foi ainda decidido apoiar «as lutas dos trabalhadores contra o desemprego e os despedientos, pela melhoria dos seus salários contratuais, pelo pagamento dos salários em atraso e contra a repressão patronal».

Reintegrados maquinistas da CP

Dezasseis dos 37 funcionários da CP demitidos por não acatamento da requisição civil em Março de 1983 vão reiniciar as funções, por despacho do ministro do Equipamento Social.

O ministro decidiu comutar a pena de demissão a que os maquinistas e revisores da CP tinham sido condenados, em penas de suspensão de funções, por um ano.

No entanto, o despacho do ministro afirma que «foi levado em conta o tempo já cumprido, pelo que os funcionários deverão reiniciar de imediato as suas funções».

Uma fonte da Secretaria de Estado dos Transportes afirmou que os restantes 21 funcionários deverão ser readmitidos ainda esta semana.

Vitória da lista unitária nos Metalúrgicos do Porto

PORTO, 2 (Da nossa delegação) — A lista «A», apoiada pela actual direcção e que concorreu às eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgica e Metalomecânica do distrito do Porto, com a sigla «Em defesa de todos os trabalhadores/unir, organizar, lutar/prosseguir Abril», venceu o acto eleitoral, obtendo 84 por cento dos votos expressos (7459).

A lista «B», sob o lema «Pelo pão, pelo trabalho, por uma nova direcção — unir os trabalhadores», alcançou 1163 votos (13 por cento). No acto eleitoral participaram 8909 associados, ou seja, 30 por cento dos inscritos no respectivo caderno eleitoral (32 mil trabalhadores).

Delegação sindical agrícola na Grã-Bretanha

Encontra-se desde sábado a visitar a Grã-Bretanha uma delegação da Federação dos Sindicatos Agrícolas do Sul, que ali se deslocou a convite do Sindicato Agrícola britânico (NUAW/TGWU), filiado na central sindical britânica TUC.

A delegação portuguesa, cujo regresso está previsto para a próxima sexta-feira, é constituída por Francisco Caixinha, do Secretariado da Federação, e Fernando Maurício, do Departamento Internacional da CGTP-In.

Sim! MAIS DE 5.000 CONTOS EM PRÉMIOS de Julho a Setembro

Leia o diário ... e Concorra!

NÃO FAÇA LUME
PROTEJA AS FLORESTAS
As Florestas são uma riqueza nacional.
Colabore com a sua atenção e vigilancia na defesa desta riqueza.

DESPORTO

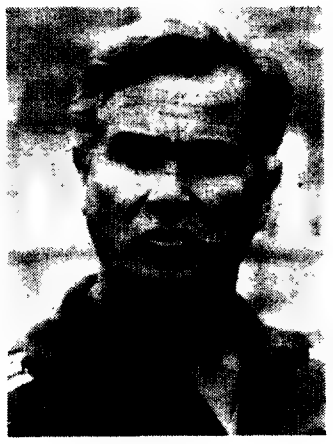
A verdade autêntica sobre a selecção de futebol no Europeu

Os quatro cavaleiros do após-calipso

Concluído o campeonato europeu de futebol, com um verdadeiro mar de questões colocado em cada peneira, a interrogativa principal ergue-se lentamente:

– Agora, que quase já bate à porta o torneio mundial, que futuro para Portugal?

Ontem, no programa tele visivo «Domingo Desportivo», o presidente federativo foi cauteloso: **Ainda esta semana teremos seleccionador, mas não posso (por dever de palavra dada, garantir ou desmentir se Toni é o homem escolhido. Uma coisa posso afirmar: hoje mesmo Fernando Cabrita, Toni, José Augusto e António Morais recebem cartas de agradecimento pelos serviços prestados à Federação. Logo depois se verá.**



Fernando Cabrita: na hora de raiva, soube assumir-se

Toni: entre bastidores, a possível subida a seleccionador

José Augusto: um papel indecifrável num jogo confuso

Morais: amuo sobre amuo até ao ofício de corpo presente

Neves de Sousa
enviado especial

Casa raro e nunca visto: ao apresentar-se na fase final do campeonato de futebol do velho continente, lado a lado com outras sete formações, a turma portuguesa caiu no tremendo insólito de colocar no seu comando (pelo menos aparentemente) quatro técnicos, logo aí atraindo a curiosidade de todos os membros da Imprensa que, mal crendo acreditar no que os seus olhos viam, procuravam com certo tom de gozo vislumbrar qual era o comandante, quem assumia a posição de «leader», a quem deveriam questionar sobre esquemas e blocos a colocar na luta.

Foi aí nesse esbanjamento, exactamente no ar perdulário do executivo da Federação, sempre tão ávido a declarar na praça pública que o dinheiro dos seus cofres não permite um mais eficaz apoio aos clubes que (por exemplo) carecem de relvar os seus campos ou de neles empreenderem obras de benefício, que nasceu o primeiro sinal de que a denominada «selecçao nacional de futebol» jamais poderia atingir o ponto mais alto da sua esperança.

História antiga

Lembremos, lá para trás, como as coisas se foram desencadeando. A contratação do veterano Otto Glória e a necessidade de, para o poupar a grandes trabalhos, serem recrutados Fernando Cabrita e José Augusto, cada qual destinado a seu escalão etário mas ambos com o encargo (supra) de ajudarem o velho marechal a um pé do total declínio. E essa queda foi um facto: tão controversa como adivinhada a longa distância, provando à saciedade como fora inoportuno o recrutamento de um homem que estava perfeitamente desambientadao do futebol europeu e, pior ainda, a léguas-luz dos nomes e características dos jogadores, ao dispor das turmas de Portugal.

Envolvidos em lutas que ofereciam várias frentes, fomos sucessivamente baqueando: os olímpicos disseram rapidamente adeus à remota viagem a Los Angeles, as «esperanças» encravaram no matagal e também ficaram pelo percurso, o bloco superior lá ia dando uma no cravo e outra na ferradura até que chegou o tal dia em que, por Moscovo, não se adivinhava (nem no mercado negro) qualquer peça de fruta: e o pobre do Bento, cheio de fome que só visto, a consentir cinco golos para os quais a única hipótese de defesa seria ingerir rapidamente uma talhada de melão, uma pêra fresquinha ou (no mínimo) um pedaço de doce de cereja.

Mas, nada disso se conseguiu: e o 0-5, derrota provocada pela sub-reptícia manobra do sonegamento da fruta às hostes ocidentais, caiu mal no estômago fraco de Otto Glória que, não adivinhando que o caminho lusitano ainda poderia ser tocado pela celeste varinha da solidariedade, pensou que estava consumado o facto, que a caminhada até França fora chão que dera uvas e desistiu, embarcando para o pátrio lar onde (pelo que se sabe) continuou em trilho de pouca glória, em veloz andamento para o eclipse.

A Federação, então ainda entregue ao benfiquista Romão Martins, ficou com uma castanha quente na mão. Pedro to recusou tomar as rédeas de um corcel ferido, nenhum técnico de primeiro plano aceitou o encargo de lutar em desespero de causa e foi então que Fernando Cabrita assumiu a responsabilidade, inédita e não esperada, em toda a sua carreira. Fernando Cabrita entrara para o «staff» técnico do organismo que superintende no nosso pontapé na bola de um modo também diferente do trivial: sem clube, desempregado, longe de vislumbrar uma hipótese de poder aplicar os seus conhecimentos num símbolo dotado do mínimo de condições para poder brilhar, dirigiu-se à Federação procurando acreditar-se para um curso de reciclagem em Paris: uma hora depois estava contratado pelo executivo da Federação. E, quando surgiu a abdicação de Otto Glória, apenas se limitou a estar presente à promoção.

Porém, diga-se o que se disser, a selecção estava pelas ruas da amargura: os clubes consideravam-na uma enjeitada, não lhe ofereciam o carinho que deveria merecer o «onze» obrigatoriamente de todos nós e, num raro gesto sensato, algum tempo de reflexão bem gasto e aí tinhamos a tentativa de solução para esse contínuo divórcio: a chamada (em «part-time») de adjuntos para trabalharem com Fernando Cabrita e igualmente com José Augusto, que já estava contratado pela Federação para trabalhar com os escalões etários mais jovens do nosso futebol. Que adjuntos poderiam mais convir? Exactamente os que pudessem funcionar como elos de ligação junto dos clubes que, pelo menos teoricamente, em condições normais maior dose de futebolistas poderiam emprestar a cada selecção. Os convites foram endereçados ao braço direito de Eriksson e ao grande apoiante de José Maria Pedroto, tal como ao preparador físico sportinguista Radisic: Toni e Morais foram autorizados (pelas respectivas entidades patronais) a aceitar as propostas mas o jugoslavo, já seduzido pelos petrodólares, embarcou para longes terras, deixando o seu lugar em aberto porque (sabe-se agora) a ideia de avançar Oliveira para o seu posto não recebeu beneplácito geral, visto que o «mestre» centro-campista dos «leões» estava de candeias às avessas com dois companheiros de clube, precisamente aqueles que moravam na permanente primeira linha de convocação para qualquer grupo nacional mais representativo.

Foi assim que, na viagem à Polónia como na recepção à URSS (no Estádio da Luz) os quatro adjuntos estiveram comungando dos êxitos e dos proveitos mas, talvez por uma questão tácita de enfeudamento à idade de Fernando Cabrita, aparentemente a pequeno nível de subalternidade ante o homem que em tempo secou Ocwirck a falar quando era necessário contar coisas para a Imprensa.

Tudo foi correndo no melhor dos mundos até que, caída dos céus aquela arbitragem do fracês Konrath (que viajara para Portugal na companhia de Bruno Santos, correspondente do jornal «A Bola» em terras francesas e elemento que tem estado ligado a várias realizações desportivas, a nível clubista como federativo) conseguimos passaporte até à fase decisiva do Europeu de futebol, a meta que nunca tinhamos cortado ou sequer aflorado. Foi então que o quadrunvirato, por isto ou aquilo, rompeu pelas costuras e pegou fogo.

Jogadores divorciados

A coisa começou naquele longo e inacreditavelmente monótono estágio em Palmela: sombra, sol, água fresca, uns pontapés sobre a relva do Bonfim e outros chutos apalavrados para o Jamor, mas a embaixada nitidamente separada. Julgou-se que era benzidela proporcionar mais alguns dias de repouso aos jogadores portistas que tinham estado envolvidos nas lutas europeias e, desse modo, foram os benfiquistas que inicialmente tomaram de assalto o castelo para logo formarem os seus grupos mais ou menos habituais. Então, outra asneira foi cometida, talvez fruto de querer tocar Deus sem uma cunha a Santo: desprezando a competência dos Centros de Medicina Desportiva (que até têm voz activa nas análises anti-«doping») os seleccionados foram sujeitos a exames médicos sob alvedrio da Marinha, o que criou um mal-estar entre os clínicos normalmente encarregados dessa tarefa: e aqui estaremos para registar a sua reacção a pequena distância...

Mas avancemos no tempo. Privados de contacto com familiares e amigos, como que aparentemente enclausurados numa vida monástica, os rapazes da selecção esperaram a chegada dos portistas e, então, o atrito que tem sido inoculado nos seus atletas por alguns dirigentes de mente exacerbada pela mania da perseguição fez colidir, quase frontalmente, vários membros daquele que tinha obrigação de funcionar como homogéneo exército. Mais porque num rasgado lote de técnicos (mais ou menos adjuntos) não se vislumbrava qualquer especialista em psicologia que pudesse encaminhar a nau rapidamente a bom porto. E, quando no regresso de Basileia, o adjunto de Pedroto, tomando conhecimento (pela informação de um jornalista) de que, por exemplo, o benfiquista Pietra não tinha sido convocado para a embaixada da Praça da Alegria, atirou os burrinhos à água, insurgindo-se contra aquilo que considerou **desvirtuar a palavra que estava comprometida e a que associara o seu prévio parecer**. António Morais, pelo que depois se soube, chateado que nem um perú em vésperas de ágape natalício, ficou uns dias pelo Norte, a contas com uma vulgar dor de dentes que, certamente num ápice, o dr. Camacho Vieira e o dedicado massagista João Silva (que se encontravam no estágio) teriam reduzido a lenda. Todavia, o então porta-voz de José Maria Pedroto entendeu que estava a ser desconsiderado: e, pelo que se notou até ao regresso de Marselha, não mais se enquadrou a cem por cento no areópago para que tinha sido chamado.

Por seu lado, era do domínio comum que cada treinador pretendia puxar a brasa à sardinha do patrão, colocando no «team» o maior número possível de jogadores da sua colectividade patronal. Foi por isso que, lá mais para diante, estalou um contencioso entre Carlos Manuel e Jaime Pacheco, outro que teve fulcro em Fernando Gomes, que se julgava injustamente impedido de estar no relvado para mostrar, aos espiões do multimilionário Milão, a gama dos recursos que o estavam a encaminhar para a fortuna a passos rápidos. Da luta por um posto na linha intermediária venceu (perante a Roménia) o adjunto partidário da inclusão de Carlos Manuel. Mas, logo na etapa seguinte, veio a desforra: o benfiquista no banco e Jaime Pacheco em acção, para gáudio e vinganzinha de quem apostava na carta azul-branca.

Por outro lado, ainda na manhã do jogo particular no Luxemburgo ninguém poderia afoitamente adiantar que «team» iria inicialmente pisar a relva: tão depressa Cabrita dava a sugestão de que seria o «onze» X como logo chegavam notícias (vindas de outro sector técnico) de que esse «team» não correspondia à realidade, com os próprios jogadores vogando em permanente destrambelhamento nervoso, sem saberem se valia a pena fixarem de fio a pavio a complicada palestra a quatro vozes ou, apenas num apelo ao seu talento e valor, esperarem onde paravam as modas para depois, dentro das quatro linhas brancas, decidirem entre si como deveriam actuar, em que sistema e qual a função a cumprir por cada membro da comunidade. Ao menos para salvaguarda do próprio nome.

À flor da pele adivinhava-se que as coisas não iam ficando calmas no seio da selecção. António Morais já estava notificado (pelo novo corpo executivo do Futebol Clube do Porto) de que os seus serviços estavam dispensados, uma vez que pretendia encetar voo com asas próprias e não estava disposto a continuar sendo adjunto de ninguém, excepto do professor Pedroto. E, também era do domínio público, que o convite feito a um técnico para as Antas fora inicialmente endereçado a Quinito, que somente o recusara porque pretende continuar em Braga, uma obra por que está apaixonado. Desse modo, Jorge Nuno Pinto da Costa, talvez vencido no seu íntimo, apreciativo mas vergado a uma escolha colegial dos restantes membros da sua nova direcção, enviou a proposta com dois remetentes: e aí temos Artur Jorge e Octávio, dois antigos representantes do clube das Antas, a pegarem no futebol que vai excursionar até à «Taça dos Vencedores de Taças», provavelmente já com um guarda-redes francês nas suas balizas mas apenas de longe protegido pelos olhares de Pedroto, que confessa não mais estar disposto a dar conselhos a quem não os aceita. Esta é a verdade intocável.

Voltemos à selecção. No avião para o Luxemburgo a fricção entre jogadores e técnicos tornou-se mais aguda, mas com os atletas a procurarem já reunir-se num bloco que ficasse ao abrigo das intempéries desencadeadas pela massa de comandantes. Foi então que surgiram algumas discussões e muitos pedidos de esclarecimento sobre como seria dividido o «bolo» obtido pelo contributo de vários «sponsors» e, sobretudo, que prémios estavam planeados pela Federação para os diferentes graus de dificuldade que estavam pela frente da jovem cavalgada.

Soube-se, então, que tanto no Luxemburgo (no jogo particular) como nas três etapas que contavam a ferro e fogo (Alemanha Federal, Espanha e Roménia) o prémio seria de presença: cem mil escudos a cada jogador, efectivo ou suplente. E, no Luxemburgo, perante uma plateia quase totalmente composta pelos nossos emigrantes mais dedicados e constantes, o espectáculo foi de tal forma pobre que chegaram a escutar-se palmas de tango, obrigando a uma mudança radical de processo de jogo para que a equipa nacional nao ficasse logo ali, perante treze amadores puros e um semiprofissional, reduzida à expressão mais simples.

No final, para quem os queria ouvir, os nossos jogadores não regatearam críticas ao estilo táctico colocado na tabuleiro e, sobretudo ao facto de qualquer dos quatro técnicos, ávidos de darem nas vistas e (possivelmente) arrancarem em «sprint» para o posto de seleccionador único, gritarem seu conselho, sua ordem sua indicação, cada uma diferente das anteriores e todas a chocarem-se entre si. Salvo o devido respeito, para nós que estávamos a quatro metros de distância do superpovoado **bancão** lateral, parecia uma fita dos saudosos irmãos Marx: disparate após disparate, todos ao mesmo e ninguém a entender-se com a realidade.

Foi então que, pela primeira vez, falou alto o talento e a categoria de alguns dos nossos futebolistas: foram eles, apenas e só eles, que conseguiram emendar aquele que poderia ter sido um vergonhoso desaire em sucesso que, embora inexpressivo, sempre acabou por limpar a primeira nódoa negra de uma excursão que somente terminou em bem porque, digam o que disserem os contratores, possuímos jogadores de corpo inteiro, cavalheiros que (já sabendo comer com garfo e faca) respeitam a profissão e, acima de tudo, não abdicam da quota de responsabilidade que têm perante o público que os admira.

Como se verá pela história, foram os jogadores que conseguiram que o futebol português atingisse as meias-finais do campeonato europeu: mas, para isso, foi necessário alhearem-se das convulsões em que estiveram envolvidos, permanentemente atirados para o centro de uma fogueira em que o lume era aceso por quem tinha estrita obrigação de o combater.

Mas, já lá chegaremos.

DESPORTO

Veselinovic: agora a caminho da Turquia

Derwall: o europeu foi o último degrau

Depois de Derwall

Treinador da Jugoslávia apresenta demissão

Todor Veselinovic apresentou ontem o seu pedido de demissão do cargo de técnico da selecção jugoslava de futebol na sequência das duras críticas pela eliminação da equipa no «Europeu» em França.

O presidente da Federação jugoslava da modalidade marcou para o dia 13 de Julho, em Belgrado, uma reunião para analisar o pedido de demissão do treinador, que classificou a sua decisão de «irreversível».

Veselinovic é o segundo técnico a ser «vítima» do «Europeu» em França, após a demissão do treinador da selecção da RFA, Jupp Derwall, pelas mesmas razões.

Branko Pejovic, secretário da Federação jugoslava, informou qeu Veselinovic se desloca na próxima segunda-feira à Turquia para estudar a hipótese de treinar o Fenerbahce. Veselinovic assumiu o posto de técnico nacional da Jugoslávia em 25 de Setembro de 1982, depois do fracasso da turma jugoslava no Campeonato Mundial em Espanha nesse mesmo Verão. Ao serviço da selecção jugoslava, Veselinovic conseguiu alcançar oito vitórias, oito derrotas e três empates, tendo nos 19 confrontos efectuados utilizado um total de 60 futebolistas. A Jugoslávia averbou três derrotas consecutivas no «Europeu», terminando a sua participação na prova com dois golos marcados contra 10 sofridos.

Hóquei em Patins: "Europeu de juniores"

Título para a Espanha Portugal em terceiro

A Espanha conquistou o título de campeão europeu de hóquei em patins (juniores) ao vencer a Itália, na última jornada, por 4-1.

Portugal, depois de ter perdido frente à Espanha, por 4-5. e à Itália, por 0-3, garantiu a terceira posição com menos quatro pontos que os espanhóis.

Resultados da última jornada:

Bélgica-Holanda 4-3; Inglaterra-RFA 1-7; Suíça-Portugal 3-9; Espanha-Itália 4-1.

Clasificação final:

	J	V	E	D	G	P
1. Espanha	7	7	0	0	51- 9	14
2. Itália	7	6	0	1	40-12	12
3. Portugal	7	5	0	2	42-18	10
4. RFA	7	4	0	3	33-25	8
5. Bélgica	7	2	1	4	12-37	5
6. Holanda	7	2	0	5	30-39	4
7. Suíça	7	1	0	6	16-53	2
8. Inglaterra	7	0	1	6	12-43	1

Atletismo

Cidálio Caetano vence grande prémio da EDP

O atleta benfiquista Cidálio Caetano com mínimos para a maratona nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, ganhou o Grande Prémio da EDP numa prova englobada no oitavo aniversário da empresa.

Cidálio Caetano fez o tempo de 25.42.6 minutos para os cerca de 8000 metros cortando a meta com larga vantagem sobre o portista Hermínio Martins.

Fernando Reis e Fernando Carvalho, ambos do Benfica, Paulo Catarino, F.C. Porto, Rui Lopes (Benfica), António Riscado, (Inatel), José Pedras e Tavares da Silva, (do Benfica) e Hélder de Jesus, (Sporting), ocupram os lugares seguintes.

Aurora Cunha, F.C. Porto, dois dias depois de ter batido o recorde nacional dos 5000 metros no «meeting» de Oslo, ganhou a prova feminina disputada igualmente na distância de 8500 metros.

A atleta portista chegou com cerca de 3000 metros de vantagem sobre a benfiquista Lucília Soares.

Participaram cerca de 500 atletas.

Futebol:

Terminaram os "complementares"

O Varzim ao empatar a um golo com o Salgueiros, em jogo da última jornada do torneio complementar de futebol da primeira divisão, sagrou-se campeão da Zona Norte.

Outros resultados: Braga-Boavista, 0-0; Espinho-Vitória Guimarães, 4-0.

Classificação final: 1.º Varzim, 14 pontos; 2.º Boavista, 12; 3.º Espinho , 12; 4.º Salgueiros, 9; 5.º Guimarães, 8, e 6.º Braga, 5.

O vencedor além de ter conquistadq um troféu receberá três milhões de escudos, oferta do Totobola.

Na Zona Sul, o vencedor fora o Vitória de Setúbal, seguido do Águeda a três pontos.

2.ª Divisão
Resultados

O Lixa conquistou o campeonato complementar de futebol da segunda divisão, Série A, depois de vencer o Fafe por 4-1.

No outro encontro o Gil Vicente venceu o Tirsense por 5-1.

Série B: Beira-Mar-Sanjoanense, 1-0; Feirense-Valonguense, 1-0, e Paços Ferreira-Leixões, 1-3.

Série C: Guarda-Académico Viseu, 2-2; Benfica Castelo Branco-Covilhã, 1-1.

Série D: Rio Maior-União Leiria, 1-5; União de Tomar- Alcobaça, 1-3 e Torreense - Naval, 2-0.

Série E: Olivais e Moscavide - Sacavenense, 10-0; Cova da Piedade - Odivelas, 1-0 e Estrela Amadora - O Elvas, 0-1.

Série F: Esperança de Lagos-Amora, 2-0; Olhanense-Barreirense, 0-0.

Classificações

SÉRIE A

	J	V	E	D	F-C	P
LIXA	8	5	1	2	19-12	11
Gil Vicente	8	4	2	2	17- 9	10
Fafe	8	4	0	4	15-15	8
Tirsense	8	2	2	4	14-19	6
Valdevez	8	2	1	5	10-20	5

SÉRIE B

	J	V	E	D	F-C	P
LEIXÕES	10	8	0	2	20- 9	16
P. Ferreira	10	6	1	3	23-13	13
Beira-Mar	10	4	2	4	20-24	10
Valonguense	10	2	4	4	8-11	8
Sanjoanense	10	3	1	6	15-20	7
Feirense	10	2	2	6	13-22	6

SÉRIE C

	J	V	E	D	F-C	P
COVILHÃ	8	5	3	0	13- 7	13
U. Coimbra	8	2	4	2	9- 9	9
Guarda	8	3	1	4	13-13	7
Acad. Viseu	8	2	2	4	13-16	6
B. C. Branco	8	2	2	4	9-12	6

SÉRIE D

	J	V	E	D	F-C	P
U. LEIRIA	10	7	3	0	24- 8	17
Torriense	10	7	1	2	38- 8	15
Alcobaça	10	5	2	3	18-13	12
Naval	10	4	3	3	21-10	11
U. Tomar	10	1	1	8	12-27	3
Rio Maior	10	1	0	9	7-54	2

SÉRIE E

	J	V	E	D	F-C	P
ELVAS	10	6	4	0	18- 5	16
Ol. Moscavide	10	5	2	3	22- 8	12
Sacavenense	10	4	1	5	11-23	9
Est. Amadora	10	4	1	5	11-18	9
Odivelas	10	2	2	6	14-16	6
Cova Piedade	10	3	2	5	11-17	6

SÉRIE F

	J	V	E	D	F-C	P
AMORA	8	4	2	2	12- 9	10
Lus. Évora	8	4	2	2	10-11	10
Barreirense	8	3	3	2	15- 6	9
Esp. Lagos	8	3	1	4	13-12	7
Olhanense	8	1	2	5	4-16	4

Sporting/Raposeira na Volta a França

A turma do Sporting/Raposeira prossegue na Volta a França, cumprindo o necessário período de adaptação que é exigido a jovens pouco traquejados para as grandes andanças entre os maiorais do pedal. Neste momento. eis a classificação:

GERAL INDIVIDUAL:

1.º Hanegraff (Kwantum) 10.34.17
2.º Van Der Poel (Kwantum) a 1s
3.º Andersen (Coop) a 8s
4.º Madiot (Renault) a 8s
5.º Vandenbroucke (Redoute) a 9s
6.º Peeters (Kwantum) a 9s
7.º Peiper (Peugeot) a 13s
8.º Hoste (Europ) a 13s
9.º Lemond (Renault) a 14s
10.º Anderson (Panasonic) a 15s
124.º Thevenard (Sport.) a1.03
128.º Marco Chagas (Sporting) a 1.04
135.º Carlos Marta (Sporting) a 1.05
145.º Dithurbide (Sporting) a 1.08
146.º Eduardo Correia (Sporting) a 1.09
148.º Charreard (SPorting) a 1.09
151.º J. Xavier (Sporting) a 1.13
157.º M. Zeferino (Sporting) a 1.13
159.º P. Ferreira (Sporting) a 1.22
162.º B. Ferreira (Sporting) a 1.25
170.º Lopez (Colômbia) a4.42

GERAL (EQUIPAS)

1.ª RENAULT0ELF 31.44.12
2.ª La Redoute 31.44.18
3.ª Peugeot-Shell-Michelin 31.44.29
4.ª Panasonic-Raleigh 31.44.30
5.ª La Vie Claire-Terraillon 31.44.31
17.ª Sporting-Raposeira 31.46.03

Calendário das próximas etapas: **Hoje:** Louvroil-Valenciennes, 51 km, por equipas; Valenciennes-Bethune, 83 km. **Amanhã:** Bethune-Cergy-Pontoise, 207 km. **Quarta-feiraã** Cergy-Pontoise-Alençon, 202 km.

Esta manhã triunfo da Renault

A equipa da Renault, liderada por Laurent Fignon, venceu hoje a terceira etapa da Volta a França em bicicleta, entre Louvroil e Valenciennes (51 km), em contra-relógio por equipas.

A equipa francesa de Cyrille Guimard cobriu a distância em 1h 3m 54s, à média de 47,837 km/hora.

Os dez homens da Renault adiantaram-se aos holandeses da Panasonic e da Kwantum, que se classificaram «ex-aequo», a quatro segundos.

O holandês Jacques Hanegraaf conserva a camisola amarela.

Volta ao Alentejo em Agosto

A segunda edição da Volta ao Alentejo em bicicleta realiza-se de 1 a 5 de Agosto.

A prova, que este ano se estende até Castelo de Vide e Portalegre, terá um total de cerca de oitocentos quilómetros, divididos por sete etapas. Da Comissão Organizadora da prova fazem parte diversas autarquias alentejanas, responsáveis pela passagem da «Volta» nos seus respectivos concelhos.

I Torneio de Ténis Renault/Galp

Gomes dos Santos: a vitória em pares e singulares

Jorge Gomes dos Santos venceu, em singulares, o I Torneio de Ténis Renault/GALP, que terminou ontem nos «courts» do Clube das Olaias. Manita dos Santos classificou-se em segundo lugar.

Em pares, o torneio foi ganho pela dupla que disputou a final em singulares. Os irmãos Manuel Freire e Saul Freire, jornalistas da RTP, obtiveram o título de vices...

Neste torneio participaram 20 atletas das duas empresas e 12 jornalistas da RTP, NP, «DL», «DP», «Motor», Rádio Comercial, «o diário» e «Tempo».

Os prémios aos vencedores e lembranças aos vencidos foram entregues ontem durante um jantar de convívio que decorreu na «Cervejaria» do Páteo Alfacinha.

Ana Maia de Loureiro, directora das Relações Públicas da Renault Portuguesa, congratulou-se pelo êxito do torneio (cuja organização ficou a dever-se ao trabalho entusiasmante da dr.ª Fernanda Correia), saudou os participantes e prometeu a realização para o ano de 85 de idêntica iniciativa.

Um total de 60 contos em senhas de gasolina e a possibilidade de utilização de automóveis Renault durante um período de duas semanas, preencheram o total de prémios aos vencedores (primeiros e segundos classificados), a quem foram entregues as taças que sempre distinguem os melhores...

Colectividades

● **Jogos Juvenis do Barreiro** Cerca de dois mil atletas participarão nos Jogos Juvenis do Barreiro em Agosto. Jogos de futebol de cinco e nove, basquetebol, râguebi, voleibol, atletismo, ciclismo e natação são algumas das actividades desportivas que vão ser praticadas pela juventude do Barreiro.

A Feira do Livro do Barreiro será inaugurada durante o mês de Agosto servindo como complemento à actividade desportiva.

● **O Clube Naval de Ponta Delgada** anunciou a participação da dupla Carlos Amaral / Pedro Borges no campeonato mundial de vela na classe «vaurien», escalão júnior que decorre em Espanha. Os dois velejadores açorianos apuraram-se para a competição (a realizar de 11 a 18 de Agosto) ao obterem o segundo lugar no nacional júnior da classe disputado em Leixões. Trata-de da quarta vez consecutiva que uma tripulação do Clube Naval de Ponta Delgada participa no «mundial» de vela.

● **A Câmara Municipal de Sintra** está a elaborar a carta desportiva do concelho que tem como finalidade principal testar o valor do desporto regional. Os elementos essenciais para este documento têm sido recolhidos junto das colectividades, na sequência de um rigoroso inquérito que tem especialmente em conta as diversas modalidades praticadas pelos clubes, número de dirigentes e atletas e ainda o tipo de instalações de cada clube. Segundo um responsável pelo pelouro desportivo da Câmara Municipal de Sintra, este documento permitirá à edilidade planear acções tendentes a desenvolver cada vez mais Sintra e arredores no campo desportivo. De recordar que os sintrenses têm no seu seio praticamente todos os desportos, podendo orgulhar-se, no caso do hóquei em patins, de terem possuído já uma equipa do mais alto gabarito, a nível nacional e internacional, da qual fizeram parte alguns campeões do mundo.

Totobola

Braga-Boavista	x
Salgueiros-Varzim	x
Espinho-Guimarães	1
G. Vicente-Tirsense	1
Beira-Mar-Sanjoanense	1
Valonguense-Feirense	2
Paços Ferreira-Leixões	2
B.C. Branco-Covilhã	x
Rio Maior-U. Leiria	2
U. Tomar-Alcobaça	2
C. Piedade-Odivelas	1
E. Amadora-Elvas	2
Olhanense-Barreirense	x

Previsões

Os serviços de escrutínio do Totobola prevêem entre 15 e 20 totalistas. Com 12 resultados certos, as previsões apontam para entre 450 e 500 apostadores. O valor de cada prémio é de 8 366 921 escudos.

DESPORTO

Para que o Vizela utilize o estádio

Associados do Vitória de Guimarães fazem exigências à Câmara

Os sócios do Vitória de Guimarães manifestaram-se maioritariamente contra a decisão da Câmara de ceder a utilização do Estádio Municipal ao Futebol Clube de Vizela.

A assembleia geral realizou-se no Estádio Municipal, encontrando-se presentes cerca de 1500 sócios. O presidente da direcção, Pimenta Machado, depois de ter ouvido as opiniões dos associados, disse que o Vitória de Guimarães poderia concordar com a utilização do estádio pelo Vizela se as reivindicações apresentadas pela colectividae fossem totalmente aceites pela câmara e se delas não resultassem quaisquer prejuízos para o clube, posição que a assembleia geral veio a confirmar.

Entretanto, a direcção do Vitória tinha exigido da Câmara, para que o Vizela pudesse utilizar o Estádio Municipal, a construção de dois campos de treino, um pelado e outro relvado, a electrificação do Estádio Municipal para a época 1985-86, o arranjo dos balneários do visitante e o pagamento de cerca de três mil contos de obras feitas pelo Vitória de Guimarães e que a Câmara ainda não liquidou.

Na sua reunião semanal, que se realizou sexta-feira à tarde, a Câmara deliberou por unanimidade autorizar o Futebol Clube de Vizela a utilizar a Estádio Municipal nos jogos do campeonato e taça de Portugal e, em contrapartida, autorizou de imediato a realização de obras do balneário do visitante.

A construção dos campos de treinos será definida numa reunião a realizar na próxima semana com a direcção do Vitória de Guimarães.

Esta posição da Câmara foi considerada insuficiente pelos associados e pela direcção do Vitória Guimarães, porque não contempla a electrificação do estádio e o pagamento da dívida de três mil contos.

Pentatlo moderno

Estes são os nossos representantes nos «JO» de Los Angeles. Seus nomes: Luís Monteiro, Roberto Durão e Manuel Barroso.

Sobre troca de telegramas

Sousa Tavares acusa o presidente da FPF

O ministro da Qualidade de Vida, Sousa Tavares, considerou que a ligação do desporto ao seu ministério **talvez seja levemente artificial.**

Entrevistado pelo programa «Cartas na Mesa», da Rádio Renascença, Sousa Tavares afirmou que a Secretaria de Estado dos Desportos está integrada no Ministério da Qualidade de Vida **como poderia estar noutro sítio qualquer.**

«Devo dizer que quem se ocupa fundamentalmente dos problemas do desporto é de facto, o secretário de Estado Miranda Calha, sublinhou.

Referindo-se à troca de telegramas entre si e os jogadores da selecção portuguesa de futebol que, na altura, participavam no Campeonato Europeu em França, Sousa Tavares considerou a sua mensagem «bonita» e «uma honra» para os futebolistas.

Antes de começar o «Europeu» de Futebol os jornais falavam insistentemente da existência de problemas entre jogadores, treinadores, etc., o ambiente retratado era bastante grave e foi por isso que me lembrei da célebre frase do Nelson (a Inglaterra espera que cada inglês cumpra o seu dever) e enviei o meu telegrama nesses termos. Penso que era uma mensagem bonita, salientou Sousa Tavares.

Deve ter havido uma certa maldade, talvez da parte do doutor Silva Resende pois tivemos em tempos um caso em que fomos advogados de partes contrárias. Talvez tenha pois conduzido as coisas de forma a que os jogadores se sentissem ofendidos com um telegrama que, afinal, era para eles uma honra – sublinhou.

Basquetebol

Barreirense vence "Taça"

O Barreirense conquistou ontem a Taça de Portugal de basquetebol, ao vencer na final o Conimbricense, por 109-76, em Leiria.

Ao intervalo, a equipa do Barreiro já vencia por 54-36.

Futebol: notícias

Juniores: Porto "agarra" título

O FC Porto sagrou-se virtual campeão de futebol em juniores, ao empatar 1-1 com o Benfica, no Estádio da Luz, na penúltima jornada.

No outro desafio, o Nacional da Madeira foi à Ilha Terceira derrotar o Praiense por 4-0. Os portistas, que venceram na primeira volta os benfiquistas por 5-0, totalizaram 9 pontos, contra 7 do Benfica, 4 do Nacional e zero do Praiense.

O Benfica é o detentor do maior número de títulos (17), seguindo-se o FC Porto (11), Sporting (8), Académica (3), Unidos do Barreiro, Leixões, Belenenses e Braga (um cada).

Iniciados: Sporting ganha «Taça»

O Sporting conquistou a Taça Nacional de Iniados em futebol, ao vencer o FC Porto, por 2-0, na final em Leiria. Os golos sportinguistas foram marcados por Canana, aos 32 e 57 minutos. A equipa lisboeta increveu seu nome pelo segundo ano consecutivo na lista dos vencedores das dez edições da taça, ganha anteriormente cinco vezes pelo FC Porto, duas pelo Benfica e uma pelo Belenenses.

Juvenis: Braga e Sporting apurados para a final

O Braga e o Sporting ficaram apurados para a final da Taça Nacional de Juvenis em futebol, que disputarão domingo em Leiria.

O Sporting eliminou o Desportivo de Beja, ganhando por 1-0 em Beja,e o Braga afastou o Beira-Mar, em Matosinhos, por grandes penalidades, com 1-1 no final do tempo regulamentar e do prolongamento.

Bracarenses e aveirenses empataram 4-4 na primeira série de grandes penalidades, favorável na segunda aos primeiros por 5-4.

FERNANDO PERES é finalmente treinador do Estoril onde sucederá a Mário Wilson. Um regresso que se deseja mais feliz do que a sua primeira passagem pela orientação da turma «canarinha».

Fernando Peres treinador do Estoril

Fernando Peres será o treinador do Estoril na próxima época futebolistica – revelou o vice-presidente da direcção do clube. O contrato entre o Estoril, que desceu à segunda divisão esta época, e Fernando Peres, terá a duração de um ano e foi assinado sábado.

A fonte estorilista recusou-se a revelar as condições do contrato, referindo apenas que as mesmas «são boas para o clube».

Em Espanha Valladolid vence «Taça»

O Valladolid conquistou pela primeira vez no seu historial um lugar nas competições europeias de futebol, ao vencer sábado a Taça da Liga Espanhola.

O Valladolid bateu na segunda mão da final o Atlético de Madrid, por 3-0, após prolongamento.

No final do tempo regulamentar registava-se um empate a zero golos e o encontro da primeira mão terminara sem golos. Os tentos foram apontados pelo madrileno Votava, na própria baliza, aos 98 minutos, Marco Fortes (107) e Minguela (115).

Maradona: finalmente o acordo Nápoles-«Barça»

As negociações entre o Barcelona e o Nápoles parecem ter chegado a bom termo, com a anunciada transferência sábado do argentino Diego Maradona para o futebol italiano.

Na tarde de sábado, e quando as negociações pareciam goradas devido à data limite de 1 de Julho, imposta pela Federação Italiana de Futebol para apresentação dos contratos com vista à próxima época, os dirigentes do Barcelona anunciaram a assinatura do compromisso.

A decisão terá no entanto que ser ratificada segunda-feira pela junta directiva do clube catalão.

Um porta-voz do Barcelona disse que o presidente José Luís Nunez considerou ser impossível manter Maradona no clube «contra a sua vontade».

Os comentadores desportivos apontam o mexicano Hugo Sanchez como o sucessor de Maradona no clube catalão, mas o presidente do Atlético de Madrid, Vicente Calderon, não está disposto a ceder o goleador azteca por menos de 3,2 milhões de dólares (465 mil contos).

A transferência de Maradona terá custado ao clube napolitano perto de 7,5 milhões de dólares, depois de o jogador argentino ter mostrado desejos de mudar de ares. Há cerca de meses começaram a circular os primeiros rumores de que Maradona não estava disposto a continuar no futebol espanhol, posteriormente confirmados pelo agente do jogador, Jorge Czysterpiller.

Será desta que termina o folhetim?

Bobby Charlton director do Manchester

O antigo futebolista Bobby Charlton foi nomeado para a direcção do Manchester United, único clube em que jogou durante os 18 anos da sua carreira.

Charlton, de 46 anos, é o primeiro ex-jogador a fazer parte da direcção em toda a história do popular clube. O antigo futebolista marcou 192 golos nos 570 jogos que fez pelo Manchester United e mais 49 tentos nos 106 desafios pela selecção de Inglaterra, que ajudou a ganhar o Campeonato do Mundo de 1966.

Nos Jogos Olímpicos para deficientes

Portugal arrecadou cinco medalhas de ouro

Portugal já obteve 5 medalhas de ouro, uma de prata e 5 de bronze nos Jogos Olímpicos para deficientes, em curso desde o dia 17, em Nova Iorque.

As medalhas de ouro foram obtidas por António Carlos Martins, de Lisboa, nos 200 e 1500 (atletismo) e na modalidade de bocia (lançamento de bolas) por uma equipa constituída por António José Mateus, Helena Martins e António Baltasar.

A medalha de prata foi conseguida por António Silva, de Viseu nos 5000 metros (ciclismo) e as de bronze foram alcançadas por Maria Albertina Cabral, nos 1500 metros (atletismo), Cândido Leite, nos 1500 metros (ciclismo), Paulo Santos (ténis de mesa), António Casrlos Martins (salto em comprimento) e Reinaldo, de Coimbra, nos 200 metros (atletismo).

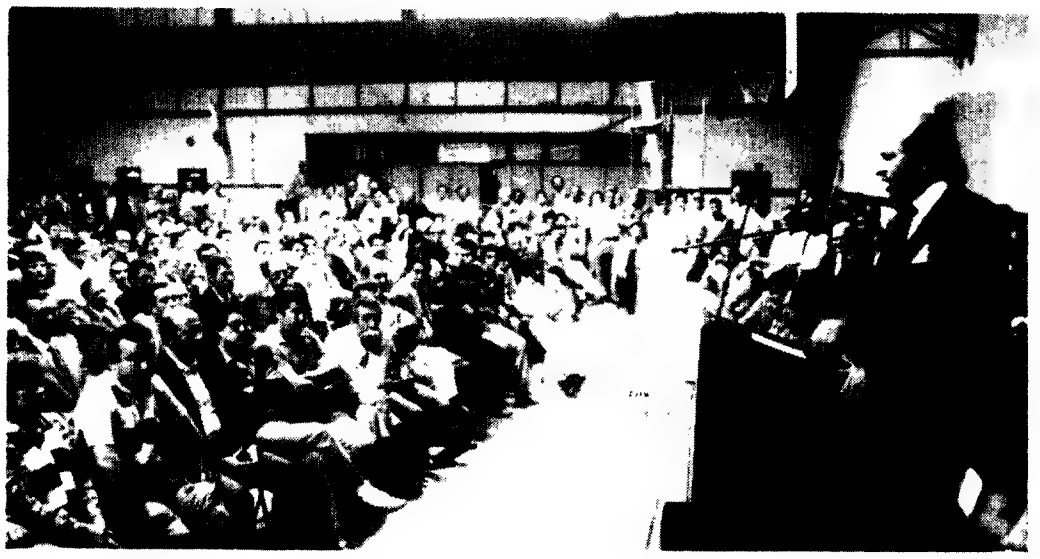
Em futebol, a equipa portuguesa vai disputar com a Inglaterra a medalha de bronze, enquanto as de ouro e de prata serão decididas entre a Bélgica e a Irlanda.

Portugal estará ainda presente na eliminatória dos 100 metros (atletismo), cujo recorde mundial pertence a Reinaldo e António Carlos Martins.

Nos Jogos Olímpicos para deficientes, que terminam no dia 30, participam 1600 atletas de 56 países entre os quais 15 portugueses e os seis melhores atletas terão a sua participação assegurada nos Jogos Olímpicos de Los Angeles.

Eleições no Sporting

João Rocha assegura "renovação na continuidade"



Eram 6 horas da manhã quando no passado sábado os escrutinadores anunciavam os números finais das eleições para os corpos gerentes do Sporting Clube de Portugal. João Rocha era reconduzido no cargo que vem desempenhando nos últimos onze anos e, subindo à tribuna anuncia a garantia de que vai haver «renovação na continuidade». Promete assegurar o cumprimento das medidas anunciadas ao longo da campanha e prosseguir com as decisões de engrandecimento da colectividade que já atingiu mais de cem mil associados. João Rocha venceu de forma esmagadora e por diferença convincente, já que mais de 80% dos sócios votantes (10 208) lhe conferiram o «manifesto de confiança». Resta agora que os componentes de ambas as listas se capacitem do que importa dignificar o clube de todos.

Auto-Rádios e Anti-Roubo Philips

Cetra

CENTRO TECNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL, S.A.R.L.

CONCESSIONARIO PHILIPS PARA INSTALAÇÃO DE AUTO-RADIOS

R. Cidade de Bolama, 1-B - R. Cidade de Bissau-Olivais Sul - 1800 LISBOA
Telefs. 33 10 22 - 31 72 73 - 33 57 07

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 2.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação deste anúncio citando os reus para no prazo de 10 dias findo o prazo dos editos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto é o seguinte pagamento a Autora da quantia de Esc. 386.318$30, proveniente de venda de produtos do seu comercio

Acção SUMARIA n.º 4670 2.ª secção

Autor NOBRE & SILVA, LDA

Reu J. EMÍLIO MATEUS SUCRS, LDA, com ultima sede conhecida na Calçada de Santana, n.º 168 em Lisboa

Lisboa, em 21 de Maio de 1984

O Juiz de Direito,

a) Jose Albino Caetano Duarte

P'O Escrivao de Direito,

a) Maria Helena J. Santos Pires

D.L. 2.7/84 — 1.ª Publicação

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se Público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 12 de Julho de 1984, pelas 16.30 horas, neste Tribunal Rua Braamcamp — 5-4.º vão à praça os bens abaixo descritos penhorados a Orbis — Edições Ilustradas, com sede na Rua Bartolomeu Dias — 172-1.º Esq.º Lisboa, no Processo Executivo n.º 537/81, instaurado por dívida à Caixa de Previdência Abono de Família.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — O direito ao arrendamento e trespasse da loja sita na Rua Bartolomeu Dias — 65 e 69, a que se atribui o valor de 1 000 000$00.

Verba n.º 2 — Uma máquina de escrever manual da marca Royal c/ o n.º 281 150 041, em bom estado no valor de 5000$00.

Verba n.º 3 — Uma máquina de escrever manual da marca Royal c/ o n.º 291 150 041 em bom estado no valor de 5000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 28 de Junho de 1984.

O JUIZ DE DIREITO
Manuel Luís Macaísta Malheiros

O LIQUIDADOR TRIBUTARIO
Carlos Manuel Almeida Alvelos

D.L. 2/7/84 – 2.ª PUB.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA — 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juizo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 11 de Julho de 1984, pelas 16 horas, neste Tribunal Rua Braamcamp — 5 — 4.º vao à praça os bens abaixo descritos, penhorados a Lavimpa Limpesa Tecidos, Ld.ª com sede na Rua Sampaio Pina — 64 r/c Lisboa, no processo executivo n.º 5645-/81, instaurado por dívida à Caixa de Previdência Abono de Familia da Indústria do Distrito de Lisboa.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Uma balança para pesar roupa no valor de 5000$00.

Verba n.º 2 — O direito ao arrendamento e trespasse do estabelecimento sito na R. Quatro de Infantaria-20 letra C, a que se atribui o valor de 2 500 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 28 de Junho de 1984

O JUIZ DE DIREITO
Manuel Luís Macaísta Malheiros
O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO
Carlos Manuel Almeida Alvelos

D.L. 2/7/84 – 2.ª Pub.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de invenção N.º 71 766, para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE N-CIANO-AL--QUIL-HALOCENO-ACETAMIDAS COM PROPRIEDADES DE ANTÍDOTOS DE HERBICIDAS».

TRATA: CLARKE, MODET & C.ª
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

Jumdois tres

RTP concurso

Nome_____Idade____Tel:_____

Morada_____Profissão_____

Tem Televisor ?_____Nº Licença_____

Acompanhante_____Idade_____

Profissão_____

Cupão a enviar colado em bilhete-postal para Concurso «1-2-3», Apartado 4315 — 1507 Lisboa Codex

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALMADA

ANÚNCIO 3.º JUÍZO

Proc.º 703/84 2.ª Sec

Faz-se saber que na Acção com Processo Sumário pendente na segunda secção do 3.º Juizo desta comarca de ALMADA, proposta pela autora ANA LUISA ESTEVES, residente na Courela da Caneira n.º 1 em Sobreda de Caparica, sao citados os herdeiros desconhecidos de Domingos Manuel de Oliveira, residente que foi na Courela da Caneira n.º 1 em Sobreda da Caparica, para contestarem, apresentando a sua defesa, no prazo de 10 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contados da data da segunda e última publicação do anúncio, o pedido da autora e que consiste em ser fixado à autora o direito a alimentos

Almada, 7 de Junho de 1984

O JUIZ DE DIREITO,
Jorge Mourão Mendes Leão
A ESCRIVA ADJUNTA,
Aida C. Catarino Garcia Teodoro

RN RODOVIARIA NACIONAL

CIRCUITO CABO DA ROCA

1 de Julho a 30 de Setembro
Terças, Quintas, Sábados e Domingos
Partidas de Sintra às 14.30 h
(Palácio da Vila)
ITINERÁRIO: SETEAIS
CAPUCHOS
CABO DA ROCA
BANZÃO
PRAIA DAS MAÇÃS
MONSERRATE
SINTRA

RN

VENDA DE BILHETES:
Serviços de Turismo — Sintra » Telef. 9231157
RN — Sintra — Telef. 9233091

RN TOURS

A AGÊNCIA DAS SUAS VIAGENS

SEDE: Av. Fontes Pereira de Melo, 35 - Telef. 560015 • Rua do Arsenal, 124 - 1.º Esq. - Telef. 32091 • Av. Boavista, 813 - Telef. 688615 • PORTO - Telef. 21109 • COIMBRA - Telef. 22944 • LEIRIA - Telef. 2344 • ÉVORA - Telef. 24254 • FARO - Telef. 23025 • PORTIMÃO - Telef. 25413 • ALBUFEIRA - Telef. 52150 • FARO - Telef. 27110 • CASTELO BRANCO - Telef. 21001 • SANTARÉM - Telef. 2188

VERÃO 84

PRAIAS DE ESPANHA
AUTO-FÉRIAS

TORREMOLINOS, BENALMADENA, FUENGIROLA E MARBELLA

Apartamentos para 2/4 ou 5 pessoas
Preços Desde Esc.: 3280$00/Dia
(Por Apartamento)
ESCOLHA O SEU APARTAMENTO E UTILIZE OS NOSSOS AUTOCARROS DE TURISMO

LISBOA/COSTA DEL SOL/LISBOA
(todos os sábados)

BENIDORME — 7 DIAS

Hotéis ou apartamentos
Preços desde Esc.: 16 500$00

(com ou sem autocarro)
EM PENSÃO COMPLETA

CONSULTE-NOS!...
FAÇA JÁ A SUA RESERVA.

L1.84

VIAJAR É VIVER

RN TOURS

A AGÊNCIA DAS SUAS VIAGENS

SEDE: Av. Fontes Pereira de Melo, 35 - Telef. 560015 • Rua do Arsenal, 124 - 1.º Esq. - Telef. 32091 • Av. Boavista, 813 - Telef. 688615 • PORTO - Telef. 21109 • COIMBRA - Telef. 22944 • LEIRIA - Telef. 2344 • ÉVORA - Telef. 24254 • FARO - Telef. 23025 • PORTIMÃO - Telef. 25413 • ALBUFEIRA - Telef. 52150 • FARO - Telef. 27110 • CASTELO BRANCO - Telef. 21001 • SANTARÉM - Telef. 2188

FÉRIAS 84

BENELUX
PARIS
E
VALE DO RENO

Visitando a Bélgica, França, Luxemburgo, República Federal da Alemanha e Holanda

8 DIAS EM MEIA PENSÃO
Preço por pessoa Esc.: 69 950$00

ÁUSTRIA
HUNGRIA
E
JUGOSLÁVIA

Visitando Viena, Budapeste, Lago Balaton, Zagreb e Villach

8 DIAS EM MEIA PENSÃO
Preço por pessoa Esc.: 83 600$00

ÁUSTRIA — BAVIERA

Visitando Salzburgo, Viena, Villach, Innsbruck, Cortina e Munique

8 DIAS EM MEIA PENSÃO
Preço por pessoa Esc.: 72 900$00

CONSULTE-NOS!...
FAÇA JÁ A SUA RESERVA.

L1.84

VIAJAR É VIVER

RN RODOVIARIA NACIONAL

EXPRESSO «ALGARVE» (BRAGA/FARO)

HORÁRIO

05H50	Braga		21H40
06H45 C	Porto	P	20H45
06H50 P		C	20H40
07H25	S. João Madeira		20H05
07H40	Oliv. Azeméis		19H50
08H00	Alberg.-A-Velha		19H30
08H15	Águeda		19H10
09H10 C	Coimbra	P	18H20
09H15 P		C	17H50
09H55	Pombal		17H10
10H20	Leiria	P	16H45
		C	16H40
10H50	Fátima		16H10
12H00 C	Santarém	P	15H00
12H05 P		C	14H55
12H45	Coruche		14H15
13H30 C	Mont.-O-Novo	P	13H30
14H30 P		C	12H30
15H20	Torrão		11H40
15H50 C	Fer. Alentejo	P	11H10
15H55 P		C	11H05
16H20	Aljustrel		10H40
16H45	Castro Verde		10H15
17H00	Ourique		10H00
18H10 C	Ferreiras	P	08H50
18H15 P		C	08H45
a) —	Vilamoura		08H32
a) —	Quarteira		08H25
19H00	Faro		08H00

RN

a) Ligação imediata em Ferreiras

Diariamente de 15/6 a 30/9

DESPORTO

Corrida do Troféu Toyota. A emoção sempre presente

Circuito de Vila do Conde

Toyotas e Visas foram as vedetas das corridas

Com menos público do que é habitual, disputou-se este fim-de-semana o Circuito de Vila do Conde, organizado pelo Estrela e Vigorosa Sport, com a colaboração do Ginásio e do Fluvial Vila–condense e, ainda, dos Bombeiros Voluntários de Vila do Conde. As corridas, que pontuaram para os respectivos campeonatos nacionais, foram, desta feita, menos espectaculares, exceptuando-se, porém, as referentes aos Troféus Citroën Visa e Toyota, estas sim, as «vedetas» de um domingo que começou por ameaçar chuva e que, entretanto, nos brindou com um sol verdadeiramente estival.

A primeira corrida da tarde, destinada ao Grupo A (até 1300 cc), teve a duração de 30 minutos e registou a participação de 11 concorrentes. Nas oito primeiras voltas, Nolo Cordeiro (Toyota Starlet) distinguiu-se na liderança da prova, mas uma avaria obrigou-o a parar e o comando passou para Alberto Freitas (Morris 1275 GT) que viria a ganhar destacado. De salientar, nesta corrida, o despiste, com capotamento, na curva do Castelo, de José Lacerda (Austin 1275 GT), sem consequências para o piloto.

Entraram a seguir em competição os oito carros do Grupo N, para um total de 15 voltas ao perímetro de 2700 metros. Bernardo Sá Nogueira que reapareceu ao volante de um Alfa Romeo GTV passou à frente no final da primeira volta, mas a partir daí Araújo Pereira (BMW 323 I) assumiu o comando, jamais abdicando dessa posição, pese embora a perseguição que lhe foi movida quer por Sá Nogueira, quer por Cristian Melville, também em Alfa Romeo GTV.

Os Visas proporcionaram um espectáculo completo

A terceira corrida foi destinada aos Citroën Visa – ao todo 19 – que ofereceram um belo espectáculo, como aliás já se esperava, tratando-se, como é sabido, de carros com um rendimento muito semelhante. Hermano Sobral, que fez o melhor tempo dos treinos, liderou a prova nas duas primeiras voltas, altura em que foi ultrapassado por Larama que se manteve no comando apenas durante uma volta. Pedro Mello Breyner passou, entretanto, para a frente, realizando uma corrida à parte, enquanto Larama (que ficou em 2.°) travava aceso despique com Rufino Fontes (3.°). Refira-se que ao completar a quarta volta César Santos despistou-se na curva do Castelo, arrastando na sua frente mais de uma dezena de fardos e terminando imobilizado antes de completar um terço da prova.

A seguir devia disputar-se a corrida do Grupo B, mas aconteceu que um carro da caravana publicitária chocou com o BMW M1 de Mário Silva, quando este se preparava para deixar o parque em direcção à grelha de partida, partindo-lhe a direcção. O colégio de comissários desportivos reuniu de imediato e decidiu alterar a ordem das corridas a fim de possibilitar a reparação do carro sinistrado. Em vão, porém, já que Mário Silva acabou mesmo por não alinhar. Mário Silva que havia realizado o melhor tempo dos treinos e cujo despique com António Taveira (BMW M1) era aguardado com alguma expectativa. Com quatro carros apenas em pista, a corrida do Grupo B não teve história, já que António Taveira não teve opositor nas 10 voltas programadas à última da hora (estavam previstas 20 voltas).

Para compensar, entretanto, do fracasso das «bombas», os espectadores foram brindados com uma excelente corrida, protagonizada pelos Toyotas de Manuel Fernandes e António Rodrigues. Tal como na corrida dos «Visa», também houve espectáculo e emoção na disputa do Troféu Toyota. Para além do duelo entre António Rodrigues e Manuel Fernandes, que viria a terminar com um triunfo do primeiro, depois de o segundo ter comandado a prova durante 12 das 15 voltas, o público, mormente aquele que se encontrava na zona da meta, teve ainda oportunidade de assistir a um capotamento espectacular de Adriano Barbosa.

A derradeira corrida destinou-se aos carros do Grupo A (acima de 1300 cc). Estiveram em pista 20 pilotos e o tempo de prova foi de 30 minutos. Pedro Meireles (Rover 3500) que ocupava o terceiro lugar na grelha de partida, desistiu à 7.ª volta, devido ainda aos problemas mecânicos resultantes de um acidente nos treinos, ficando a corrida, desde logo, diminuída no seu interesse, já que a partir daí a história passou a ter apenas dois protagonistas: Jorge Petiz e Sidónio Cabanelas, ambos em BMW 635 CSI. O primeiro comandou a corrida durante 21 voltas, mas acabou por desistir a cinco minutos do fim, com problemas de ignição, ficando, por isso, o segundo em excelente posição para triunfar e recolher os louros que, «a priori», se destinavam a Petiz.

Refira-se, por último, que surgiram alguns protestos nas corridas dos Troféus Visa e Toyota, o que levou a organização a não homologar as classificações respectivas, até que os carros de António Rodrigues, Manuel Fernandes, Pedro Mello Breyner, Larama e Rufino Fontes sejam devidamente verificados. Um problema que, infelizmente, já não é novo...

Manuel Neto

CLASSIFICAÇÕES

GRUPO A (até 1300 cc): 1. Alberto Freitas (Morris 1275 GT), 22 voltas, em 31m 19s, à média de 113,745 km/h; 2. Fernando Rodrigues (Ford Escort 1300), 22 v em 31.2; 3. Tino Pereira (MG Metro), a uma volta; 4. Fernando Ferreira (Morris 1275 GT), a uma volta; 5. Guilherme Castro (MG Metro), a uma volta.

GRUPO N: 1. Araújo Pereira (BMW 32 I), 15 v em 19m 07s, à média de 127,037 km/h; 2. Bernardo Sá Nogueira (Alfa Romeo GTV-6), 19.10; 3. Christian Melville (Alfa Romeo GTV-6), 19.11; 4. Ferreira da Silva (BMW 32 I), 19.16; 5. José Meireles (Fiat Abarth 130 TC), 19.21.

TROFÉU CITROEN VISA: 1. Pedro Mello Breyner, 15 v em 20m 03s, à média de 121,121 km/h; 2. Larama, 20.08; 3. Rufino Fontes, 20.09; 4. Rui Lajes, 20-12; 5. Tino Pereira, 20-14.

TROFÉU TOYOTA: 1. António Rodrigues, 15 v., em 21m 08s, à média 114,983 km/h; 2. Manuel Fernandes, 21-08,5; 3. Ferreira da silva, 21-17; 4. Rui Lajes, 21.18; 5. Sena de Vasconcelos, 21.26.

GRUPO B: 1. António Taveira (BMW M1), 10 v em 11m 09s, à média de 145,198 km/h; 2. António Rodrigues (Lancia Rallye), 11.26; 3. F. Couceiro Costa (Ford Escort RS 2000), uma volta; 4. Carlos Silva (Ford Escort RS 2000), a uma volta.

GRUPO A (acima de 1300 cc): 1. Sidónio Cabanelas (BMW 635 CSI), 30m 33s, à média de 137,854 km/h; 2. Rufino Fontes (Alfa Romeo GTV-6), 30.37; 3. Christian Melville (Alfa Romeo GTV-6), 30.8; 4. Carlos Cabral (VW Golf GTI), a uma volta; 5. Jorge Correia (Ford Capri 3.0), a duas voltas.

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 Lisboa
Tel. 661515 • 669205

teatro do bairro alto

teatro da cornucópia

simpatia

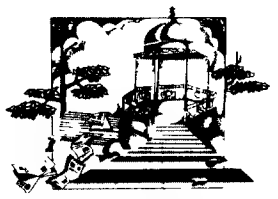
de

EDUARDO DE FILIPPO

Estreia sexta-feira, dia 6
De terça a sexta às 21.30 h
Sábados às 16 h e às 21.30 h
Domingos às 16 h

TEL
TEATRO ESTUDIO DE LISBOA

Teatro Vasco Santana



«QUANDO A BANDA TOCAR»

HOJE ÀS 21.30 h.

Texto, direcção e encenação de Luzia Maria Martins todos os dias às 21.30 excepto às 2.as feiras. Matinée aos domingos.

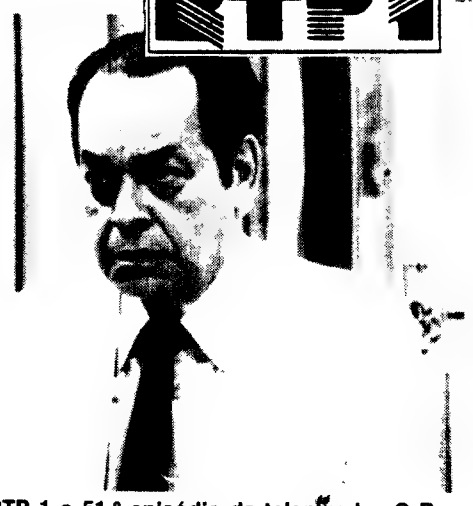
20.º ANIVERSÁRIO

Desconto de 50% para estudantes, sindicatos, comissões de trabalhadores etc..

Sub/Mont.

Hoje

RTP 1



Exibe-se na RTP-1 o 51.º episódio da telenovela «O Bem Amado»

18.02 **Notícias**
18.10 **3, 2, 1, Contacto** – uma série concebida para crianças.
18.40 **Teleregiões** – a informação regional.
19.05 **«A Balada de Hill Street»**
20.00 **Telejornal**
20.35 **«O Bem Amado»** – episódio n.º 51.
21.20 **Concurso, 1, 2, 3** – o tema desta edição do popular concurso coordenado e apresentado por Carlos Cruz é dos mais simpáticos para esta época do ano. Calculem só... férias! Elas aí estão.
23.35 **Volta à França em Bicicleta** – resumo da etapa do dia.
23.50 **Últimas Notícias**

RTP 2

O maestro Eugéne Ormandy, que dirige esta noite, através da RTP-2. A Orquestra Filarmónica que executará a 2.ª Sinfonia de Rachmaninoff

19.32 **Notícias**
19.40 **Desenhos Animados** – «Corridas Loucas».
20.00 **Folclore** – a vida rural do povo do concelho de Matosinhos.
20.35 **O Traje em Portugal** – «Portugal que Traje nos Traz?»
21.05 **Animação**
21.30 **«A Guerra dos Sexos»** – episódio n.º 45.
22.15 **Jornal da Noite**
22.45 **... Da Música** – a Orquestra Filarmónica de Filadélfia, sob a direcção do maestro Eugène Ormandy, executa a 2.ª Sinfonia de Rachmaninoff.

Amanhã

RTP 1

18.02: Notícias; **18.10**: «Candy, Candy»; **18.40**: Teleregiões; **19.05**: A Guerra Civil de Espanha, **20.00**: Telejornal; **20.35**: O Bem Amado»; **21.00**: «Q. E. D.», **22.05**: Grande Informação; **23.00**: Volta à França em Bicicleta; **23.10**: Últimas Notícias.

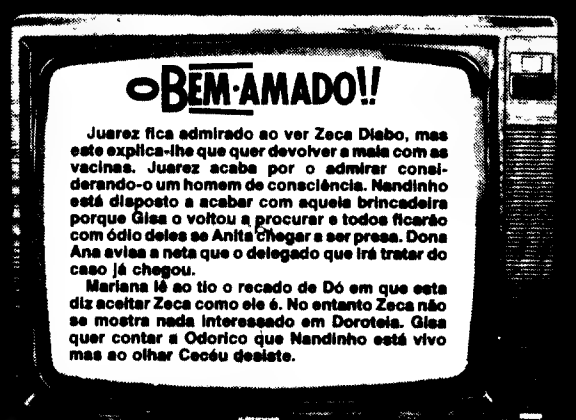
RTP 2

19.32: Notícias; **19.40**: Desenhos Animados; **20.05**: Portugal Romano, **20.35**: Adágio; **21.05** «Aves Migratórias»; **21.30**: «Guerra dos Sexos»; **22.15**: Jornal da Noite; **22.45**: «A Balada de Hill Street».

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP 1
Concurso, 1, 2, 3 (21.20)

RTP 2
O Traje em Portugal (20.35)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Quadro de João Vieira em exposição na Galeria Altamira

Exposições

• Na Galeria do Diário de Notícias é esta tarde inaugurada uma exposição de pintura e desenho de **Catarina de Castro Freire.**

• Trabalhos de **Paula Korscho** estão presentes ao público na Galeria Nova Opinião, à R. Nova da Trindade, 24, em Lisboa.

• Uma mostra de trabalhos de **Henrique Silva** continua em exposição na Livraria do Estado, à R. Marquês Sá da Bandeira, em mais uma iniciativa da Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

• Numa iniciativa conjunta da Fundação Calouste Gulbenkian e do British Council em Portugal está patente nas Galerias de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian, à Av. de Berna, em Lisboa, uma mostra sobre **Transformações-Nova Escultura na Grã-Bretanha,** na qual estão patentes trabalhos de Tony Cragg, Richard Deacon, Anthony Gormely, Anish Kapoor, Alison Wilding e Bil Woodrow.

• Uma exposição sobre a vida e a obra de **Hans Cristian Andersen** está patente ao público na Biblioteca Nacional de Lisboa.

• Pinturas de **Somar** continuam em exposição no Palácio Foz, aos Restauradores, em Lisboa.

• Quadros de **João Vieira** estão patentes ao público na Galeria Altamira, à R. Filipe Folque, 48-A, em Lisboa.

• Trabalhos de **Eduardo Teixeira** estão em exposição até ao próximo dia 20 na Galeria «Um Gosto & Um Vintém», à Calçada do Monte à Graça.

• Na Escola Secundária António Arroio, **Vasco Lucena** continua a expor uma mostra de pintura.

• **O Associativismo, tradição e arte do Povo de Almada** é o tema de uma exposição presente até ao próximo dia 8 de Julho na Oficina da Cultura.

• Trabalhos de pintura de um artista luso-Americano. **Manuel da Silva,** podem ser vistos no espaço da «Galeria», à R. Nova da Alfarrobeira, em Cascais.

• Termina hoje, nos claustros dos Paços do Concelho de Sintra, uma exposição, que integra trabalhos de todas as escolas do concelho, subordinada ao tema **A Floresta.**

• Pintura de **David de Almeida** continua em exposição na sala de exposições da Junta de Turismo da Costa do Estoril, nas Arcadas do Parque, no Estoril.

• Numa organização do Teatro Experimental de Cascais, está patente naquela vila uma exposição de **Tapetes de Arraiolos.**

• No Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão, e com a colaboração do Museu dos CTT está patente ao público até ao próximo dia 11 de Julho uma **mostra filatélica** alusiva aos seguintes temas: «O selo postal ao serviço da saúde» e «Desporto para todos».

• Uma exposição retrospectiva de **Lima de Freitas** continua presente ao público na Galeria de Exposições Temporárias do Museu de Setúbal/Convento de Jesus.

• Trabalhos fotográficos de **Zé Dias** podem ser vistos na Galeria Módulo, na Av. da Boavista, Porto.

• Em Évora, na Galeria Municipal de Arte, está hoje patente uma **exposição colectiva de desenho,** numa mostra intitulada «6X5».

• «Da Ovelha ao Tapete» é o sugestivo título de uma exposição sobre os **Tapetes de Arraiolos,** patente ao público no Palácio D. Manuel, em Évora.

• Em Óbidos, e até ao fim do corrente mês de Julho, está patente uma mostra retrospectiva de **Abílio Leal de Mattos e Silva.** A exposição tem lugar no Solar da Praça de Santa Maria, naquela vila.

• Em Tomar termina hoje a **I Grande Feira Mostra Nacional de Artesanato.**

• Até ao próximo dia 7 de Julho está patente ao público na Sala de Exposições do Orfeão de Leiria uma mostra de quadros do jovem pintor **Luís Carlos.**

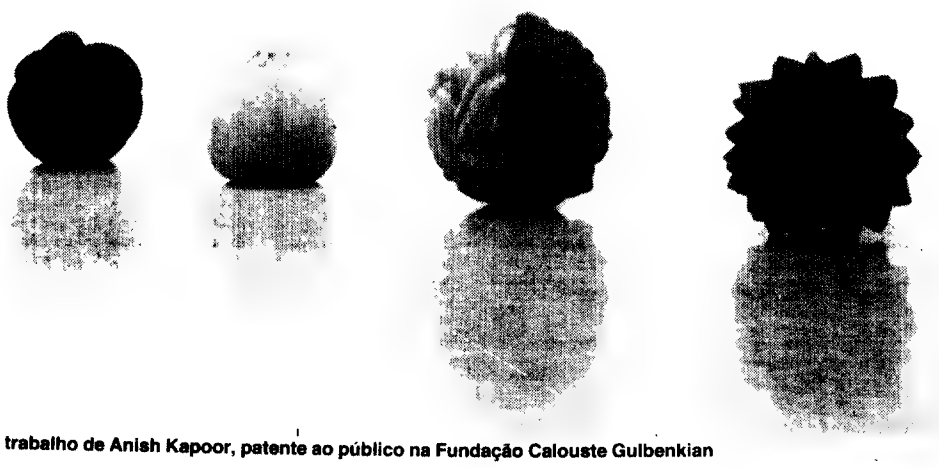
• Uma exposição de esculturas de **Pedro Ramos** está patente ao público na Galeria Gilde, em Guimarães.

• Na Biblioteca Municipal de Tomar continua patente ao público uma mostra de desenho e pintura de trabalhos de **Maria Luisa, José Inácio e João Manuel da Costa Rosa.**

• «Aparências» é o título de uma mostra de trabalhos de **João Alfaro,** que se encontra patente ao público na Galeria «Nova», em Torres Vedras.

Teatro

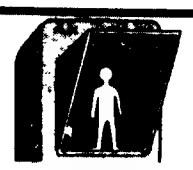
• Inicia-se esta noite, pelas 21 h 30 m, nos Claustros do Convento de Jesus em Setúbal, o **9.º Festival de Teatro de Setúbal.** No espectáculo de abertura será apresentada a peça de José Régio, «O Meu Caso», e na segunda será dado um recital de poesia com Eunice Muñoz e Mário Viegas.



Um trabalho de Anish Kapoor, patente ao público na Fundação Calouste Gulbenkian

Os tubos do gás não devem ter mais de 1,5 m.
Cumpra as minhas regras de segurança.

DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS



Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

Circular e viver

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	85$85	91$85
ALEMANHA FED (marco)	51$00	52$10
ÁUSTRIA (xelim)	7$20	7$40
BÉLGICA (franco)	2$343	2$543
BRASIL (cruzeiro)	$046	$076
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	107$90	109$90
(notas de 5 a 1000)	108$40	110$40
DINAMARCA (coroa)	13$90	14$30
ESPANHA (peseta)	$861	$981
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	142$10	144$10
(notas de 5 a 1000)	142$60	144$60
FINLÂNDIA (marka)	24$05	24$65
FRANÇA (franco)	16$60	17$30
HOLANDA (florim)	45$25	46$25
IRLANDA (libra)	156$80	160$80
ITÁLIA (lira)	$075	$085
JAPÃO (iene)	$572	$607
NORUEGA (coroa)	17$75	18$25
REINO UNIDO (libra)	193$15	197$15
SUÉCIA (coroa)	17$35	17$95
SUÍÇA (franco)	60$95	62$05
VENEZUELA (bolivar)	7$75	8$75

Observações:
1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; **18.00**: A gaita dos sete foles; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Folhetim; **20.25**: No estúdio e no estádio; **20.35**: Música portuguesa; **21.00**: Musical; **21.30**: Noites de luar; **23.30**: Último jornal. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

15.55: Sinfonia n.º 9, em ré menor, de Beethoven; **17.10** Pianistas, **18.05**: Música de Mozart; **19.00**: Solos de piano; **19.30**: Madrigais italianos da Renascença; **20.10**: Música sinfónica; **21.00** O canto e os seus intérpretes, **22.00**: Tudo isto é musica também; **22.40**: Obras de Chopin; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Rápido das cinco, **19.00**: Programa do Sport Lisboa e Benfica; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Quando o telefone toca (2 edições), **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos, **22.30**: Desporto, **23.00**: 24.ª hora Noticiários de hora a hora

RC-FM-Estéreo (MHz 97,4)

15.00: O vapor, **16.00**: O som da frente; **17.00**: ondas luisianas, **18.00**: Circulo em FM; **19.00** Em órbita. **20.00** Um programa de José Ramos, **21.00**: Jazzofone, **22.00** Café concerto. Noticiários de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; **18.00** Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Horizontes; **20.30**: Programa da LAR; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**. Ouvir e pensar; **22.00**: Hora de música; **23.00**: Diário 23; **23.40**: Bola branca (3.ª edição); **23.55**: Meditando.

Rede Sul de FM

21.00: Paju; **21.30**: Pentagrama.

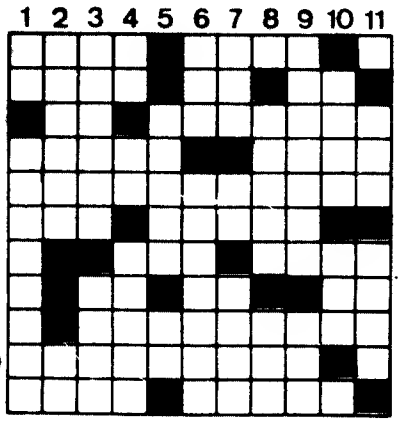
Desdobramento em FM Estéreo

22.00: A Universidade na Rádio; **22.57**: Boa noite; **23.00**: A cor do som; **01.00**: As superestrelas do FM. Noticiários a todas as horas.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 074



HORIZONTAIS:

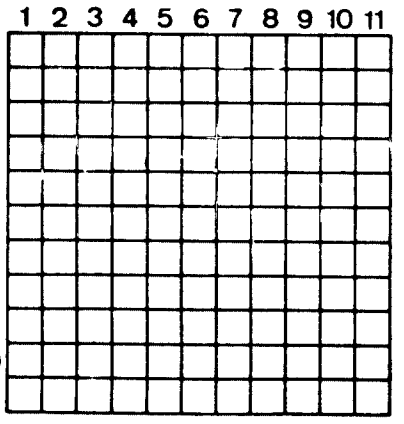
1 Preposição. Aquele que. Tempo do verbo ser.
2 Transpirar. Pátria de Abraão. Era cristã.
3 Antiga unidade monetária da Alemanha. Colheita e exame (ao microscópio) de tecidos, como processo de diagnóstico médico.
4 Terreno inculto. Tosta.
5 Suportariam
6 Calote. Pontão de areia em frente de Setúbal.
7 Tomba. Guarnecei de asas.
8 Plutónio (s.q.) Em a. Espera resposta
9 Atacara.
10 Perseguirias com apupos
11 O mesmo que urso (anr.) Gorgolhos tropicais.

VERTICAIS:

1 Post scriptum. Nome de peixe.
2 Madrugada. Post scriptum.
3 Nome de dois reis de Aragão. Naipe das cartas de jogar
4 Brisa. Cobalto (s q.). Saliva.
5 Chega! (interj.). Apelido
6 Letra grega. Gorjeara.
7 Boi selvagem Preposição e artigo. Combino.
8 Hilota. Espécie de pandeiro usado pelos povos do Norte de África
9 Reformador social (fig.) Guarneço de asas.
10 Apara Prefixo que designa ar
11 Medida de líquidos da Alemanha Tempo do verbo ir

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9924



HORIZONTAIS:

1 Balança chinesa. Assassinem
2 Vai pelo ar com grande velocidade. Nesse lugar Cinquenta e um em romano.
3 Cidade de França Calcular
4 Vassourar o forno depois de aquecido Campo inculto
5 Equipam. Roldanas dos guindastes das proas (Naut).
6 Ole.
7 Unta de mais.
8 Cidade de Espanha Serra de Portugal
9 Lábios. Pastor siciliano, que foi amado por Galateia.
10 Sufixo que designa pequenez. Rio de Portugal. Anel
11 Cidade da Suíça Chuvisco (Bras.).

VERTICAIS:

1 Avarenta Pássaro do Brasil
2 Tingira Consagra.
3 Conjunto das odaliscas que constituem o serralho. Nicar
4 Arara. Pronome pessoal
5 Conjunção. Mamífero americano afim da corça. Pronome pessoal.
6 Lutécio (s.q.). Despido.
7 Pilão Fome. Prata (s.q.)
8 Encolerizar Irmã da mãe.
9 Cruel Cingir
10 Prendias com elos. Enguia
11 Observas Esmonca

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 073

HORIZONTAIS:

1 Pagarão. PÃO.
2 Abar. Aira.
3 Ofir. Pois.
4 Terá. Si.
5 Bié. DDT. CC.
6 Imitai. Irão.
7 Dor. Cartas.
8 Ora. És.
9 TSF Aa. Pôr.
10 Ba. Iriaram.
11 Alemanha. Ou.

VERTICAIS:

1 PROIBIDO. Ba.
2 Imortal.
3 Gaiteiras.
4 ABRE. Fim.
5 Ra. Aca. Rã.
6 Arcádia. Ain.
7 O Aah.
8 APETITE. Rã.
9 Pio. Raspa.
10 Ariscas. Omo.
11 Oásico. Dr.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9923

HORIZONTAIS:

1 Cádis. Carta.
2 Rirão. Arais.
3 Or. Gr. Re. SS.
4 So. Ondas. Na.
5 TSF. Aio. Mar.
6 Aaro. Pêra.
7 Sigo. Aruá.
8 Oásicos.
9 És. Aos. Br.
10 Lenda. Laçai.
11 Areou. Arara.

VERTICAIS:

1 Crosta. Pela.
2 Airosas. Ser.
3 Dr. Frio. Ne.
4 Iago. Ogando.
5 Sorna. Os. Au.
6 Dio. Ia.
7 Carão. Acolá.
8 Ares Prosar.
9 Rã. Meus. Cá.
10 Tisnara. Bar.
11 Assara. Cria.

Provérbio: PÃO PROIBIDO, ABRE O APETITE

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av de Roma

Hoje às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
Para todos
O GENDARME EM FÉRIAS
Louis de Funés

ÁVILA 539930

Av Duque d Ávila, 92A

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
– M. 18 a.
MONTY PYTHON, O SENTIDO DA VIDA
Realização de Terry Jons
Comédia

AVIS 547153

Av Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30, 21.30
Não ac. m. 13 anos
TRON

BERNA 776098

Av Marquês de Tomar

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21 30 h
Mai. 16 anos
PORKY'S II

11.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Grupo B-10 Anos
O CAPITÃO SEM BARCO

CASTIL 530194

R Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21 30
N. acons. men. 18 anos
10 — UMA MULHER DE SONHO

CINE BLOCO 556824

R Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
Mai. 12 anos
LAÇOS DE TERNURA

Às 24
TERRAMOTO

CINE CAMÕES 324194

R do Loreto 1

Às 14 15 16 30 e 21.30
– Int. men 18 a.
AVENTURA NAS CARAÍBAS

CINE 222 579460

Av P da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
C/Jane Fonda/Vanessa Redgrave
JÚLIA
Às 24
CÃES DE PALHA

CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30
Maiores 16 anos
LAÇOS DE TERNURA

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 – Amadora

Às 15.30 e 21 30
M. 12 anos
LAÇOS DE TERNURA
Às 24.00
A LUTA PELA LIBERDADE

CONDES 322573

Av da Liberdade, 2

Às 14.00, 16.30, 19 00 e 21.30 h
Mai. 16 anos
CIDADE EM PÂNICO

2000 2100055

Av B. Voluntários, Its 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
M. 16 anos
LAÇOS DE TERNURA

EDEN 320768

P Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O ÚLTIMO COMBOIO DE GUM HILL

ESTÚDIO 555134

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.30, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

100.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30, 21.30
Mai. 16 anos
A IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 15.00, 18.00, 21.30 e 24.00
Não ac. m/13 anos
PAPILLON
com Steve McQueen
e Dustin Hoffman

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45
Não ac. m. 13 anos
PARAÍSO AZUL

IMPÉRIO 555134/5

Al Afonso Henriques, 35

As 15.15, 21.15 h
Não ac. men. 13 anos
A FILHA DE RYAN

LIDO 936593

P. D. João I. Amadora

Às 21.30 – M. 12 a
NO LIMIAR DA REALIDADE

MONTECARLO 681117

Av Pedro Álvares Cabral 37

As 14.15, 16.30 e 21.30
– Int men. 13 a.
TRAVÕES AVARIADOS CARROS ESTAMPADOS
Às 24
OS DEUSES ERAM DINAMITE

NIMAS 574362

Av 5 de Outubro 42-B

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
M. 12 anos
QUE PARÓDIA DE FÉRIAS

ODEON 328283/4

R dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
Int. men. 18 anos
AS MOTOS DA MORTE

PATHÉ 821933

R Francisco Sanches 122

Às 14.00, 16.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
FURACÃO NO ASFALTO

Uma cena do filme «Identificação de uma mulher» realizado por Michelangelo Antonioni em exibição no Estúdio 444 e Quarteto

POLITEAMA 326716

R Portas S Antao 109

Às 14.15, 16.45, 19.00 e 21.30
M 12 anos
FOGO CRUZADO E MORTAL

QUARTETO 771378

R Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– M. 16 a.
OUTRA FORMA DE AMAR
Às 23.30 – M. 16 a.
A GRANDE JOGADA

SALA 2
As 14.15, 16.30, 19 e 21.15
– M. 12 a.
JOGO DE MÃO
Às 23.30 – M. 18 a.
NOSFERATO, O FANTASMA DA NOITE
SALA 3
As 14, 16.30, 19 e 21.30
– M 16 a.
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
Às 24 – M. 18 a.
SANGUE FRIO EM ÁGUA QUENTE
SALA 4
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 16 a.
PAIXÃO
Às 23.30 – M. 18 a.
A COLECCIONADORA

QUINTETO 573407

R Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21 30
Nao ac men. 18 anos
VEIO DO OUTRO MUNDO
As 24
INSÓLITO DESTINO

ROMA TEL. 727778

Av de Roma 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Int. men 13 anos
O AMANTE DE LADY CHATTERLEY

ROXY 548560

Av Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 2130
M. 12 anos
LAS VEGAS – CIDADE IMPLACÁVEL
Colorido
com Pia Zadora e Telly Savalas

SÃO JORGE 579144/579344

Av da Liberdade, 175

SALA 1

Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30
M. de 12 anos
VIDAS EM JOGO
com Jeff Bridges
Do mesmo realizador de «Oficial e Cavalheiro»

SALA 2

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.45
— M. 12 A.
YENTL
c/ Barbra Streisand

SALA 3

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.15
Maiores de 12 anos
O COMPANHEIRO
Com: Albert Finey e Tom Courtenay

7.ª ARTE 730715

Av Republica, à E Entre Campos junto ao n.º 63
Às 14 45, 17, 19.10 21.45 e 23.45 horas
(Maiores 18 anos)
MONTYPYTHON'S – O SENTIDO DA VIDA
Domingo às 11.15
FESTIVAL TOM E JERRY N.º 2

STAR 804210

Av Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
M. 12 anos
A EDUCAÇÃO DE RITA

TURIM 706666

E de Benfica, 723-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Para todos
MARY POPPINS
com Julie Andrews e Dick Van Dyke

VOX 880808

Av Fr Miguel Contreiras lote 879

Às 14.30, 18 e 21.30
M. 6 anos
MÚSICA NO CORAÇÃO
Com Julie Andrews
e Christopher Plummer
(O filme começa no início das sessões)

XENON 368480

Av da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
POR FAVOR NÃO ME MORDA NO PESCOÇO

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «Porky's II» às 21.30 (16 anos)
ALFA-2 – «Uma Cama para Três» às 21.30 (12 anos)
ALFA-3 – «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)
MUNDIAL – «Umas Cama para Três» às 21.30 (12 anos)
CITY CINE – «Frankenstein Júnior», às 21.30 (13 anos)
TERMINAL – «Que Paródia de Férias» às 21.30 (16 anos)
ALFA-CLUB – «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)
LONDRES – «Infielmente Tua», às 21 30 (12 anos)
TIVOLI – «Porky's II» às 21 30 (16 anos)
APOLO – «2001 Odisseia no Espaço» às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «Delírios Pronográficos», às 21.30 e 23.00 (18 anos)
RESTELO – «Superman III» às 21.30 (12 anos)
CINE ESTÚDIO – ACS – «Urgh – A Music War», às 21.15 (13 anos)
ZODIACO – «Amor Sem Promessa» às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Desesperos Sexuais», sessões permanentes (18 anos)
PROMOTORA – «O Contra-Ataque do Dragão», às 21 30 (13 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA – «Small Back Room», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL – Casino – «Os Marginais», às 21 15 (12 anos)
CASCAIS – Impala – «Psico II», às 21.30 (16 anos)
CASCAIS – Oxford – «Os Marginais», às 21 30 (12 anos)

Outra Banda

ALMADA – Cine-Estúdio – «Aeroporto», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Incrível – «Os Bandidos do Texas», às 21.15 (18 anos)
ALMADA – Academia – «O Consul Honorário», às 21.15 (16 anos)

Linha de Sintra

CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «A Classe de 1984», às 21.30 (18 anos)

Porto

TRINDADE – «Balbúrdia no Oeste», às 21.30 (13 anos)
TERÇO – «O Touro Enraivecido», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Corações e Armaduras», às 21 30 (16 anos)
BEBÉ – «Jogo de Mão» às 21.45 (12 anos)
RIVOLI – «Ás dos Ases» às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «MacQuade o Lobo Solitário» às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL – «O Homem que Fazia Milagres» às 21.45 (16 anos)
ÁGUIA – «A Escola do Dever» às 21.45 (16 anos)
PEDRO CEM – «Uns e Outros» às 21.15 (13 anos)
RAIONE – «A Estrada dos Malucos» às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «Outland» às 21.45 (13 anos)
CHARLOT – «O Dia Mais Longo» às 21.30 (10 anos)
CHAPLIN – «O Grande Filão» às 21.30 (16 anos)
ESTÚDIO – «A Estrada do Amor» às 21.30 (13 anos)
S. JOÃO – «Vestida para Matar» às 21.30 (18 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Esquècida e Gostosa», às 21.30 (18 anos)
JÚLIO DINIS – «Uma Criada das Boas» às 21.30 (18 anos)
FOCO – «Porky' II» às 21.30 (16 anos)
LUMIERE-L – «O Regresso» às 21.45 (16 anos)
LUMIÈRE-A – «A Educação de Rita», às 21.45 (12 anos)

Outra banda

ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE: Louro**, R Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Chal**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Tovar Chaves**, Feijó. Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **LAVRADIO: J. Consolado, Av. Joaquim** J Fernandes, 17-C (T. 2040126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; AMORA: Nova Amorense**, E. N. 10, bloco A, loja A (T. 2216824). Até às 22 horas; **SEIXAL: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10, Arrentela (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 843439); **ALVALADE: Alentejo**, Av. da Igreja, 28-B (T. 892682); **ANJOS -CHILE: Antolin**, Av. Almirante Reis, 88-B-C (T 821773); **AVENIDA DA REPÚBLICA: Cardote**, Av Visconde de Valmor, 28-A-B-C (T. 772291); **BAIXA -COLISEU: Frazão**, R. Portas de Santo Antão, 70-72 (T. 328180); **BELÉM -ALTINHO: Gomes Suc.**, R. da Junqueira, 326-328 (T. 638193); **BENEFICÊNCIA - SETE RIOS: Laranjeiras**, R. Filipe da Mata, 160-162 (T. 721035); **CEMITÉRIO DOS INGLESES: Urbano Freitas**, R Silva Carvalho, 1-5 (T. 662838); **CHELAS: Lopes Cortez**, R. Rui Sousa, 65-A; **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **BRANDOA - AMADORA: Britto**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T 2519939).

Outra banda

ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE: Louro**, R Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Chal**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Tovar Chaves**, Feijó. Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **LAVRADIO: J. Consolado, Av. Joaquim** J Fernandes, 17-C (T. 2040126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; AMORA: Nova Amorense**, E. N. 10, bloco A, loja A (T. 2216824). Até às 22 horas; **SEIXAL: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10, Arrentela (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Guamão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas.

Linha de Cascais

ALGES: H. Amaral, R. X, lote 146 (T 2104556). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 2190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. D. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO Pereira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pergena**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29 (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Alair**, Bairro das Caixas de Previdência, bloco A (T. 2472948). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani; MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRAS: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Dias e Brito, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 934589). Permanente; **Carmelo**, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 933303). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Permanente; **QUELUZ: Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669). Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 980456). Permanente.

MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Até às 22 horas.

PORTO

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

FOZ, R. Senhora da Luz, 380, Foz; **PENINSULAR**, R. Chã, 100; **DO CAMPO**, P. da República, 118; **CONSTITUIÇÃO**, R. da Constituição, 93; **MARQUÊS DE MENDONÇA**, R. do Ameal, 251.

DE DIA E TODA A NOITE

ESTÁCIO, R. Sá da Bandeira, 120; **ALVES MOREIRA**, Av Dodrigues de Freitas, 167; **DA GIESTA**, R. D. Afonso Henriques, 206 – Areosa; **AZEVEDO**, R. do Azevedo, 138; **PINHEIRO MANSO**, R. São João de Brito, 25-29.

Coimbra

SÃO JOSÉ, Arcos do Jardim (T. 24697).

farmácias

teatros

Lisboa

VILLARET – «SuperSilva», às 21.30 (12 anos)
TEATRO DA GRAÇA – «Comédia dos Horrores», às 21.45 (18 anos)
ABC – «É Tudo a Roubar», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

5.25 **3,8 m** 10.52 **1,0**
17.39 **4,0 m** 23.29 **0,8 m**
Dia 3
6.12 **3,7 m** 11.42 **1,0 m**
18.26 **3,9 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS SEIS HORAS:

VIANA DO CASTELO	13º
BRAGANÇA	11º
VILA REAL	10º
PORTO	12º
COIMBRA	14º
CABO CARVOEIRO	17º
PORTALEGRE	14º
LISBOA	15º
ÉVORA	13º
BEJA	12º
FARO	17º
SAGRES	–
PONTA DELGADA	14º
FUNCHAL	16º

PSD: almoço do "militante anónimo"...

Tertúlia de 100 "carolas" homenageia Amaral e Capucho

Uma centena de «carolas que são capazes de ir a todo o lado» reuniram-se sábado, na Aldeia de Santo Antão (Batalha), para homenagearem Mota Amaral e António Capucho, «dois exemplos claros de que o PSD tem futuro». Durante o almoço — tratava-se do «almoço do militante anónimo» —, as atenções voltaram-se mais para um *Pinto* do que para o porco com batatas que integrava a ementa.

Foi o distrito de Leiria, um distrito «onde há fome e miséria» segundo um dos responsáveis do PSD local, o sítio escolhido para realizar o «almoço do militante anónimo» deste ano. Encarado num passado recente como rampa de lançamento para mais altos voos (Mota Pinto também foi homenageado desta maneira antes de assumir a liderança do partido), a iniciativa parece perseguir idênticos objectivos: João Bosco Mota Amaral e António Capucho, dois dirigentes do PSD na *berra*, não viram os seus nomes escolhidos por acaso...

E porque ambos fazem parte da oposição à linha oficial do partido, não espanta que o almoço se tenha caracterizado por uma chuva de críticas à actual direcção dos sociais-democratas.

Subalternização

Segundo vários oradores, «o PSD está desmobilizado e descrente, o PSD está doente»; «atingimos o ponto mais baixo do nosso militantismo»; «a nossa subalternização ao PS é evidente por falta de estratégia própria»; «não se sabe muito bem se isto é um partido ou, antes, um estado de espírito».

Feito o diagnóstico de um PSD «doente», cada um *aviou* a sua receita: «temos que redobrar esforços para defender a democracia e a social-democracia, cerrar os dentes para lutar por um regime onde haja liberdade e justiça social»; «rever o acordo com o PS».

Quer pela presença (Mota Amaral), quer pela presença e voz (António Capucho), os homenageados fizeram sentir a sua solidariedade em relação às análises que iam caindo na mesa.

António Capucho, que falou antes de Mota Amaral, não se absteve de lançar seta bem acertada em direcção à actual classe dirigente do PSD: «a direcção nacional deveria ser representativa das personalidades mais marcantes, que neste partido são inequivocamente reformistas», declarou.

Nem um quarto

Cáustico, e depois de ter defendido a renegociação do acordo com o PS, António Capucho considerou «não haver necessidade de ser profeta para se saber que daqui a um mês nem um quarto das medidas estruturais prometidas entrará em vigor».

Porque também pensa que o PSD tem que lutar pela sua identidade e não pode andar a reboque do PS, António Capucho assumiu o compromisso de avançar, se Mota Amaral e João Salgueiro também avançarem. «Com eles irei seja onde for», disse.

Mota Amaral, várias vezes apresentado como «um exemplo que o País começa a admirar e que um dia poderá seguir», entrou no uso da palavra com bastantes cautelas. Dirigindo-se à Imprensa, preveniu: «Não vou morder nenhum cão de modo a haver notícia».

Efectivamente não mordeu, mas não impediu a **notícia** quando afirmou claramente a existência dentro do PSD «de pessoas com democraticidade e moralidade duvidosas».

Trilhando os caminhos da unidade, aqueles que melhor o servem na caminhada para mais altos voos, Mota Amaral considerou que «o PSD não pode ser dilacerado pelas divergências dos seus líderes».

O empenho em levar esse conceito de unidade até às últimas consequências levou-o inclusive, no final do seu discurso, a afirmar a sua «solidariedade» em relação à actual direcção do partido.

Ao que um político com ambições chega. Defender publicamente uma direcção em que visivelmente não se acredita, em que ninguém acredita. Sobretudo numa sala onde a totalidade dos «carolas» presentes não deixou, nem durante a sopa nem durante a sobremesa, de tentar afogar no bom vinho da região a «raiva» sentida por ver o PSD nas mãos de «Pintos, Bingos, Calvões, Amândios e Brazões».

Manuel Anta

Lei sobre Segurança Interna contestada no interior do PS

A Comissão Permanente do Partido Socialista reuniu-se estas manhã para convocar uma reunião especial da Comissão Política. À hora do fecho destas edição, ainda se não sabia para que horas, de hoje ou de amanhã, fora marcada a reunião daquele órgão de direcção política.

Nesse encontro serão discutidas questões relacionadas com a proposta de Lei sobre Segurança Interna e Protecção Civil, apresentada à Assembleia da República pelo Governo.

A contestação a alguns aspectos inconstitucionais constantes daquela iniciativa legislativa por parte de numerosos sectores socialistas, levou 16 deputados a convocarem, ao abrigo dos estatutos, uma reunião da Comisão Política. Assinaram o documento, Tito de Morais, Manuel Alegre, Sottomayor Cardia, Almerindo Marques (o único membro da Comissão Permanente a assinar o pedido de convocatória) Torres Couto, António Janeiro, Raul Rego, Jorge Sampaio, João Cravinho, Arons de Carvalho, Vítor Constâncio, António Reis, António Guterres e Aquilino Ribeiro Machado (todos membros da Comissão Política).

Informações obtidas pelo «Diário de Lisboa» e não confirmadas, oficialmente, junto do grupo parlamentar do PSD e da sua direcção política, indicam que os deputados sociais-democratas deverão reunir-se amanhã com o ministros da Justiça, Rui Machete, para discutirem algumas questões que se prendem com a proposta de lei, cuja filosofia tem sido objecto de contestação em alguns sectores do partido.

«Não há inconstitucionalidades»

Entretanto, o ministro de Estado Almeida Santos, que se encontrava anteontem em Coimbra, afirmou à NP que não considera que haja qualquer «inconstitucionalidade flagrante» na proposta de lei apresentada pelo Governo sobre Segurança Interna e Protecção Civil.

Todavia, na sua opinião, se a «Assembleia da República tiver dúvidas sobre alguma questão pontual cabe-lhe corrigi-la».

Como se sabe, desde 1983 que a Assembleia da República dispõe de uma confortável maioria constituída pelos deputados eleitos pelo PS e PSD, que fazem aprovar todas as propostas levadas ao Parlamento pelo Executivo.

Interpelado sobre as repercussões que a proposta de lei sobre segurança interna está a suscitar, Almeida Santos considerou que o Estado tem de responder ao sentimento de insegurança dos cidadãos «com instrumentos eficazes de defesa quer de um, quer de outro». O ministro de Estado afirmou também que a nova versão da proposta de lei «não tem nada a ver com a primeira que foi apresentada». Adiantou, no entanto, que com isso não quer dizer que «não haja lá aspectos discutíveis».

JS preocupada

A Comissão Nacional da Juventude Socialista manifestou ontem preocupação sobre a regulamentação da segurança interna, serviço de informações e recomendou ao grupo parlamentar do PS e ao Governo a «reanálise destas questões».

Em comunicado emitido após uma reunião de dois dias a Comissão Nacional da JS «reafirma a sua posição de defesa, em todos os locais e circunstâncias, da manutenção da ordem do estado democrático, no respeito pelos direitos, liberdades e garantias consagradas na Constituição».

No rescaldo de uma operação policial

Grupo de cidadãos exige garantia das liberdades

Um grupo de cidadãos, do qual fazem parte José Afonso, Sérgio Godinho, tenente-coronel Carlos Fabião e Cardoso Pires, anunciou ontem ir requerer à Assembleia da República a realização de um inquérito à forma como se tem processado a detenção de algumas dezenas de pessoas, incluindo Otelo Saraiva de Carvalho.

Em comunicado distribuído à Imprensa, os promotores de um abaixo-assinado intitulado «Cidadãos exigem garantia das liberdades», dizem que os métodos utilizados «violam frontalmente e são de todo incompatíveis com as normas processuais de um Estado de direito democrático». Os signatários referem-se às «detenções de carácter arbitrário, à apreensão de material próprio do funcionamento de qualquer estrutura partidária, à destruição de cartazes e à apropriação de agendas pessoais e de livros...»

Integram ainda este grupo que requereu o inquérito «à forma como se tem processado a intervenção policial e aos métodos utilizados pelas autoridades», os jornalistas Adelino Gomes e Cesário Borga, e Fausto, Luís Francisco Rebelo, Luís Moita, Kalidás Barreto e Maria do Céu Guerra.

Eanes sem novos elementos

Em declarações à sua chegada ao Funchal, aonde se deslocou em visita oficial de dois dias, o Chefe do Estado afirmou que «não têm sido fornecidos novos elementos ao Presidente da República» sobre as operações desencadeadas contra as designadas «FP-25 de Abril».

Ramalho Eanes acrescentou, no entanto, que tais elementos «nem sequer deveriam ser fornecidos, na medida em que o Presidente se preocupa com a operação apenas em relação a aspectos de pormenor». Segundo se afirma num telex da NP, o Presidente Eanes falou da amizade que tem por Otelo Saraiva de Carvalho, «mas – disse – a amizade nada tem a ver com esta questão».

Ramalho Eanes voltou a lembrar que a Presidência da República teve conhecimento de que a operação estava em execução por volta das 10 horas do próprio dia em que foi desencadeada. «Nessa altura – sublinhou – o ministro da Justiça pôs-se à disposição do Presidente da República para o informar, o que aconteceu no dia seguinte».

Otelo: novo encontro com o advogado?

Em declarações prestadas à NP, Romeu Francês, afirmou que procurará avistar-se ainda hoje com o seu constituinte, nas novas condições previstas pelo recente despacho do juiz de instrução. O advogado de Otelo Saraiva de Carvalho deverá ser formalmente notificado do referido despacho, que passou a permitir ao patrono daquele oficial superior falar a sós com o seu constituinte, sem a conversa ser escutada, como aconteceu, por um agente da Polícia Judiciária.

Entretanto, a FUP acusou ontem o Governo de ter em curso «uma manobra maquiavélica» destinada a «reprimir uma organização legal incómoda e a desacreditar Otelo Saraiva de Carvalho, a figura mais prestigiada da Revolução de Abril».

Em comunicado do seu secretariado provisório, a FUP reafirma que foi contra esta organização e não contra as «FP-25 de Abril» que a Judiciária desencadeou, no passado dia 19, uma operação de que resultaram mais de 50 detenções.

Cunhal critica operação policial

No discurso proferido na sessão de encerramento da I Assembleia da Organização Regional de Setúbal do PCP, Álvaro Cunhal afirmou que «Mário Soares, com a sua operação contra o terrorismo, visava liquidar a extrema-esquerda e Otelo Saraiva de Carvalho e atirar aleivosias sobre o PCP, mas a provocação falhou-lhe».

Segundo informações obtidas pelo «Diário de Lisboa» junto de fontes partidárias, muitos militantes do PCP teriam sido aliciados, nos últimos meses, para integrarem as «FP-25 de Abril» e alguns deles sujeitos a ameaças de morte se não aceitassem os convites que, anonimamente, lhes eram feitos.

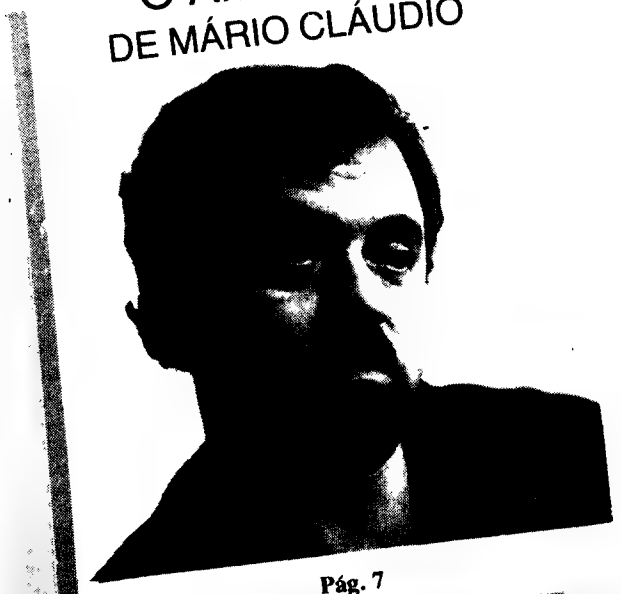
Irmãos chineses desaparecidos foram encontrados em Portimão

Os três irmãos chineses (dois rapazes, de 16 e 14 anos, e uma menina de dez anos), que, há cerca de um mês, tinham desaparecido do Parque Eduardo VII, em Lisboa, foram detectados ontem à noite em Portimão e entregues, esta madrugada, aos seus progenitores. O pai das crianças, ao que apurámos, é funcionário da Embaixada da República da China Popular em Portugal.

Ao que afirmou esta manhã ao «DL» um porta-voz da PSP de Portimão, as três crianças foram referenciadas após as suas fotografias e identidades terem sido divulgadas pela RTP, no Telejornal das 20 horas. A mesma fonte, bem assim como a Embaixada da China Popular, não divulgou as circunstâncias em que ocorreu o estranho desaparecimento dos três irmãos. Enquanto isto, um informador da PJ de Faro disse ao nosso jornal, que as três crianças tinham sido vistas, pela primeira vez, há cerca de quinze dias naquela cidade algarvia.

O SUPLEMENTO DAS SEGUNDAS-FEIRAS

O AMADEO
DE MÁRIO CLÁUDIO



Pág. 7

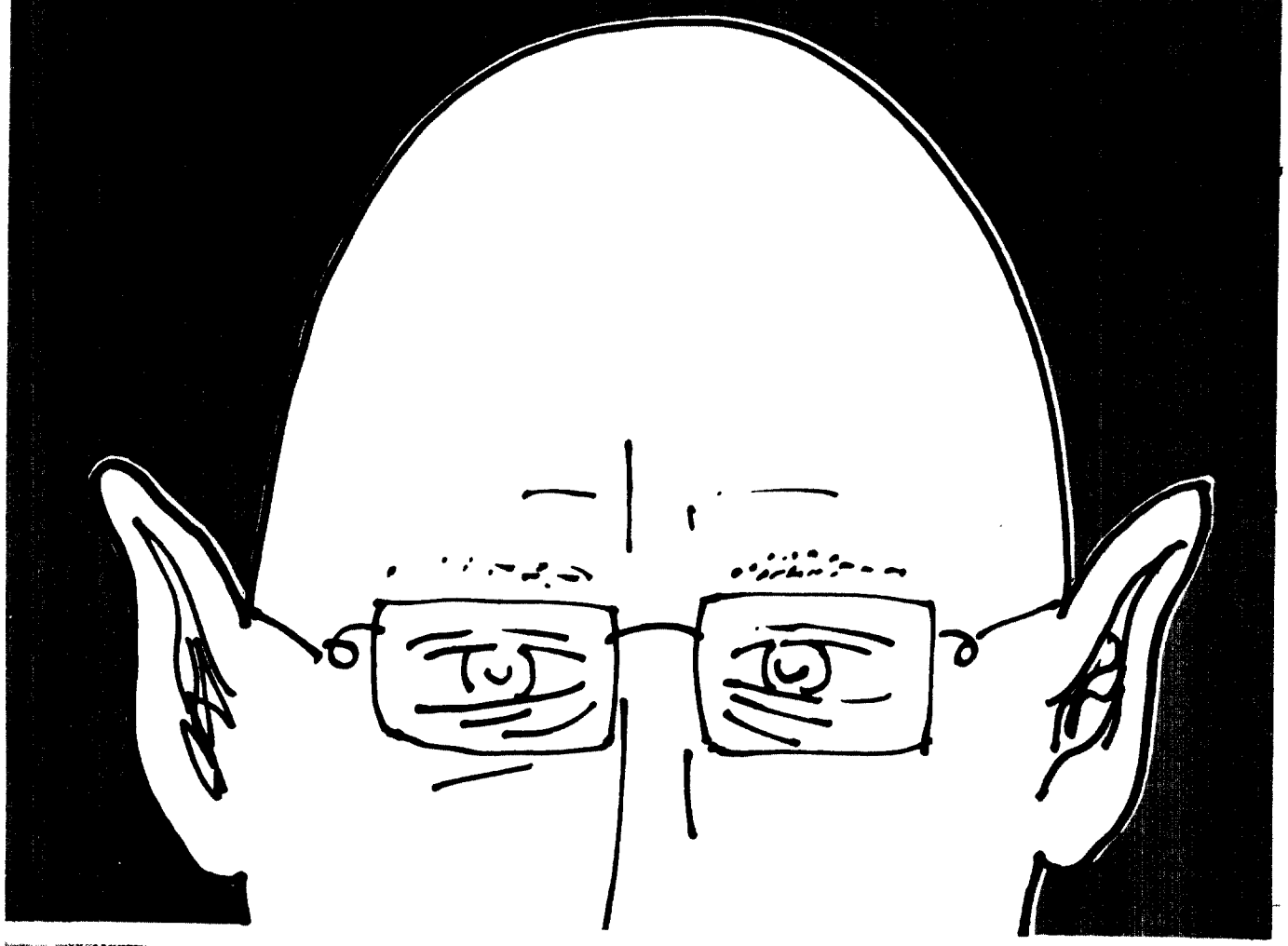
Destaque
DJAVAN Pág. 6

PUBLICADO PELO "DIÁRIO DE LISBOA"

Foucault

Emídio Rosa de Oliveira, Pierre Bourdieu, Paul Veyne, Roland Jaccard, Roger Paul-Droit, Bertrand Poirot-Delpech, George Kiejman, João Mendes. Extractos de uma entrevista com Gilles Deleuze.

Págs. 4 a 6



O CÚMPLICE ERUDITO

DE entrevista em entrevista, de comentário em comentário sobre os dois últimos volumes da História da Sexualidade — e enquanto eles não chegam a Lisboa — eis as figuras que deles parecem emergir:

Numa espécie de *quadrivium* grego do século IV A.C., o homem adulto, a (sua) mulher, o adolescente e o escravo animam uma *cena* onde cada um deles tem de se reconhecer como sujeito de uma sexualidade. O enigma maior é o do adolescente: ele é passivo como a esposa e o escravo, mas vai tornar-se activo, cidadão livre. Como pode um cidadão livre ter estado na situação de passivo objecto de desejo?

O segundo enigma é o do homem adulto, e diz respeito ao governo de si próprio: qual é a regra do prazer? O seu amor pelo adolescente pode perdê-lo, ou deve transformar-se em *filia* (amizade)? E esta transformação conduz, ou não, o homem adulto a girar em torno da esposa, objecto perene, obrigando-o a governar-se, enquanto projecto de futuro, pela conjugalidade? E então, onde ficou o impossível?

As questões são fascinantes, e não necessariamente porque tenham a ver connosco (mas não terão?). O seu fascínio é fruto de uma das fidelidades de Foucault: no passado encontra-se o *diferente*, e não o *mesmo*. Trata-se de um antídoto contra o delírio da história: a genealogia não procura invariâncias, descobre descontinuidades e *relações*, num universo predominantemente *acausal*.

Mas a decifração desses enigmas ilumina, abrasadoramente, a problematização contemporânea dos sujeitos livres. Essa é outra fidelidade de Foucault: ele foi, desde o início dos anos 60, o filósofo e o historiador das relações entre o poder e a margens do corpo social, por um lado, e das relações entre o poder e o saber, por outro. A sua reflexão sobre as grandes estruturas de enclausuramento (hospital, prisão) desdobra-se numa outra, sobre que laços e que intimidade marcam a procura da *verdade* e o poder, já que ela é obrigada a durar e a exaurir-se, exactamente, no labirinto deste último. Agora, e sobretudo desde o seu «silêncio» de 76, Foucault abandonava a reflexão sobre o poder-enquanto-governo-de-outrem e convidava-nos a segui-lo até «outras vozes, outros quartos». Outras vozes, de facto, habitavam desde há anos o seu jardim, mas apenas quem o ouvia no Collège de France pôde aperceber-se disso: as vozes dos que, na «biblioteca grega», falavam do governo de si próprio.

Como diz Fréderic Gaussen (Le Monde des Livres, 22/6/84): «...Foucault, preferindo o prazer da aventura à segurança dos caminhos balizados — mesmo dos balizados por si próprio — entregava-se às delícias da deriva,

Continua na pág. 2

MENSAGENS PESSOAIS NA PÁGINA 8

O CÚMPLICE ERUDITO

Continuação da pag 1

enquanto o público o esperava lá onde ele prometera passar».

Ninguém previa esta digressão pela Grécia e por Roma, depois da «Vontade de Saber» de 76.

Pouco antes de sua morte, ele dizia a François Ewald, numa entrevista que a revista «Magazine Littéraire» viria a integrar num dossier sobre os seus dois últimos livros:

«Se eu tivesse querido ser apenas um universitário, teria sido sem dúvida mais sábio escolher um só domínio em que exercesse a minha actividade, aceitando uma dada problemática e tentando, ora desenvolve-la, ora modificá-la em certos aspectos. Eu teria então podido escrever livros como aqueles em que pensava quando programei, na *Vontade de Saber*, seis volumes de uma história da sexualidade, sabendo antecipadamente o que queria fazer e onde queria ir. Ser ao mesmo tempo um universitário e um intelectual é tentar fazer jogar um tipo de saber e de análise que é ensinado e recebido na universidade de modo a modificar o pensamento dos outros, mas também o nosso próprio pensamento. Este trabalho de modificação do nosso pensamento e dos outros parece-me a razão de ser dos intelectuais».

Inflexão total, visto que se passa da análise das estruturas exteriores de constrangimento para uma nova genealogia, interior, da moral, iluminada pelo império da sexualidade?

Mudança de objecto, sem dúvida. Mas Paul Veyne, que privou com ele durante a «viagem grega» e é, ele próprio, seu *cúmplice* (no vocabulário de Klossovski), um especialista da Grécia, diz acerca de Foucault, num depoimento inserido neste número do Sete Ponto Sete:

«Levada até ao fim, a tese das falsas continuidades históricas conduz ao fim de todo o racionalismo (...) e acessoriamente ao fim de toda e qualquer causalidade inteligível: em vez de um sentido global que confirma o espírito e as suas convicções, tem-se um polígono de causas de acaso (...)». É preciso, assim, «considerar a história como uma hermenêutica das práticas, uma compreensão sem invariantes de linguagem e sem gramática geral».

Ora, o último trabalho de Foucault verifica, ainda e sempre, o método: empírico, quase nominalista, preferindo, como antes, os objectos parciais de análise sem nunca se desligar da reflexão sobre o que é mais genérico. *Les aveux de la chair* (As confissões da carne), sobre a patrística, que seria o quarto e último livro desta história da sexualidade, trilharia, ao que parece, idêntico caminho. Seria absurdo falar de dois Foucault, o de antes e o de depois de *A Vontade de Saber*.

Outros Foucault — os evocados, hoje, pelo seu advogado Kiejman e pelo seu amigo Roland Jaccard, entre outros — testemunham um enraizamento nas lutas concretas que ele sempre teve como indispensável. Há uma dúzia de anos, ter-se-ia falado de um universitário, de um intelectual e de um «militante». Mas ele estava justamente entre aqueles que fizeram esvaziar-se esta última noção...

João Mendes

F O U C A U L T

O prazer de saber

Michel Foucault disse quando Roland Barthes morreu: «Perdi um amigo, um colega». Posso dizer hoje o mesmo. É a única coisa que me autoriza a falar dele e da sua obra. Queria tentar dizer o que é sem dúvida menos aparente: a constância e a coerência, o rigor teórico e prático. Constância de um projecto intelectual, constância de uma maneira de viver a vida intelectual. De começo com um desejo de romper (que explica e desculpa alguns dos seus «apoftegmas» célebres sobre a morte do homem): romper com a ambição totalizante daquilo a que chamava o «intelectual universal», muitas vezes identificada com o projecto filosófico; mas escapando à alternativa do nada sobre o todo e do todo sobre o nada.

Pierre Bourdieu
Professor no Collége de France

PARA inventar aquilo a que ele chamava o «direito de falar como mestre de verdade e de justiça», do estatuto de «consciência moral e política», de porta-voz e de mandatário. E, na verdade, ele não deixou de afirmar que em matéria de pensamento não há delegação. Sem por isso sucumbir ao culto ilusório do pensamento na primeira pessoa.

Ele sabia melhor do que ninguém que os jogos de verdade são jogos de poder e que o poder e o privilégio são um princípio dos esforços para descobrir a verdade dos poderes e dos privilégios.

Michel Foucault queria substituir o pensamento absolutista do intelectual universal por trabalhos específicos vindos das fontes — e deve-se-lhe o ter exumado regiões inteiras da documentação histórica ignoradas pelos historiadores, — mas isso sem abdicar das maiores ambições de pensamento. Do mesmo modo, embora recusasse os grandes ares da grande consciência moral — alvo favorito do seu riso — sempre recusou a divisão, tão comum e tão cómoda, dos investimentos intelectuais e dos empenhamentos políticos.

Os actos políticos, que ele realizava com paixão e rigor, às vezes com uma espécie de furor racional, nada deviam ao sentimento de deter as verdades e os valores definitivos, que faz os fariseus da política e não só dela. Nele, a visão crítica aplicava-se antes de mais à sua própria prática e ele era, a este título, o mais puro representante dessa nova espécie de intelectuais que não precisa de se mistificar sobre os móbeis e os motivos dos actos intelectuais, nem de se iludir com a sua eficácia em realizá-los, com pleno conhecimento de causa.

Uma longa exploração da transgressão

Nada é mais perigoso do que reduzir uma filosofia, sobre tudo tão súbtil, complexa, perversa, a uma fórmula de manual. Direi em todo o caso que a obra de Foucault é uma longa exploração da transgressão, da passagem do limite social, que diz respeito inseparavelmente, ao conhecimento e ao poder. Daí, sem dúvida, o seu interesse, desde a origem, com a sua *Histoire de la folie à l'âge classique*, pela génese social do «corte», materializado no manicómio, entre o normal e o patológico.

Este estudo de uma das fronteiras sociais mais decisivas em que se baseia o estado de razão, é ao mesmo tempo uma transgressão da fronteira que delimita o impensado de Marx (muitas vezes Foucault, que gostava de dizer que a melhor maneira de pensar um pensador do passado consiste em servirmo-nos dele, até para o ultrapassar, mata assim dois coelhos de uma cajadada). Quando seria fácil encontrar muitas afirmações tipicamente marxistas na *Histoire de la folie* ou em *La naissance de la clinique*, Foucault observa que o internamento psiquiátrico, a normalização psicológica dos indivíduos e as instituições penais, só têm, sem dúvida, uma importância limitada para quem só considera a sua função económica. O que não impede que tenham uma papel essencial no maquinismo do poder.

Daí nascerão as análises de *Surveiller et Punir* sobre a omnipresença do poder: as relações de força também estão nas relasções de reprodução nas famílias, os pequenos grupos, as relações sexuais, as instituições. E, sobretudo, talvez nos cérebros. Volta-se assim à transgressão propriamente filosófica, como esforço para pensar o impensado, o impensável, o tabu, isto é, o que limita o pensamento e que lhe proíbe o além.

Explorar o impensado é, antes de mais, fazer a história das categorias do pensamento, e do conhecimento que elas permitem e que ao mesmo tempo proíbem. Essa intenção crítica, segundo Kant, realiza-se numa história social que não tem grande coisa a ver com a vulgar História dos historiadores — mas que não pensará nessas excepções exemplares que são os trabalhos de Dumézil, um dos modelos de Foucault, ou do Duby das Trois Ordres? Evidente em Les Mots et les Choses esse intuito está em acção em La Naisssance de la Clinique, história social da visão clínica, do saber-ver médico, e na história da sexualidade. Nisto próximo de Bachelard e de Canguilhem, uma das suas fidelidades mais absolutas, e também do Cassirer de Structure et Fonction ou de Ludividu et Cosmos, que se prendem à verdade e ao estado nascente, quer dizer, ao erro fecundo, ele transgride o limite do seu «impensado» trabalhando numa história materialista das estruturas ideais.

O «impensado» da ciência

Mas, sobretudo, é levando até ao seu limite o interesse pelo erro, estudando com prioridade as ciências onde a fronteira entre o erro e a verdade é a mais frágil, as que são mais contaminadas pela ideologia como a Medicina Clínica ou a Psicopatologia, que Foucault quer desvelar o impensado da ciência, o inconsciente das ciências do pensamento.

Como a história do conhecimento está incessantemente ligada ao erro e ao fracasso, por exemplo, em L' Histoire de la Clinique, o erro nas observações corporais feitas na ausência de uma verdadeira análise dos tecidos — a hermenêutica do «sujeito» que L' Histoire de la Sexualité propõe, é uma história do erro e da violência, que, paradoxalmente, nunca é tão visível como nas disciplinas — em todos os sentidos da palavra — que o entendimento esclarecido do reformismo liberal inventou para controlar o comportamento humano, a psicologia, a clínica, as ciências da vida.

A disciplina, reunião do saber e do poder, realiza-se antes de mais numa linguagem. E aqui, a transgressão deve encontrar as suas armas fora da tradição, fora do universo dos mestres canónicos, do lado dos heréticos, de Nietzsche, naturalmente, mas também de Sade, Artaud, Bataille, Roussel, Blanchot e Deleuze. Em Nietzsche a Filologia conduzia à Sociologia. A crítica social da Razão conduz a uma crítica social da linguagem, principal limite do pensamento humano. O tabu verbal, naturalmente, mas talvez, sobretudo, a transgressão imposta do interdito, o dever de liberdade, a confissão extorquida, lembram que o poder está no saber mas que o saber está no poder; o conhecimento, incluindo o conhecimento de si próprio, está exposto aos efeitos do poder. A moral é dominada pela política.

Teria gostado de dizer melhor este pensamento encarniçado em conquistar o domínio de si próprio, isto é, o domínio da sua história, história das categorias do pensamento, história do querer e dos desejos. E também esta preocupação de rigor, esta recusa do oportunismo, no conhecimento e na prática, nas técnicas de vida e nas escolhas políticas, que fazem de Foucauld uma figura insubstituível.■

F O U C A U L T

Dos jogos de verdade aos jogos de prazer

«On me dira peut-être que ces jeux avec soi-même n'ont qu'à rester en coulisses... Mais qu'est-ce donc que la philosophie aujourd'hui — si elle n'est pas le travail critique de la pensée sur elle-même?»

Michel Foucault, *L'usage des plaisirs, Paris, Gallimard, 1984*

Emídio Rosa de Oliveira
Docente na UNL

Sob o signo de um outro pensar, Michel Foucault deixa-nos entregues à leitura de dois livros, **L'usage des plaisirs** e **L'e souci de soi,** que acabam por nos surpreender e envolver melancolicamente frente ao vazio ocorrido da sua morte. Evitaremos o discurso edificante de circunstância, que normalmente ocupa o «lugar do morto», para roubar individualidade à morte singular, emprestando-lhe todos os traços constitutivos da morte-molde universal. O destino comum que a todos nos toca, não é razão suficiente para desprover cada um da **singularidade** da sua morte. É neste sentido que dificilmente se poderá falar de uma morte universal. Ninguém mais atento à singularidade e ao trabalho teórico das **afinidades electivas** achadas na vida, me parece ter impregnado a reflexão nestes últimos anos. Parte do trabalho teórico de Foucault processou-se em torno da problemática histórica da verdade para nos demonstrar que esta desde sempre foi um saber orquestrado conivente com o poder. Segundo Foucault, dificilmente a verdade poderá ser analisada se a dissociarmos da **FUNÇÃO ORTOPÉDICA** que ela sempre tem desempenhado como **tecnologia disciplinar** do corpo. O primeiro grande campo de exploração e de detecção dos efeitos de verdade encontram-se inscritos no corpo, ou nos envelopes arquitectónicos encarregados de reproduzir na forma-prisão, na forma-asilo, na forma-hospital, na forma-caserna, o modelo de internamento dos múltiplos Goulags históricos que conhecemos. Foucault deixa de analisar o sujeito do ponto de vista do poder e das suas sujeições. Enquanto nos primeiros livros nos fala do internamento, da incarceração e da segregação e de **sujeitos disciplinados** reduzidos à passividade do cumprimento da lei, nestes dois livros inaugura uma reflexão sobre a temática das condutas e de como é que os sujeitos se constituem, chegando a descobrir no desejo, a verdade do seu eu. Estamos pois, diante de uma nova problemática postmoderna, em que de pouco valerá continuar à espera que as estruturas mudem para encetar um outro e novo estilo de existência, um outro e novo estilo de pensar.

Fazer hoje uma história do desejo, pressupõe que não sejam descurados, à partida, os diversos rumos e modalidades através das quais cada ser viverá a sua vida como obra d'arte. A intenção que move Foucault, não é a de fazer uma história das ideias ou das mentalidades, mas a de analisar as **experiências singulares,** pelas quais os indivíduos são devolvidos no reconhecimento, para a verdade dos seus desejos.

Quer isto dizer que a principal descoberta que Foucault realiza nesta procura da **genealogia do desejo,** consiste em saber como é que cada pessoa constrói a sua moral de acordo consigo próprio e com uma prática singular de prazeres. Foucault evita, através de uma sabedoria que lhe é própria, não tentar a programação de uma nova moral, tanto mais que já não é possível hoje que o intelectual volte a representar o papel de profeta em relação ao que «deve ser feito» e ao que «deve passar-se» — pois se assim fosse, estaria a incorrer num dos perigos que Foucault aponta em relação ao funcionamento ideológico e burocrático do poder: «nada é mais perigoso que um sistema político que pretenda **prescrever** a verdade, contudo nada me parece mais inconsistente que um regime político que seja **indiferente** à verdade». É entre este perigo e o desertar puro e simples de pensar que tudo se equivale, que Foucault enceta uma reflexão, sem fazer tábua-rasa da actualidade histórica do momento e se volta para a récia antiga. E numa incursão que não é regressiva, tenta a passo de gigante remexer o arquivo e inquirir a partir dos restos do discurso consignados na biblioteca o que a sociedade produziu a partir de si própria. Postura de arquivista, «démarche» terapêutica. Como grande arquivista interroga textos (sistemas, obras filosóficas, tratados de medicina, preceitos e correspondências) e desdobra-se em terapeuta nofito de por aí tentar tornar visível na cartografia dos usos, dos prazeres e dos estilos uma «arte do viver».

A ideia desenvolvida nestes dois livros de Foucault, consiste em mostrar como é que a moral sexual se estabeleceu na Antigidade e ainda, como é que a «sabedoria» dos textos e das práticas permitiu elaborar uma técnica de vida levando ao aparecimento de «sujeitos livres». Para Michel Foucault, esta ética de vida opõe-se à ética que surge com o cristianismo e que se funda na submissão às regras transcendentes enunciadas e impostas pelas instâncias de dominação.

A grande mutação ocorre quando a «arte de vida» centrada sobre uma **estética da existência** e numa escolha pessoal se torna, com a hermenêutica cristã, numa «techné do eu». Foucault, ao escrever estes livros, teve necessidade de remontar até à Grécia para nos dar a perceber que alguns princípios da nossa ética de hoje estiveram, em determinado momento, ligados a uma **ética da existência.** Foucault escreve fascinado pela ideia de que poderá ser possível hoje viver a vida como obra estética, sem que esta tenha que vir a ser regulada por uma estrutura jurídica ou por um sistema autoritário. O que já interessava os gregos era a **constituição de uma ética** que fosse estética de existência e não uma operação de normalização da população. Foucault não pretende com estes livros prescrever um modelo de conduta para todos. Mas antes, salientar que a ética grega era mais comandada pela **vontade de viver** do que por um sistema legal baseado na religião e na uniformidade.

Foucault, ao remexer os diversos aspectos da «antiga tecnologia pagã do eu» manifestados na «arte de viver», dá-se conta, na companhia de Séneca e Plutarco, que as escolhas pessoais e os modelos de contduta assentes numa vontade de viver, podem constituir rumos para uma distribuição nova das **afinidades electivas,** tanto mais que hoje «a ética deixou de estar baseada na religião, e ninguém quer um sistema legal que se proponha intervir na vida privada, moral e pessoal».

— Resta-nos esperar por uma leitura mais sistemática destes dois livros de Foucault, e pensamos dar aqui regularmente uma informação mais detalhada do que urge de novo pensar e do que urge de novo viver. Como diz Michel Foucault: «Il y a des moments dans la vie ou la question de savoir si on peut penser autrement qu'on ne pense et percevoir si on peut penser autrement qu'on ne pense et percevoir autrement qu'on ne voit, est indispensable pour continuer à regarder ou à réfléchir». ■

Michel Foucault no Collège de France

«O pensamento mais importante deste século»

HÁ mais de vinte anos, na sua **História da Loucura**, Foucault ensinava, por exemplo, que o ofício de historiador exigia o rompimento com continuidades que o nosso espírito não cessa de projectar no passado a partir do presente. A lição pareceu-me ser ao mesmo tempo vanguardista e evidente de mais. Pôr a **diferença** no lugar da **identidade**, pensava eu, é exactamente o que nós fazíamos, entre outras coisas, na escola dos **Annales** (que, nesse tempo, ainda não passara de uma pequena igreja militante). Foucault era um filósofo que tinha redescoberto o nosso ideal e que o realizava com mais talento do que outros, pronto.

O que eu não tinha percebido era o carácter, mais vasto, do empreendimento. Levada até ao fim, a tese das falsas continuidades históricas conduz ao fim de todo e qualquer racionalismo («morte da verdade») e à abolição de todo e qualquer privilégio do sujeito quer dizer, põe termo a vinte e cinco séculos de metafísica. Acessoriamente, põe também termo a toda e qualquer causalidade inteligível: em vez de um sentido global que confirma o espírito nas suas convicções, tem-se um polígono de causas de acaso. Deixa de haver motor da história e politologia. Poder-se-á falar ainda de explicação causal? Sem excessivamente o alardear (o cientismo histórico ficaria horrorizado com a ideia de que existem outras inteligibilidades para além das explicativas), era preciso passar a considerar a história como uma hermenêutica das práticas, uma compreensão sem invariantes de linguagem e sem gramática geral. A história não explica: ela explicita.

Pelo meu lado, não comecei a perceber a vastidão do empreendimento senão há alguns anos, pouco depois de me ter tornado colega de Foucault no Collège de France. Ora, do ponto de vista do historiador, o interesse desta destruição da razão é que ela deixa o campo livre à construção de álgebras hermenêuticas muito mais poderosas do que aquelas de que dispúnhamos nos **Annales**. Ela não os dita: só o acontecimento, em sua particularidade, pode fazê-lo, do mesmo modo que cada língua dita a sua gramática própria aos linguistas que a estudam. Mas ela suprime as invariantes e as generalidades que levantam obstáculos a uma álgebra enfim capaz de analisar, sem resíduos, o acontecimento.

Se eu voltasse a escrever hoje o meu estudo **Le Pain et le Cirque** (O Pão e o Circo), escrevê-lo-ia de modo totalmente diferente. Desde há alguns anos, vi Foucault estudar o amor antigo, objecto que me é familiar, e os dois volumes que acabam de sair ilustram o poder da sua álgebra. Mesmo coisa no que toca à noção de poder político (a propósito da qual Foucault foi ruidosamente refutado por gente que não percebeu patavina do que ele queria dizer).

A obra de Foucault parece-me ser o acontecimento (de reflexão) mais importante do nosso século. Ela é a realização da parte crítica do pensamento de Nietzsche, independentemente das suas opções elitistas, e reduzindo a uma «metafísica negativa» a sua nova metafísica da vontade de poder. Isso produz uma viragem em ângulo recto na evolução da historiografia, que então ocupa o lugar da filosofia que perdeu o seu objecto, a menos que ela seja a teoria dessa hermenêutica.

Paul Veyne
Professor no Collège de France

«Bater-se e pensar estão ligados»

UM tema perseguiu o pensamento de Michel Foucault: o dos excluídos, dos marginais, dos deixados «cair». Eles estão presentes desde o seu primeiro livro: *Doença mental e psicologia* (1954) onde, sete anos antes da *História da Loucura*, ele descreve como, em meados do séc. XVII, o mundo da loucura vai bruscamente tornar-se o mundo da exclusão.

Mas Michel Foucault não se limitou a fazer a história da partilha incessante e sempre modificável da loucura e da razão desde a idade clássica. Ele contribuiu igualmente, na movimentação antipsiquiátrica, para a demolição, a partir de dentro, da instituição e da consciência dos psiquiatras, a medicalização da loucura. Ele não acreditava que o progresso da psiquiatria conduzisse ao desaparecimento da doença mental, como aconteceu com a lepra ou com a tuberculose. Ele acreditava, sim, que uma coisa permaneceria, « a relação entre o homem e os seus fantasmas, o seu impossível, entre o homem e a sua dor sem corpo, a sua carcaça nocturna; que, uma vez curto-circuitado o patológico, a sombria pertença do homem à loucura será a memória sem idade de um mal que se terá apagado na sua forma de doença, mas que se obstinará como desgraça».

Se, nos anos 60, o estrondo das teses de Foucault foi enorme, foi-o porque elas dinamitavam uma concepção sufocante da razão, e porque respondiam a uma exigência concreta de libertação (por parte dos doentes mentais mas também das mulheres, dos presos, dos homossexuais). De tudo isto se encontra eco no seu amigo americano Thomas Szasz, em Laing e Cooper na Inglaterra, em Basaglia na Itália.

E de tudo isso, que sobra hoje? Lembro-me de ter feito esta pergunta a Foucault da última vez que o visitei, a 17 de Dezembro de 1983. Respondeu-me que, tudo somado, tínhamos feito um bom trabalho, em França, desde 1960, apesar de termos muitas vezes «disparatado». Ria-se ao evocar o FHAR (Frente Homossexual de Acção Revolucionária) e certos grupos ultrafeministas. Achámo-nos de acordo sobre o facto de que, se a antipsiquiatria já não interessa, hoje, a ninguém, é talvez porque ela passou para a prática. «Os jovens vivem aquilo por que nós nos batíamos», acrescentou ele, embora notando que a ausência de combate segrega novos conformismos: bater-se e pensar estão ligados. ■

Roland Jaccard

F O U C A

Um relativismo absoluto

Fez-se um estranho silêncio no universo do discurso. Uma voz de carne acaba de deixar uma voz de papel. Como sempre que uma frase se escreve. Mas desta vez as duas vozes nunca mais coincidirão. Terminada a vida, só as palavras restam. O facto é banal e escandaloso. O brusco desaparecimento de um pensador ímpar, ainda jovem, no auge da sua força, suscita um sentimento de intolerável, de injusto, de absurdo... O que não se pode dizer deve ser calado.

Roger Pol-Droit

MAS nenhuma tristeza. Foucault sabia rir do trágico. A voz de papel, a única verdadeira voz dos intelectuais, fica. Os livros de um dos maiores dentre eles vão continuar, sem ele, a ter efeitos imprevisíveis, a encontrar leitores inesperados e múltiplos, a dar que falar, a frustar as classificações em que queriam encerrá-lo, a entrar em lutas em que ele não pensou. Se há trabalhos cujo destino não pode ser selado pela morte do autor, esses trabalhos sao os seus.

Michael Foucault sempre recusou a «monarquia do autor» e as suas «declarações de tirania». Ele não queria ser o senhor dos seus próprios livros, o guardião do sentido único da sua obra, o que dita a sua lei aos leitores dizendo-lhes: O que eu quis dizer foi isto, não têm o direito de o compreender de outro modo. Ele sonhava antes com livros dessacralizados, fugidos ao domínio do seu produtor, «caixas de ferramentas» onde todos fossem buscar, segundo as suas necessidades, uma análise ou um conceito, para lutar, para pensar, para falar, três acções que, aos seus olhos, eram só uma.

Quanto a ele, queria ocupar um **«espaço branco»,** tornar-se, enfim, sem identidade. Foucault escrevia **«para já não ter rosto».** Não é o momento de o encerrar numa máscara mortuária. Preferia esboçar os seus múltiplos trajectos, as suas deslocações, as suas rupturas e os seus paradoxos. O seu desaparecimento não os detém. Vai mesmo intensificá-los.

Já são numerosas as imagens, as afirmações e as actividades de Foucault que se entrecruzam sem se poderem unificar. Inacessível e fugidio. Será historiador ou filósofo? Mestre do pensamento ou destruidor de verdades? Figura política ou antipolítica? Pode ser que as respostas não sejam simples. Ou que as perguntas não sejam pertinentes. **Não me perguntem quem sou e não me digam que fique igual; e uma moral de estado civil; ela rege os nossos documentos. Que nos deixe livre quando se trata de escrever,** diz ele em **L'Archèologie du Savoir.**

Apesar de tudo tentemos ver as coisas mais claras. Alguém que não soubesse nada de Michel Foucault podia julgar, ao ler os títulos das suas obras, que se tratava de um historiador: **Histoire de la Folie** (1961) e **Histoire de la Sexualité** (1976-1984), **Naissance de la Clinique** (1963) **(Surveiller et Punir,** 1975), **Archeologie du Savoir** (1969) **(Les Mots et les Choses,** 1966)... Mas basta abrir os livros para ver com que fantástico talento ele os põe em cena, através de disposições novas e de perspectivas não habituais. Um historiador, ele?

Sim, mas de uma espécie muito particular. Que se dedica antes de mais às mudanças que se operam nas mentalidades e aos sistemas de pensamento, esses alicerces em que se enraízam as evidências de uma época. Nisto Foucault é um filho de Lucien Febvre, de Fernand Braudel, e da escola dos **Annales,** esses historiadores que substituíram a **história desordenada dos governos, das guerras e das fomes** pelo estudo de fenómenos como a demografia, a agricultura, os transportes, por exemplo.

Mas este filho não é disciplinado.

Ele descobre na história das ideias, rupturas, mutações bruscas, inversões que passaram despercebidas. Pior ainda: o objectivo do seu trabalho não é a reconstituição do passado. Alguns historiadores resmungam, zangam-se. Decididamente ele não é dos seus. *Faço a história do presente,* diz ele.

Foucault fala-nos, no entanto, e com muitos pormenores, do internamento dos «loucos», no limiar da idade clássica, do novo rosto do homem que surge no fim do século dezoito, da emergência, no século dezanove, de um olhar diferente sobre o corpo do doente, ou da constituição, na Grécia antiga, da moral sexual do Ocidente. Em suma, o passado. Mas não é bem assim, porque é das nossas evidências actuais que ele encontra os antepassados e traça a geneologia. Ao reconstituir as nossas ideias presentes sobre a loucura, a doença, o homem ou o sexo, Foucault mostra-nos que elas nada têm de evidente, nada de eterno.

Não se trata aqui de uma vulgar crítica aos nossos preconceitos, e que deixaria intacta a própria ideia de verdade. A força de Foucault está em fazer compreender que mesmo os nossos saberes mais exactos são transitórios e mortais. Eles resultam de uma ordenação temporária do discurso, de um sistema de representações cuja origem e cujo fim foram revelados pelos inquéritos históricos. Não há verdade, só há discursos historicamente referenciados. É certo que eles produzem «efeitos de verdade», delimitando numa época aquilo que é pensável e que não o é. Mas em si mesmos, eles não valem nada. Estamos em face de um relativismo absoluto. É filosofia.

Precisamente a de Nietzsche. Creio que Foucault tentou de mil maneiras responder a essa pergunta: que fazer depois de Nietzsche? Isto é, depois da destruição da própria ideia de verdade. Só uma perspectiva

Bibliografia

Livros

Maladie mentale et psychologie (Doença mental e psicologia), PUF 1954, reedição 1966.

Folie et déraison, Histoire de la folie à l'âge classique (Loucura e insanidade mental. História da loucura na Idade Clássica), Plon 1961, reedição Gallimard 1972.

Naissance de la clinique (Nascimento da clínica), PUF 1963, seg. ed. revista 1972.

Raymod Roussel, Gallimard 1963.

Les Mots et les Choses (As palavras e as coisas), Gallimard 1966.

L' Archéologie du Savoir (A arqueologia do saber), Gallimard 1969.

L' ordre du discours (A ordem do discurso), lição inaugural no Collège de France, Gallimard 1971.

Ceci n'est pas une pipe (Isto não é um cachimbo), Fata Margana 1973 — sobre Magritte.

Surveiller et punir (Vigiar e punir), Gallimard 1975.

Moi, Pierre Rivière, ayant égorgé ma mère, ma soeur et mon frère... (Eu, Pierre Rivière, tendo degolado minha mãe, minha irmã e meu irmão), Gallimard-Julliard, 1973. Este livro deu origem ao filme, do mesmo nome, de René Allio.

La volonté de savoir (A vontade de saber), primeiro volume da Histoire de la Sexualité (História da Sexualidade), Gallimard 1976.

Microphysique du pouvoir (Microfísica do poder), ed. Alessandro Fontana e Pasquale Pasquino, Turim, Einaudi, 1977.

Herculine Barbin dite Alexina B. (Herculina Barbin dita Alexina B.), Gallimard 1978.

Le désordre des familles (A desordem das famílias), cartas dos arquivos da Bastilha apresentadas por Arlette Farge e Michel Foucault, Gallimard 1982.

L' Usage des plaisirs (O uso dos prazeres), segundo volume da História da Sexualidade, Gallimard 1984.

Souci de soi (A preocupação consigo próprio), terceiro volume da História da Sexualidade, Gallimard 1984.

Traduções

Ludwig Binswanger, **Le Rêve et l' Existence** (O sonho e a existência), trad. e intr., Desclée de Browr, 1954.

Emmanuel Kant, **Anthropologie du point de vue pragmatique** (Antropologia do ponto de vista pragmático), Vrin, 1964.

Léo Spitzer **Études de Style** (Estudos de estilo), Gallimard, 1962.

Prefácios

Jean-Jacques Rousseau, **Rousseau juge Jean-Jacques** (Rousseau julga Jean-Jacques), A. Colin, 1962.

Nietzsche, **Le Gai Savoir** (O alegre saber). **Fragments Posthumes** (Fragmentos póstumos), Gallimard 1962.

Antoine Arnault e Pièrre Nicole, **Grammaire Générale et Raisonnée,** Paulet, 1969.

Georges Bataille, **Oeuvres Complètes** (Obras Completas), Gallimard, 1979.

Sept propos sur le siptième ange (Sete considerações sobre o sétimo anjo), in **La Grammaire Logique**, de Pièrre Brisset, Tchou, 1970.

Flaubert, **La'tentation de Saint-Antoine** (A tentação de Santo António), Livre de Poche 3238.

Serge Livrozet, **De la prison à la révolte** (Da prisão à revolta), Mercure de France, 1973.

Wiaz, **En attendant le grand soir** (Enquanto se espera a noite mais longa), Denoel, 1976.

Bernard Cuau, **L' Affaire Mirval ou Comment le Récit Abolit le Crime** (O caso Mirval, ou como a narrativa abole o crime), Les Presses d' Aujourd'hui, 1976.

Jeremy Bentham, **Le Panoptique** (O Panóptico), Belfond, 1977; precedido de **L' oeil du pouvoir**, entrevista com Foucauld.

My Secret Life (extractos, de Bentham) Éditions Les Formes du Secret, 1977.

Pascal Bruckner, **Ennemi de l'Etat** (Inimigo do Estado), Pensée Sauvage, 1979.

Gilles Deleuze e Felix Guattari, **Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia** (ed. americana do Anti-Édipo), Viking Press, 1977.

Georges Canguilhem, **On the normal and the pathological** (O normal e o patológico), Boston, D. Reidel Co., 1978.

Aulas

O Anuário do Collège de France publica um resumo dos cursos de cada professor. Os resumos da cadeira de Foucault, **Histoire des Systèmes de Pensée**, são seus desde 1971. Existe também uma edição pirata de aulas sobre o tema **Le Pouvoir et la Norme** (O Poder e a Norma).

Artigos

Dire et voir chez Raymond Roussel (Lettre Ouverte, n.º 4).

Porquoi reédite-t-on Raymond Roussel? Un précurseur de notre littérature moderne (Le Monde, 22-8-64).

Un si cruel savoir (Critique 18, 1962).

La métamorphose et le labyrinthe (N.R.F. 1963, n.º 124).

Préface à la transgression (Critique 19, 1963, sobre Bataille).

Guetter le jour qui vient (N.R.F. 1963, n.º 130).

Distance, aspect, origine (Critique Nov. 1963, sobre Robbe-Grillet e a Tel Quel).

Le langage à l'infinit (Tel Quel n.º 115).

La Prose d'Actéon (N.R.F. 1964, n.º 135, sobre Klossowski).

Le langage de l'espace (Critique 1964, n.º 203).

Le Mallarmé de J.-P. Richard (Annales, Set/Out 1964).

L' Arrière-Fable (L'Arc n.º 29, 1966, sobre Jules Verne).

La Pensée du dehors (Critique n.º 299, 1966, sobre Blanchot).

Nietzsche, Freud, Marx (Cahiers de Royaumont, Minuit 1967).

Un «fantastique» de bibliothèque (Cahiers Reanud-Barrault, 59, 1967).

Réponse à une question (Esprit, Maio 1968, n.º 371).

Réponse au Cercle d'Épistémologie (Cahiers Pour L'Analyse n.º 9).

Qu'est-ce qu'un auteur? (Boletim da Société Française de Philosophie, tomo 64, 1970).

Ariane s'est pendue (Le Nouvel Obs., 31/3/69, sobre Deleuze).

Theatrum Philosophicum (Critique Nov. 1970, n.º 282, sobre Deleuze).

Il y aura scandale, mais... (Le Nouvel Obs., 7/9/70, sobre o Eden. Eden, Eden, de Pièrre Guyotat).

Croire et multiplier (Le Monde, 15/11/70, sobre F. ois Jacob e La logique du vivant).

Nietzsche, la généalogie, l'histoire (in Hommage à Jean Hippolite, PUF 1971).

Bachelard, le philosophe et son ombre (Figaro Littéraire 30/9/72).

History, Discourse and Discontinuity (Salmagundi, n.º 20, 1972).

L'Occident et la vérité du sexe (Le Monde, 5/11/76).

Les machines à guérir (Institut de l'Environnement, 1976).

Bio-histoire et bio-politique (Le Monde 17/10/76).

L'asile illimité (Le Nouvel Obs., 28/3/77).

La grande colère des faits (Le Nouvel Obs., 9/5/77, sobre Les maîtres penseurs de A. Glucksman).

La Gouvernementalité (Aut Aut n.º 167/8, 1978, só existe em italiano).

Inutile de se soulever (Le Monde, 11/5/79, sobre o Irão).

Vivre autrement le temps (Le Nouvel Obs., 3/4/79 sobre Maurice Clavel, então morto).

L' impossible prison (Le Seuil 1980, debates com Foucault).

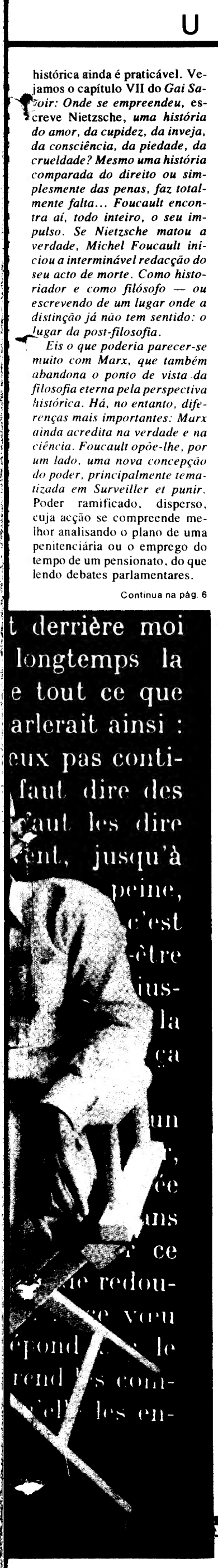
Évolution de la notion d'individu dangereux dans la psychiatrie légale (Revista Déviance et Société, 1981, vol. V, n.º 4).

Usage des plaisirs et thecniques de soi (Le Débat n.º 27, Nov. 1983).

histórica ainda é praticável. Vejamos o capítulo VII do *Gai Saber: Onde se empreendeu*, escreve Nietzsche, *uma história do amor, da cupidez, da inveja, da consciência, da piedade, da crueldade? Mesmo uma história comparada do direito ou simplesmente das penas, faz totalmente falta... Foucault encontra aí, todo inteiro, o seu impulso. Se Nietzsche matou a verdade, Michel Foucault iniciou a interminável redacção do seu acto de morte. Como historiador e como filósofo — ou escrevendo de um lugar onde a distinção já não tem sentido: o lugar da post-filosofia.*

Eis o que poderia parecer-se muito com Marx, que também abandona o ponto de vista da filosofia eterna pela perspectiva histórica. Há, no entanto, diferenças mais importantes: Marx ainda acredita na verdade e na ciência. Foucault opõe-lhe, por um lado, uma nova concepção do poder, principalmente tematizada em Surveiller et punir. Poder ramificado, disperso, cuja acção se compreende melhor analisando o plano de uma penitenciária ou o emprego do tempo de um pensionato, do que lendo debates parlamentares.

Continua na pág. 6



COM DELEUZE:

Uma conversa sobre o poder no estado nu

Esta conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze tem doze anos. Eles falam sobre o lugar do intelectual face ao poder, do que é a «teoria», da necessidade de deixar de falar em nome de outrem, de algumas lutas marginais. Nessa época, Foucault trabalha no GIP, um grupo de intervenção nas prisões, e está ligado a certas expressões da luta dos homossexuais. Está-se em pleno pós-68, e quase toda a década de 70 está ainda por viver.

Michel Foucault — Parece-me que a politização de um intelectual se fazia tradicionalmente a partir de duas coisas: a sua posição de intelectual na sociedade burguesa, no sistema da produção capitalista, na ideologia que ela produz ou impõe (ser explorado, reduzido à miséria, rejeitado, «maldito», acusado de subversão, de imoralidade, etc.); e o seu próprio discurso enquanto revelador de uma certa verdade, descobridor de relações políticas lá onde as pessoas não se apercebiam da existência delas. Estas duas formas de politização não eram estranhas uma à outra, mas também não coincidiam necessariamente. Havia o tipo «maldito» e o tipo «socialista». Estas duas politizações confundiram-se facilmente em certos momentos de reacção violenta por parte do poder — depois de 1848, depois da Comuna, depois de 1940. O intelectual era rejeitado, perseguido no momento exacto em que as «coisas» apareciam na sua «verdade», no momento em que ninguém devia dizer que o rei ia nu. O intelectual dizia a verdade àqueles que ainda não a tinham visto e em nome daqueles que não podiam dizê-la: consciência e eloquência.

Ora, o que os intelectuais perceberam recentemente, é que as massas não precisam deles para *saberem*. Elas sabem perfeitamente, claramente, e muito melhor do que eles. E até o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que apaga, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não reside apenas nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito subtilmente em toda a rede da sociedade. Eles próprios, intelectuais, fazem parte desse sistema de poder. A ideia de que eles são os agentes da «consciência» e do discurso faz, ela própria, parte deste sistema. O papel do intelectual já não é o de se «pôr um pouco para diante ou um pouco ao lado», para dizer a verdade muda de todos. É, sim, o de lutar contra as formas de poder lá onde ele próprio é ao mesmo tempo objecto e instrumento delas: na ordem do «saber», da «verdade», da «consciência», do «discurso».

É por isso que a teoria não *exprime*, não *traduz*», não *aplica* uma prática: ela *é* uma prática. Mas local e regional, como você diz: não totalizante. Luta, não por uma «tomada de consciência» (há muito que a consciência enquanto saber está tomada pelas massas, e que a consciência como sujeito está tomada, ocupada pela burguesia), mas para sapar, tomar o poder, com todos aqueles que lutam por isso, e não um pouco à parte para os esclarecer. Uma «teoria» é o sistema regional dessa luta.

Gilles Deleuze — É isso, uma teoria é exactamente como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que ela sirva, que ela funcione. E não «para-si-própria». Se não há ninguém para se servir dela, a começar pelo seu autor, é porque ela não serve para nada ou porque ainda não chegou o momento indicado. Não se «revê» uma teoria, faz-se outra, há outras para fazer. É curioso que tenha sido um autor que passa por um «puro intelectual», Proust, quem o disse tão claramente: tratem o meu livro como um par de óculos dirigidos para o exterior... e, bom, se eles não vos servirem, arranjem outros, encontrem o vosso próprio aparelho, que é forçosamente um aparelho de combate. A teoria não *totaliza*: ela multiplica e multiplica-se. É o poder que, por natureza, opera por totalizações. Você diz, exactamente, que a teoria é por natureza contra o poder... Na verdade, a noção de *reforma* é idiota e hipócrita. Se a reforma é elaborada por quem se pretende representativo, e que têm por profissão falar em nome de outrem, em vez de outrem, então estamos perante um arranjo do poder, uma distribuição de poder acompanhada de repressão maior. Se a reforma foi reclamada, exigida por aqueles a quem ela diz respeito, então deixa de ser reforma, é uma acção revolucionária que, do fundo do seu carácter parcial, está votada a pôr em causa a totalidade do poder e da sua hierarquia. Isto é evidente nas prisões: a mais minúscula, a mais modesta reivindicação dos presos chega para esvaziar a pseudo-reforma das prisões (alusão à reforma Pleven, 1972. N.R.). Se as crianças de colo conseguissem fazer ouvir os seus protestos numa Maternelle (pré-infantil), isso bastaria para provocar uma explosão no conjunto do sistema de ensino. Na verdade, este sistema em que vivemos *não consegue suportar nada*: daí a sua fragilidade radical em cada ponto, e ao mesmo tempo, a sua força global de repressão. Na minha opinião, você foi o primeiro a ensinar-nos qualquer coisa de fundamental, ao mesmo tempo nos seus livros e no domínio da prática: a indignidade de falar em nome dos outros. Quer dizer: nós gozávamos com a representação, dizíamos que ela tinha acabado, mas não tirávamos a consequência dessa conversão «teórica»: que a teoria exigia que as pessoas interessadas passassem a falar por sua conta e risco!

Michel Foucault — E quando os presos começaram a falar, descobriu-se que eles tinham uma teoria da prisão, da penalidade, da justiça. Esta espécie de discurso contra o poder, este contradiscurso sustentado por presos, ou por aqueles que designamos por *delinquentes*, é ele que interessa, e não uma teoria *sobre* a delinquência. Este problema da prisão é um problema local e marginal, porque não há mais de 100 000 pessoas que passem, por ano, pelas prisões. Ao todo, hoje, em França, há talvez 300 ou 400 000 pessoas que passaram pelas prisões. Ora este problema marginal sacode as pessoas. Eu fiquei surpreendido ao perceber que era possível interessar por este problema tantas pessoas que não estavam presas, que tanta gente acabava por se interessar e por ouvir esse discurso dos presos. Como explicá-lo? Não será porque, de um modo geral, o sistema penal é a forma onde o poder se mostra de maneira mais manifesta? Meter alguém numa prisão, fechá-lo lá, privá-lo de comida, de aquecimento, impedi-lo de sair, de fazer amor, etc., não será a manifestação de poder mais delirante que se pode conceber? Ainda outro dia falava com uma mulher que me dizia: «Quando penso que a mim, que tenho 40 anos, me castigaram um dia na prisão pondo-me a pão duro...» O que espanta nesta história é não só a puerilidade do exercício do poder, mas também o cinismo com que ele se exerce enquanto poder na sua forma mais arcaica, mais pueril e mais infantil. (...) A prisão é o único sítio onde o poder se pode manifestar *em estado nu* nas suas dimensões mais excessivas, justificando-se a si próprio ao mesmo tempo como poder moral: «Eu tenho razão em punir-te, porque tu bem sabes que não se rouba, não se mata...» É isso que fascina nas prisões: que, ali, excepcionalmente, ele não tenha de se esconder, não se disfarce. Ali ele mostra-se enquanto tirania levada até aos mais ínfimos detalhes, mostra-se cinicamente tal como é, no estado puro, inteiramente «justificado» visto que pode formular-se no seio de uma moral que enquadra o seu exercício: a sua tirania bruta aparece então como domínio sereno do Bem sobre o Mal, da ordem sobre a desordem.■

Extraído de «Os Intelectuais e o Poder», conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze publicada no número 49 da revista «L' Arc», dedicado a Deleuze, no segundo trimestre de 1972.

Durante uma manifestação contra o racismo

«Um combatente de rua»

Georges Kiejman, que foi o advogado de Michel Foucault, escreve sobre ele o seguinte depoimento:

FOUCAULT foi o contrário de um filósofo longínquo que emitisse os seus pareceres do alto de um Olimpo.

Nunca desencorajado, sempre presente no terreno e sobretudo no terreno judiciário, ele estava ali onde o indivíduo se defronta mais claramente com o poder.

Recordarei dois exemplos minúsculos mas significativos: Foucault e alguns amigos distribuem, ao longo das paredes da prisão de La Santé, panfletos do grupo «Informação sobre as prisões» directamente àqueles a quem essa informação interessa: familiares de detidos. Intervenção da polícia, interpelação por distribuição pública não autorizada, empurrões, ida para a esquadra, longa espera, insultos xenófobos a um dos membros do grupo porque tem um apelido pouco francês, murros nas costas de Foucault e insultos sexuais.

Para Foucault, a coisa tem pouca importância no que lhe diz repeeito, mas é muito grave, no que toca a outros, menos protegidos pela notoriedade do seu nome e vítimas do racismo quotidiano. Foucault apresenta queixa.

A queixa tem o destino do costume: absolvidos os polícias que bateram, apesar de identificados. Confirmação da absolvição por um tribunal de recurso.

Aquela descida à rua para aí dar testemunho, aí difundir ideias, vale a três jovens militantes o serem perseguidos por terem distrubuído panfletos que só mencionam GIP como impressor e a morada pessoal de Foucault como editor. «É impossível, diz o juiz, que nessa morada funcione uma impressora.» «Claro, responde Foucault, a impressora tenho-a aqui debaixo do braço, é este policopiador.» Resultado, condenação sem aplicação de pena.

Eu poderia multiplicar exemplos destes. O tempo que outros teriam considerado perdido e insignificante, Foucault nunca deixou de o dar, pródigo com tudo e sobretudo pródigo da sua própria pessoa.

Outros teriam talvez podido escrever o *Vigiar e Punir*. Mas ninguém fez tanto como ele para restabelecer os direitos daqueles a quem todos os poderes quiseram roubá-los. Nas vésperas do fantástico combate contra o racismo, contra os racismos, que a situação actual em França torna inevitável, não é apenas do filósofo que vamos sentir a falta, é também de um combatente de rua.■

Comunicado médico

O chefe do Serviço de Neurologia do hospital de La Salpêtrière, prof. Paul Castaigne, e o dr. Bruno Sauron, publicaram, em acordo com a família de Michel Foucault, o comunicado seguinte:

«Michel Foucault entrou a 9 de Junho de 1984 na clínica de doenças do sistema nervoso do hospital de La Salpêtrière, em Paris, para lhe serem feitos exames complementares tornados necessários por manifestações neurológicas que vieram complicar um estado septicémico. Estas explorações revelaram a existência de vários focos de supuração cerebral. O tratamento antibiótico começou por ter um efeito favorável; melhoras permitiram, na semana passada, a Michel Foucault, tomar conhecimento das primeiras reacções consecutivas ao aparecimento dos seus últimos livros. Um brutal agravamento suprimiu toda a esperança de terapêutica eficaz, e a morte ocorreu no dia 25 de Junho às 13h15.»■

F O U C A U L T

Uma ascese da desordem

Periodicamente os franceses festejam um grande pensador, como se se espantassem de ainda os produzir. Nos últimos trinta anos, Teilhard de Chardin e Jacques Monot beneficiaram destes entusiasmos. Michel Foucault foi o último. Este público, alargado a não-especialistas, assegura tiragens inesperadas. Mas a compra dos livros, tranquilizante em si, não prova que eles sejam lidos nem compreendidos.

Bertrand Poirot-Delpech

PODE ter-se pensado assim com o *Phenomene humain, le Hasard et la Necessité, les Mots et les Choses*. Podia também ser o caso de *l' Usage des plaisirs* e do *Souci de soi*, as últimas obras de Foucault. Elas ajudam menos a atravessar a vida no fim do século XX do que a reler Platão, Aristóteles ou Epicteto. Baudelaire resumiu o segredo destes sucessos ambíguos: *A Admiração*, dizia ele em *Mon coeur mis à nu, começa onde a compreensão acaba*.

Essa admiração tacteada encontra motivos quando se trata de Foucault e do seu «estilo». Era corrente ouvir dizer, quando *Les Mots et les Choses* invadiram as mesinhas dos «livings», que era difícil mas maravilhosamente escrito. Isto queria significar que, para filósofo, o autor escrevia bem, sem uma excessiva linguagem técnica, com fórmulas, palavras escolhidas, agradáveis sonoridades. É verdade: a prosa de Foucault «balança», como dizem os homens do jazz. A preocupação da eufonia está sempre presente. A inteligência fulgura, como esse olhar divertido que desmentia a tristeza do perfil à la Chaval e a calvície cuidada do monge.

Mas o fraseado, só por si, não é nada. O adágio. «O estilo é o homem diz que há moral num *traveling*: há mais do que uma ética na estética literária dos *Mots et les Choses* e a continuação. Há uma exigência perante si próprio de que a nossa época de exibicionismos aproximativos perdeu o gosto e até a noção. Foucault passava por indócil junto dos jornalistas. Natural. Ele era exactamente o contrário daquilo que os «medias» procuram, inimigo de toda a apropriação do público, preocupado com a verdade segundo as velhas regras universitárias, e da sua verdade pessoal no interior deste trabalho: um asceta do conhecimento, no sentido em que as ascese não é autopunição desgostosa, mas gozo erótico do saber.

A mudança de orientação de que resultam os tomos II e III da *Histoire de la Sexualité* ilustra na perfeição essa disciplina de espírito.

O propósito de Foucault, como se sabe, era estudar a noção de sexualidade tal como ela parece ter aparecido no século XIX. Entretanto o autor achou que o conceito de «sujeito desejante» não fora suficientemente estudado nas suas origens longínquas. Para retomar um dos seus títulos famosos, faltava a «arqueologia» deste saber. Outros teriam relido o *Banquete* de Platão em diagonal e teriam voltado aos seus problemas pessoais. Ele, não: com risco de atrasar e transtornar o seu calendário de trabalho, de publicação.

Cúmulo de singularidade num tempo em que os intelectuais tal como os políticos, já não reconhecem os seus erros ou as suas falhas. Foucault tem o cuidado de dizer que não é helenista nem latinista.

Esta confissão entre outras explicações sobre a sua mudança de programa, figura no prefácio de *L'Usage des plaisirs*. Este texto deveria ter lugar ao lado do *Discours de la Methode* e da famosa *Introduction à la Medicine Experimentale* de Claude Bernard, de tal maneira as obrigações do sábio aí são recordadas com justeza, brio e... estilo.

Uma frase deste texto mereceria ser dada como tema de bacharelato. Vejam como ela soa anacrónica e nova: *«Quanto àqueles por quem, esforçamo-nos, começar e recomeçar, tentar, errar retomar tudo desde o início e encontrar ainda o meio de hesitar, quanto àqueles por quem, em suma, trabalhar na reserva e na inquietação é o mesmo que demissão, pois bem, não estamos, é claro, no mesmo planeta.*

Este apetite de conhecer, ainda é preciso vigiar-lhe a verdadeira economia. E é aí que o estilo rebenta; não ornamento mas produto de uma franqueza devastadora.

Foucault não procura somente suplantar uma verdade que foge, mas combater em si as certezas esclerosantes, aborrecidas. O prazer de descobrir não existe sem desestabilização de si próprio. A frase toma a plenitude de uma confidência quando não faz a pergunta: de que valeria o encarniçamento do saber se ele não chegasse a constatar que não se pode pensar «de outro modo»?

Revejo Michel Foucault explicando-se, em 1982 perante os representantes do seu editor sobre uma antologia de «cartas de prego» suas e de Arlette Farge: *Désordres de la Famille. Um investigador*, dizia ele, *não encontra mais do que uma ou duas coisas novas na sua vida, geralmente de princípio. Talvez eu tenha passado a idade das intuições inéditas?*

Era o enunciado, sem «coquetterie» nem tristeza, com o brilho da convicção. Para os profanos, o que restará da sua obra reunida em volta de uma mesma curiosidade — a constituição do tema ocidental através da loucura, do crime, da sexualidade — é, mais do que um estilo de elegantes artifícios, uma moral da insegurança intelectual, uma ascese da desordem. ■

Michel Foucault, Jacques Lacan, Claude Lévi-Strauss, Roland Barthes, no tempo em que representavam «a moda estruturalista». O desenho, de Maurice Henry, foi primeiro publicado na «Quinzaine littéraire», depois reproduzido no «Roland Barthes por Roland Barthes»

Um relativismo absoluto

Continuação da pág. 4

Tecnologia do ensinamento dos corpos, dispositivo em acção, esta rede do poder não põe duas classes (uma que o deteria, outra que quereria apossar-se dele), mas exerce estes efeitos tanto sobre a opressão como sobre a resistência, em lutas múltiplas, locais, dispersas, onde os discursos também são apostas e armas. Ele incita tanto como reprime. Em suma, o poder já não é essa aposta enigmática das lutas políticas, mas um dispositivo complexo e ramificado que se estende sobre todo o corpo social e as suas produções.

Ainda haveria muito a dizer. Nas diversas facetas da obra (Foucault tradutor, prefaciador, leitor de Raymond Roussel, professor...), sobre os livros de método, essa *severa poesia* da *sua própria «demarche»*, como diz Gilles Deleuze, seu cúmplice... Sobre o próprio homem limitar-me-ei a evocar uma impressão pessoal. Tendo tido há alguns anos ocasião de trabalhar uma dezena de dias com Michel Foucault, senti-me impressionado pelo contraste entre o seguro vigor dos textos, a relativa frieza do seu formidável dispositivo lógico, e a sensibilidade, a delicadeza, a finura do ser. Como se talvez houvesse escondido de toda a sua inteligência uma mais secreta fragilidade, feita de reserva de inquietação.

Os dois últimos livros que lhe servem de excelente epitáfio, parecem-me confirmar indirectamente essa modesta intuição. Ao interrogar-se sobre a emergência do sujeito sexual, ao voltar pelos caminhos da Antiguidade e também da ética, a uma visão estética da existência Foucault afirma procurar *desprender-se de si próprio*. Ele ve aí a do intelectual (1).

Que quer dizer? Ser aquele que não repete, que não profetiza nem legisla, que não faz a moral a ninguém, e não se senta no tribunal da história... *Sonho com o intelectual destruidor das evidências e das universidades, o que descobre nas inércias e nos constrangimentos do presente, os pontos de fraqueza, as aberturas, as linhas de força, o que se desloca incessantemente, não sabe ao justo onde estará nem o que pensará no dia seguinte porque está demasiado atento ao presente...* Mede-se o afastamento com Sartre, por exemplo.

O nome de Michel Foucault não é sinónimo de historiador nem de filósofo — nem mesmo sinónimo de Michel Foucault. Nunca idêntico a si próprio. Sinal de contradição, como o indica a seu modo essa citação de René Char que tem, por si só, o pedido de inserir aos tomos I e III de l'Historie de la sexualité: *L'historie des hommes est la longue succession des synonymes d'un même vocable. Y contredire este un devoir*. Entre todos os discursos que trama e entreeruza, esta obra paradoxal surge-me como um nó que se abriria...

Foucault então, mestre do pensamento? Ter-se-á compreendido que não. Modelo de rigor, decerto, para toda uma geração em tempos em que a inteligência, em França, não é uma mercadoria excedentária. Morto, Foucault? Vejam, vejam bem, na página 28 de *l'Archeologie du savoir, ele diz qualquer coisa: ...«Não, não... Não estou ali onde me espreitam, mas aqui, de onde vos olho rindo.* ■

(*) Nascido a 15 de Outubro de 1926 em Poitiers, de pai médico, Michel Foucault foi «maitre de conferences» (1960-62), depois professor de filosofia (1964-68) na Faculdade de Letras de Clémont-Ferrand. Foi professor na Universidade de Vincennes, de 1968 a 1970. Ocupava a cadeira de história dos seis temas de pensamento no Collège de France desde 1970.

(1) Ver o resumo dos seus últimos livros, *l'Usage des plaisirs* e o *Souci de soi*, tomos 2 e 3 da sua *Histoire de la sexualité*, em «Les Monde des Livres» de 22 de Junho de 1984.

Uma grande audiência no mundo anglo-saxónico

De **Folie et déraison à l'Histoire de la sexualité,** todas as suas obras estão traduzidas em inglês, e, facto raríssimo, para um intelectual, eram lidas fora da Universidade por um jovem público do «post 68».

Tanto como em Paris, a sua morte foi muito sentida em Londres, Boston, Nova Iorque e Los Angeles. Alguns dos seus principais títulos — entre **l'Archéologie du savoir, Histoire de la folie, Histoire de la sexualité, les Mots et les Choses, Surveiller et punir** — estão traduzidos em inglês, alemão, italiano, espanhol, mas também em dinamarquês, finlandês, sueco, norueguês polaco, servo-croata, esloveno, grego, hebraico, japonês, português, etc.

D E S T A Q U E S

DJAVAN

A partir de amanhã, e até à próxima quinta-feira, o Coliseu dos Recreios abre de novo as portas à música brasileira. Desta vez, o emissário chama-se Djavan, um compositor e intérprete de 34 anos, que diz ter as suas raízes musicais no Nordeste brasileiro e em Luís Gonzaga. Mas além destas raízes, encontra-se África, a verdadeira fonte de Djavan, segundo ele próprio diz.

Os três concertos do Coliseu são os primeiros de Djavan em Portugal e realizam-se poucas semanas depois do lançamento do seu último disco, «Lilás». Em Lisboa, o cantor fará uma retrospectiva da sua carreira, na qual incluirá, claro, trabalhos do LP citado. Acompanhado de nove músicos, Djavan trará, assim, ao público português, outros tantos anos de trabalho.

Embora o seu primeiro disco date de 1976 — «A Voz, o Violão e a Música de Djavan» — o intérprete que amanhã se apresenta no Coliseu só recentemente começou a ser conhecido do público português. A este facto não é estranho o sucesso alcançado, desde 1982, por Djavan no Brasil. Com efeito, o pontapé de saída para o «estrelato» foi dado com o LP «Luz». Para trás ficaram outros quatro discos, entre os quais há que destacar «Seduzir», de 1981.

Nascido depois de uma deslocação a Angola, «Seduzir» é talvez o trabalho mais africano de Djavan e foi saudado pela crítica brasileira. Crítica que agora o tem atacado pelas suas experiências com músicos americanos. Com efeito, «Lilás», à semelhança de «Luz», foi gravado nos Estados Unidos e nele participaram alguns nomes da música americana, entre os quais músicos que habitualmente trabalham com Michael Jackson.

Falando deste seu último trabalho, Djavan, numa entrevista ao semanário «Sete», referiu algumas das peripécias que rodearam a gravação. A maior foi, sem dúvida, o facto de ter entrado em estúdio apenas com três músicas feitas. Porquê? Porque Djavan «gosta de gravar temas que não tenham mais de três meses». De um modo geral, o compositor considera que cada disco que gravou «reflecte o que eu era no momento, constitui um retrato rigoroso de um tempo em que vivi».

Para além das composições que ele interpreta, Djavan tem feito canções para alguns músicos brasileiros, entre os quais Gal Costa, Simone e Caetano Veloso. Por outro lado, ele é também o autor das letras que canta e o seu trabalho em poesia tem merecido diversos elogios. Neste domínio, Djavan confessa uma ternura por Pablo Neruda e Fernando Pessoa e afirma ser o amor o «grande tema».

A terminar, apenas a constatação de que ouvindo Djavan um nome nos ocorre de imediato: Milton Nascimento. Se ela é válida ou não, amanhã o saberemos. ■

Mário Cláudio, homem do Norte

O labirinto nem sempre é sinal de complexidade

«Amadeo» – como classificar este livro de Mário Cláudio? O autor prefere esta definição: romance com uma matriz biográfica e uma vertente ensaística. Conjuga os três géneros literários sem, todavia, ser nenhum deles. É como se tivesse pulverizado os géneros, destruído as fronteiras, derrubado as linhas divisórias e, nesse território liberto, erigido então o livro. Foi um trabalho – como direi? – subversivo.

Lourdes Féria

PORQUÊ Amadeo de Souza-Cardoso? Poderíamos pensar que Mário Cláudio o escolhera movido por um sentimento de admiração, porque o pintor lhe despertara uma enorme curiosidade cultural, tanto mais que desapareceu bruscamente, no auge da juventude e de uma carreira promissora. Nada disso se passou. *«Trata-se de uma figura por quem sinto uma certa antipatia. Acho-o arrogante, inculto e provavelmente cabotino... embora me parecesse um homem com uma consciência muito nítida, dos meios de que dispunha».*

Ao fim e ao cabo, *Amadeo* foi um pretexto no percurso do escritor. Ou talvez um produto do acaso, uma escolha fria, *«como quem escolhe uma camisa...»*, assim o interpretei. Era, por outro lado, a oportunidade de escrever sobre alguém que emerge de um espaço cultural e geográfico semelhante ao seu. De Manhufe, (terra de *Amadeo)* ao Porto, (onde nasceu Mário Cláudio), vai uma curta distância. Ambos os lugares se situam no mesmo perímetro, na mesma zona de um país pequeno mas diferenciado.

Pensei: uma confluência de raízes. Em parte bate certo. *«Falar de Amadeo era fazer uma espécie de recuperação da minha infância. Há ainda a considerar a época em que ele viveu... o princípio de século sempre me fascinou. Foi o período em que se fixaram os valores culturais que hoje vivemos. Claro que me deixei também levar pelo facto de estar a lidar com uma personalidade que nunca se completou. Escrever sobre Amadeo foi a forma que encontri de lhe devolver a vida por inteiro».*

Refulge na pintura provocando o espanto nos seus contemporâneos. Digamos que surpreendeu, que extasiou. Isso — auréola de pintura teria influenciado Mário Cláudio na sua opção? *«Bem... este livro inscreve-se num plano mais vasto que passará por outras vidas».* A verdade é que iniciou, com Amadeo, um ciclo a que se propõe continuá-lo seguindo no encalço de outras vidas ligadas às artes, Dois projectos tomaram corpo já na sua cabeça: um diz respeito a um músico e o outro a um artista popular. Por enquanto projectos ou mais do que projectos, mas sobre os quais me pede segredo.

Mas a reconstituição, ainda que ficcionada, de vidas requere muito trabalho. Ora, *«Amadeo»* exigiu-lhe pesquisa bibliográfica, audição de testemunhas orais, visita de lugares, análise de pintura... e muita paciência. E alguns dissabores — teve. *«Inclusivamente até fui a Paris onde tive problemas com os suseranos de Amadeo que me sujeitaram a toda a espécie de armadilhas. Levantaram inúmeras obstruções ao meu trabalho, interpondo-se entre mim e a viúva do pintor. Cheguei a ter um encontro marcado com ela e, à última hora, informaram-me de que estava em coma, o que era uma refinadíssima mentira.*

Para além da investigação, quase detectivesca, das tentativas de furar o bloqueio com que se defrontou, Mário Cláudio encontrou na família de *Amadeo*, sobrinhos e parentes mais próximos *«apoio e carinho pelo seu trabalho»*. Contudo, o que no livro mais pesa é o factor imaginação. Insisto: biografia? romance? *«Pode ser tudo ... romance, biografia, diário, poema...»* Ou uma teia de histórias que se cruzam numa circunferência que é a história referencial. Uma casa (com minúsculas) dentro de outra **Casa**. Ou o jogo permanente em que Mário se diverte (?) a despistar o leitor, a confundi-lo até à exaustão.

Círculo

Todavia não tem nada de lúdico este livro. Diria que contém, sim mistério. Enigma. Termina-se a leitura com esta interrogação: mas qual é o papel de todos estes personagens no meio disto tudo? Chama-me a atenção para a ambiguidade entre as duas casas e entre Papi, biógrafo, e Frederico, relator do biógrafo. *«Os personagens perseguem-se uns aos outros num círculo de fogo sem princípio nem fim. O enredo está construído num círculo vicioso de onde não ha possibilidades de saída».*

Sem medo de cair no ridículo ou pecar pelo exagero, sinto a tentação de qualificar *«Amadeo»* de genial, ao nível da construção narrativa. Biografia-romance, assentemos nesta designação para facilitar. *«Todo o romance é biografia e esta romance. O que me interessa na biografia é a existência de um esquema cronológico e factual, imposto de fora para dentro e que funciona como um excelente exercício de disciplina. Sem asfixiar a imaginação ou a inventiva, pelo menos no meu caso, faz com que ela se manifeste de forma mais ordenada e rigorosa».*

Quem procurar, na escrita de Mário Cláudio, o desbragamento, a vertigem, deverá bater rapidamente a outra porta pois enganou-se na direcção. Tudo o que escreve obedece a um controlo apertadíssimo. Talvez em demasia, no meu entender. Jamais se entrega a arrebatamentos, a lampejos de inspiração. **«A minha escrita é tudo o que há de menos mediúrnico. Há, no entanto, impulsos, que afeiçoo e depois disciplino. A escrita automática está muito aquém ou além do que pretendo fazer...»**

Para ser sincera confesso que leio Mário Cláudio com dificuldade. Custa-me penetrar na sua escrita, embora a aceite como um desafio. Quantas vezes (nem sei!) pus de lado e retomei **«Damasceno»**. Era como se quisesse ganhar uma aposta comigo própria. **«Talvez seja hermético... mas há vários níveis de leitura dos meus textos. Estando ligados às sensações pode haver neles uma fruição do tipo que se tem com uma música, um aroma, um sabor. Às vezes, agrada-me pensar que a minha escrita é comestível, que se pode consumir com os sentidos.»**

Comer... como uma laranja, um morango?

«Acho que seria a forma perfeita, o fim de uma carreira, o alvo atingido. Depois disso só valia a pena abandonar a escrita e dormir...» Imagino «Amadeo» verde, de um verde musgoso — húmido. Imagino «Amadeo» uva — vinho verde. Imagino «Amadeo» lírio do campo — um pouco «exquis». Imagino-o granítico e brumoso como o Norte.

Dissemo-nos de devaneios. Afinal o que conta «Amadeo»? Se o livro não é fresco, nem colagem mas um óleo rugoso, cheio de arestas, o que reproduz? «Pode-se ter uma fruição imediata ou uma atitude reflexiva. Como o mundo de reflexão de Proust na 'Busca do Tempo Perdido' desencandeado pelo sabor de uma bolacha...»

Há a linguagem, a maneira de dizer e o **dizer,** discurso ou mensagem (embora a palavra me desagrade) se quisermos. Que diz?

«Pode haver tanta coisa para contar que o efeito seja não contar coisa nenhuma. O mundo está de tal maneira carregado de vozes que para se dar conta de todas elas seria preciso esquecer cada uma por si.»

Mário Cláudio escreve com horário e método. Tudo o que escreve é tirado a ferros, massacrado. **«Não estou satisfeito com o processo de trabalho mas agrada-me o resultado dele. Nunca me lembro de ter escrito um texto de jacto, trabalho muito as mesmas linhas e quando julgo que estão prontas sinto-me irritado por não poder reescrevê-las de novo. Outras vezes é que como se esperasse que as gralhas realizassem o milagre de as corrigir.»**

Em 1969 publica **«Ciclo de Cipris»** uma colectânea de poemas que retirou, pressurosamente, do mercado ao aperceber-se de que aquilo nada tinha a ver com o que pretendia fazer como escritor. **«Um Verão Assim»** foi a sua primeira obra de ficção que, sendo escrita em 70, só surgiu, em edição, por alturas da Revolução de Abril. **«É um livro premonitório. Há uma ave que representa a figura do ditador e que acaba por ser assassinada por crianças que a sepultam sob flores vermelhas. Trata-se de um livro atravessado pela minha experiência da guerra colonial...»**

Mas não é um documento da guerra...

«Claro que não. Os meus livros são mais evocativos que documentais. Não são referências de tipo discursivo mas sugestivo. Prefiro que sugiram a que descrevam. Interessa-me mais a atmosfera do que o avontecimento, o que se sente ao que passa. Mais o sentido do que o acontecido.»

Tragédia

Falemos de sexo. Imperceptível o sexo na escrita de Mário Cláudio. Nela quase não existe essa marca. Os conceitos de femenino ou masculino aqui pouco interferem. **«A minha escrita talvez seja despojada de sexualidade mas não de erotismo. Mas não creio que seja destituída de sexualidade se a entendermos como embriaguez. Quanto a masculino e femenino... não sei bem o que seja. Essas assumpções estão dependentes do que se sabe, ou do que se assume, sobre a personalidade do autor. Não acredito que, perante um texto, se possa dizer, sem partir de um maniqueísmo sexual absolutamente retrógrado, se se trata de um texto masculino ou feminino.»**

Perdão. Permita-me que discorde... se o sexo é uma diferenciação isso tem forçosamente de lá estar. **«É uma diferenciação que tende para uma indeferenciação. O desejo tende para a abolição dos contrários. Quem duvida que a androgenia está no horizonte de qualquer amoroso? Há uma vontade de fusão. Quanto a mim a dicotomia sexual, feminino e masculino só consegue superar a sua tragédia que é a tragédia da solidão, na obtenção de um híbrido que será justamente o par de amantes.»**

Voltemos ao itinerário, na escrita, de Mário Cláudio. «Máscaras de Sábado» (de 76) vem a seguir. Obstaculiza-nos o caminho, quer ser visto como livro importante na carreira do escritor. **«Nesse livro há mais sínteses do que análises. É, no fundo, a história de uma cidade, das suas casas...»**

Porque fala mais de casas do que pessoas?

«Talvez porque as casas ligadas ao meu passado tenham vindo sucessivamente a ser demolidas, o que faz com que olhe para esse passado como para uma paisagem de escombros».

O apego aos sítios, aos objectos, ao espaço. Mário Cláudio não tem impulsos nómadas, gosto pela errância. Fixa-se no seu território com tudo o que o constitui, e morreria se o tirassem dele. **«Sou uma espécie de gato. Vejo os lugares como se fossem pessoas, dotados de alma própria. Quando parto para uma ausência longa sinto uma infinita compaixão pela casa onde vivo e que vai ficar sozinha todo esse tempo».**

Daí que os objectos percorram a sua escrita e esta os anime como sucede com a Casa de Manhufe em «Amadeo». Lembra-me Edgar Poe, sem os excessos das forças ocultas que comandam. Do terror que nos insinua. Embora as casas de Mário Cláudio também possam ter poderes devastadores. **«A minha escrita vive muito de presença de determinados objectos talismânicos: um seixo que veio de Kent, uma pequena concha recolhida numa praia do Adriático, uma folha, uma pétala ou uma flor de esteva. Guardo coisas que foram tocadas em certa hora da minha vida, por pessoas de quem gosto ou pelo que a minha imaginação nelas depositou. O meu universo é, na verdade, muito coisificado... mas a arte também é uma procissão de coisas».**

Mário Cláudio nasceu, no Porto, há 42 anos. É licenciado em Direito, mas pouca experiência profissional tem dessa matéria. Ainda advogou na Guiné, onde esteve como «tropa», embora nunca assumisse muito a sério esse papel. **«Comprometia-me de tal forma com os problemas dos meus clientes que me sentia mais bombeiro voluntário do que advogado».** Mais tarde faz o curso de bibliotecário-arquivista, seguido de uma pós-graduação, em Londres, graças a uma bolsa do Instituto Nacional de Investigação Científica. Actualmente trabalha no Museu de Literatura do Porto .... e escreve.

Escreve mas não se leva muito a sério. **«Quanto mais a sério nos tomamos mais irreconciliados nos deparamos com a vida. Gosto de estar comigo de uma forma sorridente mas sem complacência. Normalmente os nossos escritores levam-se muito a sério, o que faz com que mumifiquem. Demonstram uma certa vocação para figuras de cera e isso pode estancar-lhe os veios da criatividade...»**

Retomemos *Amadeo*. Aquilo a que se chama uma estética do Norte, ou seja, o lado frio, hirto, brumoso de escrita de Mário Cláudio. *Tenho de facto essa dimensão. Sou do Norte, vivi muitos anos em Inglaterra e a família do meu pai foi muito marcada pelos irlandeses. Hábitos rígidos dominaram a minha educação, o que se reflectiu no aspecto afectivo. A minha bisavó era uma mulher quase vitoriana: tinha 12 filhos e nenhum se lembra de ela alguma vez os ter beijado.*

Sentir-se um homem do Norte é gostar da neblina, do cinzento, da bruma. De um certo mistério que nunca se dissipa. No Sul os extremos estão bastante mais compartimentados, tudo é mais contrastante. *Não obstante me sentir atraído pelo Sul, pelo seu lado sensual e mediterrânico, há nele um elemento mental que me escapa e com que não me identifico. Sinto a nostalgia das paisagens litorais varridas pelo vento, como acontece com as praias do Minho, ou sufocadas pela bruma, como as praias da Cornualha... aqui é como se estivesse em casa.*

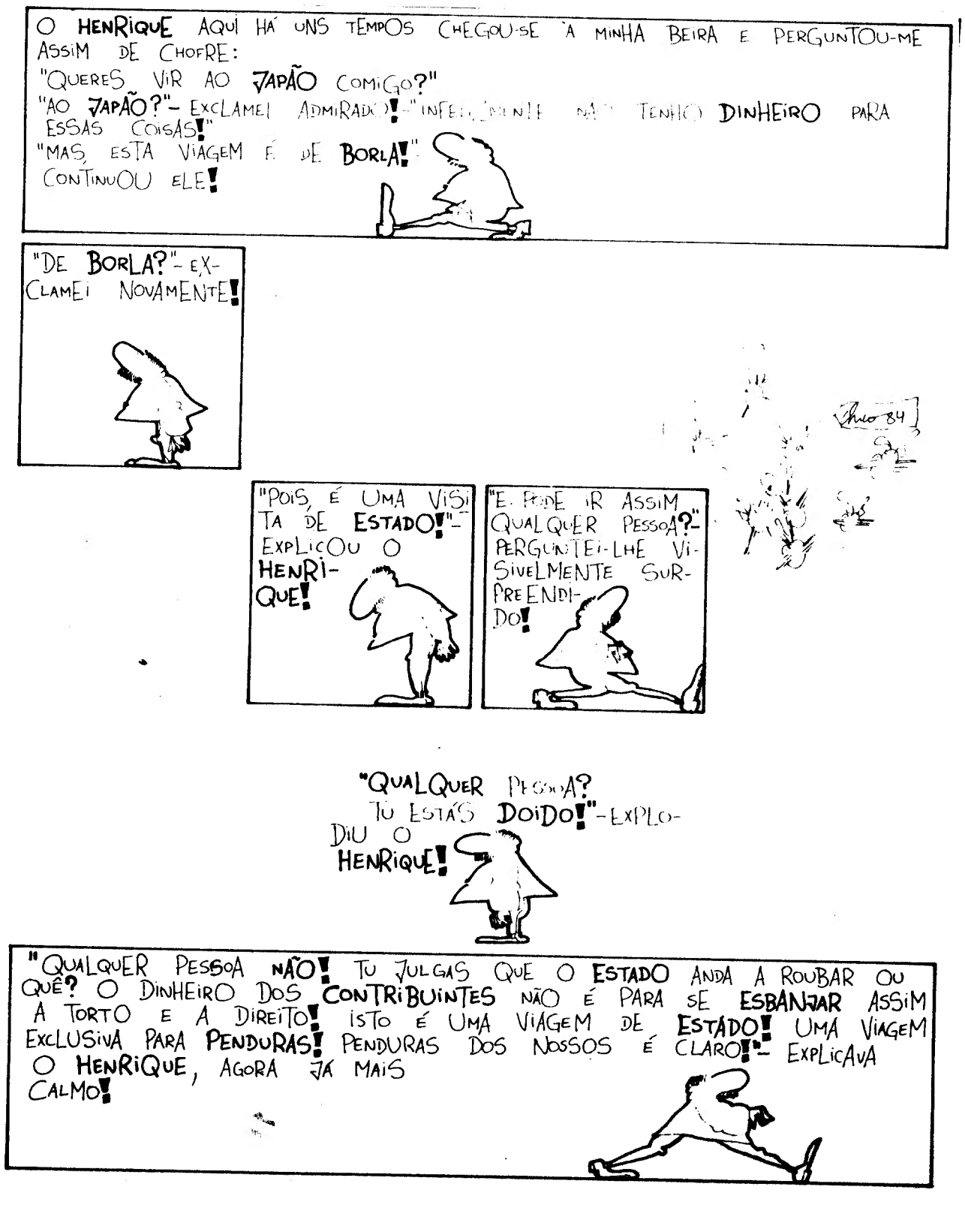
Não o impressiona a claridade branca?

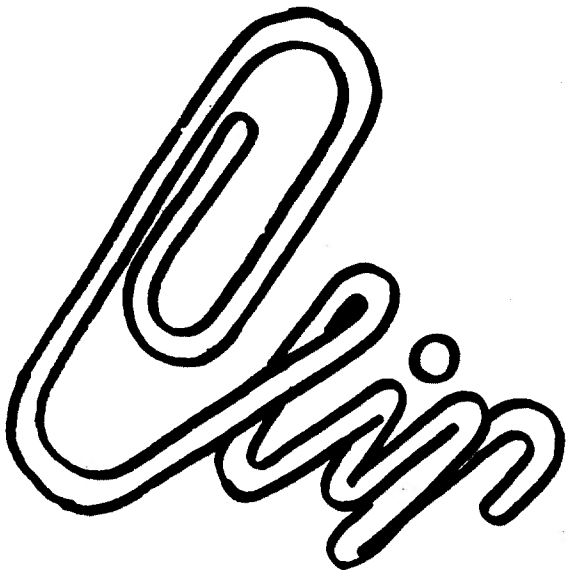
Por muito que me lisongeie os sentidos funciona, sempre, como uma agressão, uma violência...

Mário Cláudio assume, por completo, a componente celta da raça portuguesa. Ou pelo menos, agrada-lhe acreditar que assim é, na medida que a volta disto constrói todo um universo novelesco. *A verdade é que gosto de estar do lado menos transparente da vida, do lado mais difuso, porque me parece ser aí que se jogam as grandes batalhas e se vivem as grandes aventuras. Eu podia dizer que o Norte, a bruma, anda à procura do Graal e o Sul de Alcácer Quibir... mas isto é também uma simplificação.*

Eis três escritores da sua afeição: Joyce, Vergínia Woolf e Faulkner. De quem gosta moderadamente, sem arrebatamentos. Mário Cláudio é um homem do Nørte... Como se vê. ■

doces crónicas





● Durante três noites, Djavan apresenta-se no Coliseu dos Recreios acompanhado por nove músicos e com a intenção de dar a conhecer nove anos de carreira musical: uma retrospectiva que termina no seu último L.P, «Lilás». Em Lisboa, a partir de amanhã, às 21 e 30, a oportunidade de melhor conhecer uma viagem entre o Nordeste brasileiro e África. Também amanhã, mas desta vez no Frágil, a música pode ser pretexto para partir... Anamar canta 13 canções de filmes dos anos 30 até 83. Os músicos que a acompanham são António Emiliano, Ramón Galarza, Luís Filipe Valentim e Carlos Martins. O programa repete na quarta e quinta-feira. Na sexta-feira, às 22 e 30, dê uma chance à Televisão! Na RTP-2. «Clube de Jazz» apresenta Dukee Elington, durante o seu espectáculo em Cascais, em 1973.

● «O Labirinto na Arte Contemporânea» é o tema da exposição que na quarta-feira é inaugurada no Centro de Arte Moderna e que integra obras de Alechinsky, Dubuffet, Ubac, Vieira da Silva, José de Guimarães, Cruzeiro Seixas, Noronha da Costa, entre outros. No mesmo dia, às 22 horas, no anfiteatro ao ar liver do Centro, o espectáculo «L'Homme du Labyrinthe» de Jean Clarence Lambert, Jean Yves Bosseur e Michel Moy. Espectáculo que pode também ser visto na quinta e sexta-feira, à mesma hora. Mas o (o) labirinto (s) é ainda tema para dois colóquios que têm lugar no Centro de Arte Moderna na quinta e sexta-feira, a partir das 10 horas. As comunicações estão a cargo de Maria Helena Pereira, Yvette Centeno, Lima de Freitas, Alberto Pimenta, Jean Clarence Lambert, Jean Yves Bosseur, Michel Moy, Leonor B. Buescu e José Augusto Seabra.

● «O Amigo Americano» de Wim Wenderes é o filme de quarta-feira no MIFEST, actualmente a decorrer no Auditório Carlos Alberto, no Porto. Na Cinemateca prossegue o ciclo de cinema inglês. Aqui lhe deixamos duas sugestões: «O Terceiro Homem» de Carol Reed, na quinta-feira, às 21 e 30 e «Oito Vidas por um Título» de Robert Hamer, com Alec Guiness a representar oito papeis diferentes. Na sexta-feira à mesma hora. Mas sexta é também o primeiro dia do ciclo dedicado a Werner Herzog pelo ABC. Na Sociedade Portuguesa de Autores, às 18 e 15, «O Enigma de Caspar Hauser».

Discos clássicos e jazz

Wagner: aberturas e Prólogos. Chopin: C. n.º 1; op. 10 e 25. Mozart: M. Solene. Tellemann: Music de Table I. Rebel: L'Elementes Debussy: La Mer; L'Aprés Midi... Ravel: Daphnis et Chloé. Albinoni: Opus 9. Tchaikovsky: Patética. Jim Hall: Live Jan Garbarek: Dis. Milt Jackson: Second Nature.

Telef. 2766150 (19, 30-20, 30).

Quintinha

De recreio e cultivo, 4 km de Portalegre, c/casa, muitas árvores de fruto, terra fértil, água inesgotável, electricidade. Muito aprazível. Vende-se Telef. 22892-22058.

Gravador de fita profissional

Pró-12 Philips vendo com pouco uso pela melhor oferta cartas com ofertas para: José M.P. Dias — Rua dos Soeiros, lote A 1-3.º esquerdo — 1500 LISBOA. Aparelho muito útil para estúdios.

Austin Allegro

Austin Allegro 3 1.3 L de 1981, c/alguns extras, cor vermelha, um só dono, revisionado, necessita de uma polidela e, no interior, da consola que suporta o rádio, 360 contos de particular a particular. Telefone para 651349 nas horas de expediente e 963165 a partir das 20 h.

Postais-Selos

Aceito ofertas postais: «Forum Roma cent 10» — «La Jaconda 1o e Paris» e «Theatro e Jardim Público 10 Reis D. Carlos Funchal». Selos «Vasco Gama» 2 1/2 (53), 25 reis (20) e 25 reis «República» (7) S. Tomé e Príncipe c/sobre carga «República» e «Dez centavos»: 2 de 115 reis (duas cores) e 3 de 130 reis (3 cores) — e 8 selos da colecção «Legião Portuguesa» (8 taxas). A. J. R. Lusíadas 122 2.º direito 1300 —Lxª.

Amador de video

Procura-se quem disponha de aparelhagem e aceite colaborar em trabalho de gravações e transcrições. Contactar telefone 327246.

Andar

Vende-se andar — 3 asso. — 1 sala comum — 2 casas de banho — coz. — arrecad. 15 m. Próximo S. João do Estoril. Telefone 9260775.

«Atelier» procura-se

Três jovens pintores procuram 3/4 divisões para alugar, em Lisboa, para habitação e «atelier», bem localizado e com boa iluminação. De preço acessível. Contactar com 775346 (Rodrigo Leal)

Vamos trocar casas?

Sugiro que esta coluna seja aproveitada para ofertas de casas durante o período de férias, por parte de quem disponha de habitação que possa trocar. Ao preço a que a vida está, esta seria uma maneira de reduzir as despesas com férias de que todos precisamos.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

SAI DE UMA SÓ VEZ EM CADA SEGUNDA-FEIRA

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência, Diário de Lisboa /Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA